

LUCIANA ROSSI MOITA

**O Papel das Lâminas D'água no Espaço Urbano: Atração ou Repulsão
O caso do Lago Azul de Rio Claro, SP**

Dissertação Apresentada para o Programa
de Pós – Graduação em Geografia, na área
de Organização do Espaço, para obtenção
de título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mirna Lygia Vieira

Rio Claro (SP)
2007

918.1415 Moita, Luciana Rossi
M715p O papel das lâminas d'água no espaço urbano: atração
ou repulsão – o caso do Lago Azul de Rio Claro, SP /
Luciana Rossi Moita. -- Rio Claro : [s.n.], 2007
178 f. : il., figs., tabs., fots., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Mirna Lygia Vieira

1. Geografia – Rio Claro (SP) 2. Espaços urbanos. 3. Re-
criação. 4. Topofilia. 5. Topofobia. 6. Lugar. I. Título.

Luciana Rossi Moita

**O papel das lâminas d'água no espaço urbano: atração ou repulsão
O caso do Lago Azul de Rio Claro, SP**

Dissertação Apresentada para o Programa de Pós – Graduação em Geografia, na área de Organização do Espaço, para obtenção de título de Mestre.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirna Lygia Vieira

Prof. Dr. Helmut Troppmair (Presidente da banca)

Prof^a. Dr^a. Silvia Aparecida Guarnieri Ortigosa

Prof^a. Dr^a. Renata Barrocas

**Luciana Rossi Moita
Aluna**

Data da Aprovação

Rio Claro, 10 de setembro de 2007

Dedicatória

À Prof^a. Dr^a. Mirna Lygia Vieira

Por sua competência, dedicação e amizade.

Agradecimentos

A DEUS, acima de tudo, presente em todos os momentos de minha vida, minha luz, força e esperança!

À mãe natureza, que nos contempla com seus recursos naturais!

À Prefeitura, ao Departamento de Parques e Jardins, na pessoa do prefeito Demerval Nevoeiro da Fonseca Jr;

Aos funcionários do Parque Municipal Lago Azul;

Ao Departamento Autônomo de Água e Esgoto de Rio Claro – DAAE;

À Pós-Graduação em Geografia, na pessoa da coordenadora Prof^a. Dr^a. Silvia Ap. Guarnieri Ortigosa;

Ao Departamento de Geografia, aos professores, que não mediram esforços para que o curso noturno tivesse qualidade realmente unespiana;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela bolsa;

Às bibliotecárias, pela paciência e amizade;

Aos funcionários e funcionárias do curso de Geografia, pelos cafezinhos e bons papos;

Aos funcionários Arnaldo Rosalém e Gilberto D'Henrique, muito obrigada, pela amizade, acima de tudo, e por toda ajuda indispensável que me deram, com paciência e carisma;

Ao amigo e geógrafo Celso Faustino da Silva Jr, que indicou este caminho de pesquisa, incentivou-me a avançar nos estudos;

À Maria Clara Pedroso, minha filha, meu tesouro e minha inspiração, que participou de todo o processo de pesquisa, com sua paciência, alegria e carisma!

À minha mamãe, Maria Helena Rossi Moita, que me ajudou ao longo de toda esta caminhada em todos os sentidos!

Ao meu pai, Sylvio Moita, presente espiritualmente, na luz!

Às irmãs queridas Silvia M^a. Rossi Moita Scatolin e Claudia Rossi Moita Picareli, pela paciência, amizade, confiança e ajuda indispensáveis, material e espiritual!

Ao meu querido irmão Daniel Rossi Moita, que sempre acreditou em meu potencial!

Aos meus queridos sobrinhos Bruno Picareli, Cinthia Moita Scatolin, Lucas Picareli e Isabela Astolfi Moita, obrigada pela força e amizade!

Aos meus queridos cunhados Eli A. Scatolin e Ismael Picareli, e minha cunhada Ana Carolina Astolfi Moita, obrigada pela amizade e por toda ajuda!

Aos queridos amigos e tios Vicente Rossi e Luciana Augusto, prima Inara A. Rossi, pela amizade, pelo empréstimo da máquina digital, CDS e computador! Sem vocês este trabalho não teria tanta ilustração!

À Vanilce Fratucelli, uma luz no fim do túnel, anjo da guarda encarnada, que me fez acreditar mais na minha vida!

Aos meus verdadeiros amigos geógrafos, que sempre torceram por mim: Ariane Gutzlaff da Silva e Ewerton de Oliveira Cardoso.

Aos amigos da minha vida, por acreditarem em mim, obrigada pela torcida: Marieta Albuquerque de Melo, Maurício Farias de Oliveira, Denise Aranha Turola, Luciano Rossini, Heloísa Toller Bray, Cristiane Toller Bray, Valéria Baroni, André Perinotto, Maria Aparecida Brasil Bueno, Bruno Brasil Bueno, Raquel Silva Bueno, Rosemeire Massarutto e tantos outros!

A Daiane Basso, obrigada pela máquina digital, paciência, incentivo e amizade verdadeira!

Ao amigo João Batista Roberto, amizade verdadeira de longa data, que sempre acreditou e torceu em mim!

Ao amigo Jorge Luiz Amadi, pelo incentivo e orações!

Aos amigos da Geografia 2000 – aos bons tempos de estudo, churrascos, trabalhos de campo, principalmente os da professora Mirna (inesquecíveis!!!)

Aos amigos da pós-graduação, mais antigos e mais novos, pela amizade.

A todas as pessoas que me amam, enfim, como eu sou, pelo que eu sou!

Obrigada a todos!

Água que nasce na fonte
Serena do mundo
E que abre o profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população
Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco do trovão
E depois dormem tranqüilas
No leito dos lagos, no leito dos lagos

Águas dos igarapés, onde Iara, mãe d'água
É misteriosa canção
Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão
Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
Gotas de água da chuva, tão tristes
São lágrimas na inundação
Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes pro fundo da terra
Pro fundo da terra
Terra, planeta água
Terra, planeta água

(Terra, Planeta Água - Guilherme Arantes)

RESUMO

Os espaços de recreação na paisagem urbana são muito significativos para a população local e visitantes, apresentando-se como referências atrativas para um bom aproveitamento do tempo livre, devendo proporcionar qualidade de vida, por exemplo, com funções recreativas, lúdicas, esportivas, entre outras.

Normalmente, esses espaços possuem lâminas d'água e áreas verdes, oferecendo ainda, qualidade de vida ambiental, como conforto térmico, retenção da poluição do ar, da poluição visual e sonora, entre outros.

Esta pesquisa com abordagem perceptiva do ser humano em relação ao espaço recreativo do Lago Azul de Rio Claro, SP, teve por objetivos analisar, descrever e interpretar o papel das lâminas d'água como atração ou repulsão em lugares urbanos.

A metodologia aqui utilizada, baseada nos pressupostos de Fisk e Hatry (1983), que fora empregada em diversos espaços de recreação em lugares urbanos nos Estados Unidos, pode revelar as diversas maneiras como são utilizados os centros recreativos pela população, possibilitando aplicar esses conhecimentos acadêmicos na sociedade, proporcionando condições e mudanças na organização do espaço, visando inclusive a qualidade de vida de uma população.

Portanto, o poder público local deve estar atento às expectativas de um povo que vive e convive com este lugar, para que este receba melhorias para sua conservação de acordo com os anseios e necessidades de sua população, tornando-se um lugar atrativo em todos os momentos de lazer.

Palavras-chave: Recreação; Lâminas d'água; Topofilia; Topofobia; Lugar; Lago Azul.

ABSTRACT

The spaces of recreation in the urban landscape are many significant for the visiting and local population presenting itself with attractive references for a good free time utilization should provide quality of life with sporting, playful, recreational functions between others.

Normally these spaces possess of water sheets and green areas offering still environmental life quality as thermal comfort, the air pollution retention, sonorous and visual pollution between others.

This research with perceptive approach of a human regarding to the recreational space of Lago Azul from Rio Claro, SP, had for objectives analyze, describe and interpret the water sheets paper as appeal or repulsion in urban places.

The methodology here studied, based on the budgets of Fisk and Hatry (1983), that outside employed in diverse recreation spaces in urban places in the United States, can reveal the diverse ways as healthy utilized the recreational centers by the population enabling apply these academic knowledge in the society; providing conditions and changes in the space's organization, aiming at including to the quality of life improvement of any population.

Therefore, the local public power should be aware the people's expectations that live and lives together with this place for this receive improvements for its conservation according to the yearnings and needs of its population, becoming an attractive place in all leisure moments.

Key words: Recreation; Water Sheets; Topophilia; Landscapes of fear, Place, Lago Azul.

Lista de Figuras

Figura 1: Abastecimento das cidades: tanques para tratamento das águas.....	27
Figura 2: ETE - estação de tratamento de esgoto.....	29
Figura 3: Ribeirão das Araras: águas poluídas do rio que corta o centro da cidade de Araras, SP.....	30
Figura 4: Vista aérea do Porto de Manaus, AM.....	31
Figura 5: Rio Amazonas, AM.....	32
Figura 6: Embarcação de porte pequeno no baixo São Francisco. As velas coloridas são típicas da região.....	32
Figura 7: Rio São Francisco: possibilidades de navegação de vários portes.....	33
Figura 8: Rio Danúbio: corta a capital da Hungria, Budapeste.....	33
Figura 9: Economia pesqueira na ilha grega Hidra, Grécia.....	34
Figura 10: Alunos de escola da várzea municipal de Santarém, PA, realizando campanha de coleta seletiva durante a cheia.....	34
Figura 11: Lavadeiras do rio São Francisco.....	35
Figura 12: Usina hidrelétrica de Itaipu, sul do Brasil.....	36
Figura 13: Vista aérea da usina de Sobradinho, BA.....	37
Figura 14: Hidrelétrica de Tucuruí, PA.....	37
Figura 15: Irrigação no vale do rio São Francisco, sertão nordestino.....	38
Figura 16: Resultado da irrigação em áreas de vinícolas, no sertão nordestino.....	39
Figura 17: Cachoeira da cuesta do alto Cantagalo em Ipeúna, SP.....	42
Figura 18: Rafting: turismo de aventura nas águas de Brotas, SP.....	43
Figura 19: Práticas esportivas em Brotas, SP.....	43
Figura 20: Seleção de fotos em Brotas, SP: águas superficiais para fins esportivos e recreação.....	44

Figura 21: Rio Jacaré Pepira, Brotas, SP: águas superficiais em espaços abertos à população.....	44
Figura 22: Cachoeira do rio Jacaré Pepira e seus visitantes, em Brotas, SP: recreação para todos.....	45
Figura 23: Vista da Serra do Mar, litoral paulista, em Caraguatatuba, SP.....	48
Figura 24: Litoral nordestino: atrativo de recreação. Praia de Tambau, João Pessoa, PB.....	48
Figura 25: Piscina: águas doces para fins recreativos.....	50
Figuras 26 e 27: Mergulho em Parati, RJ: águas salinas para fins esportivos.....	50
Figura 28: Rio Tâmisa: Londres, Inglaterra.....	53
Figura 29: Na região dos Lagos, RJ, Araruama.....	60
Figura 30: Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ.....	60
Figura 31: Na cidade de Sete Lagoas, MG, no centro da cidade, exuberante lagoa valoriza o entorno concretizado.....	61
Figura 32: Parque do Piqueri, SP, mantém espécies da fauna e flora bem diversificadas.....	62
Figura 33: Parque da Aclimação, SP.....	63
Figura 34: Lagoa do Taquaral, Campinas, SP.....	64
Figura 35: Lago Biris, Charqueada, SP.....	65
Figura 36: O Lago Azul de Rio Claro, SP: espaço público de recreação.....	66
Figura 37: Localização do município de Rio Claro, no estado de SP.....	80
Figura 38: População rio-clarense, que abastecia suas casas com a água das bicas.....	83
Figura 39: Pontos de abastecimento de água na área central de Rio Claro, SP.....	85
Figura 40: O Chalet, rua dois com avenida vinte e seis e vinte e oito.....	87
Figura 41 : Esboço hidrográfico do município de Rio Claro, SP.....	89
Figura 42: Captação do manancial da Vila Christina.....	90
Figura 43: Antigo sistema de captação de água do Ribeirão Claro.....	91

Figura 44: Construção das novas galerias da estação ETA I, em 1968.....	93
Figura 45: Construção das novas galerias da estação ETA I, em 1968.....	93
Figura 46 e 47: Canalização do Córrego da Servidão.....	94
Figura 48: Canalização do Córrego da Servidão, no final da década de 1960.....	95
Figura 49: Canalização do Córrego da Servidão.....	95
Figura 50: Inauguração da Avenida Visconde do Rio Claro, em 1971.....	96
Figura 51: Construção da barragem do córrego, para absorção de enchentes, entre outros.....	96
Figura 52: Represamento do Córrego da Servidão para evitar a erosão, década de 1970.....	97
Figura 53: Construção do Lago, década de 1970.....	97
Figura 54: Construção do Lago.....	97
Figura 55: Inauguração do Lago em 24 de junho de 1972.....	98
Figura 56: Foto aérea do Lago Azul em 1972.....	99
Figura 57: Entrada principal do Centro Cultural Roberto Palmari.....	100
Figura 58: Entrada para o Centro Cultural nas imediações do Lago.....	101
Figura 59: No fundo, à direita, entrada do bar cultural	101
Figura 60: Vista do bar cultural, nas imediações do Lago.....	101
Figura 61: Esboço do Lago Azul e da Avenida Visconde do Rio Claro.....	104
Figura 62: Estação de Tratamento de Esgoto (Ete) Ajapi.....	105
Figura 63: ETE Jardim das Palmeiras.....	106
Figura 64: ETE Jardim das Flores.....	106
Figura 65: Estacionamento da ala leste.....	111
Figura 66: Estacionamento da ala leste.....	111
Figura 67: Administração do Lago Azul.....	111

Figura 68: Bebedouro azulejado na entrada da ala leste.....	112
Figura 69: Banheiros do Lago Azul.....	112
Figura 70: Entrada no Parque Municipal, ala leste.....	113
Figura 71: Entrada no Parque Municipal, ala leste.....	113
Figura 72: Ala leste: arborização.....	113
Figura 73: Mesa de pingue e pongue: recreação.....	114
Figura 74: Salão na ala norte.....	114
Figura 75: Galpão.....	114
Figura 76: Vista do salão, ao fundo, a administração.....	115
Figura 77: Corredores para acesso ao parque	115
Figura 78: Vista dos campos de recreação.....	115
Figura 79: Sorveteria.....	116
Figura 80: Campo de bocha.....	116
Figura 81: Pessoal aposentado jogando cartas.....	117
Figura 82: Campo de bocha.....	117
Figura 83: Carrinho de brinquedo: passeio no parque.....	117
Figura 84: Parque infantil de madeira.....	118
Figura 85: Parque infantil de madeira.....	118
Figura 86: Acesso ao parque infantil, pela ala leste e estacionamento de bicicletas.....	119
Figura 87: Corredores entre o lago (separado por alambrados de madeira, à esquerda) e o parque infantil à direita da foto.....	119
Figura 88: Parque infantil.....	120
Figura 89: Parque infantil.....	121
Figura 90: Parque infantil com canteiros: descanso nas sombras das árvores.....	121

Figura 91: Parque infantil com canteiros: descanso nas sombras das árvores.....	121
Figura 92: Latões de lixo nas imediações do parque infantil.....	122
Figura 93: Galpão de madeira.....	122
Figura 94: Área de vegetação extensa.....	123
Figura 95: Área com bancos de descanso.....	123
Figura 96: Viveiro com aspecto de repulsão e abandono.....	124
Figura 97: Viveiro com aspecto de repulsão e abandono.....	124
Figura 98: As Araras Azuis contracenam com a paisagem ao fundo: o lago.....	124
Figura 99: As Araras Azuis contracenam com a paisagem ao fundo: o lago.....	124
Figura 100: Vegetação: várias espécies como o fícus estão constantemente presentes.....	125
Figura 101: Vegetação: várias espécies como o fícus estão constantemente presentes.....	125
Figura 102: Canteiros da ala sul rodeiam a estatueta majestosa do Leão.....	125
Figura 103: Bandeira de Rio Claro:.....	126
Figura 104: Escultura do Leão da bandeira rio-clarense: marco histórico no Lago Azul.....	126
Figura 105: Leão, um marco referencial no Lago Azul na avenida trinta e dois com a Avenida Visconde do Rio Claro.....	126
Figura 106: Out put do Córrego da Servidão em relação ao lago e casa das máquinas.....	127
Figura 107 : Out put do Córrego da Servidão em relação ao lago e casa das máquinas.....	127
Figura 108: Ala oeste: corredores, áreas verdes e bancos de descanso.....	127
Figura 109: Palco do projeto quatro e meia.....	128
Figura 110: Pedalinhos: recreação e entretenimento.....	128
Figura 111: Barco ao pôr do sol para verificação das imediações do lago.....	129
Figura 112: Vista do Centro Cultural Roberto Palmari.....	129
Figura 113: Entrada no Parque Municipal pela avenida quarenta.....	130

Figura 114: Entrada no Parque Municipal pela avenida quarenta.....	130
Figura 115: Ilha: refúgio das aves e outras espécies.....	130
Figura 116: Patos nas proximidades da “ilha”	131
Figura 117: Campo de gatte ball.....	131
Figura 118: Quadra de skate.....	132
Figura 119: Campo de futebol e basquete.....	132
Figura 120: Localização dos bairros próximos ao Lago Azul.....	142
Figura 121: Localização dos bairros próximos à zona central.....	146

Lista de Tabelas

Tabela 1: Evolução do espaço urbano de Rio Claro, SP, entre 1827 e 1881.....	82
Tabela 2: Evolução da população de Rio Claro, SP, de 1940 a 1970.....	94
Tabela 3: Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo Sexo.....	136
Tabela 4: Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo Sexo e Percentual.....	137
Tabela 5: Usuários, segundo Sexo.....	138
Tabela 6: Usuários, segundo Idade.....	138
Tabela 7: Usuários, segundo Grau de Instrução.....	139
Tabela 8: Usuários, segundo Deficiência.....	140
Tabela 9: Usuários, segundo Área de Residência.....	141
Tabela 10: Não Usuários, segundo Sexo.....	143
Tabela 11: Não Usuários, segundo Idade.....	143
Tabela 12: Não Usuários, segundo Grau de Instrução.....	144
Tabela 13: Não Usuários, segundo Deficiência.....	144
Tabela 14: Não Usuários, segundo Área de Residência.....	145
Tabela 15: Usuários, segundo Idade, Grau de Instrução e Área de Residência.....	150
Tabela 16: Usuários, segundo Grau de Instrução, Frequência e Atividades	151
Tabela 17: Usuários, segundo Satisfação aos Serviços Recreativos.....	152
Tabela 18: Usuários, segundo Acessibilidade.....	153
Tabela 19: Usuários, segundo Tempo de Deslocamento em minutos.....	154
Tabela 20: Usuários, segundo Variedade de Atividades Interessantes.....	155
Tabela 21: Usuários, segundo Frequência.....	156
Tabela 22: Usuários, segundo Razão de Frequência.....	157

Tabela 23: Usuários, segundo Serviços Prestados.....	158
Tabela 24: Usuários, segundo o Papel das Lâminas D'água.....	159
Tabela 25: Usuários, segundo Atração ou Repulsão das Águas.....	160
Tabela 26: Usuários, segundo Conservação do Parque Municipal Lago Azul.....	161
Tabela 27: Usuários, segundo Percepção Ambiental.....	162
Tabela 28: Não Usuários, segundo Conhecimento.....	163
Tabela 29: Não Usuários, segundo Utilização do Parque Municipal Lago Azul.....	164
Tabela 30: Não Usuários, segundo Acesso e Tipo de Acesso.....	165
Tabela 31: Não Usuários, segundo Conhecimento das Atividades Existentes.....	166
Tabela 32: Não Usuários, segundo Atividades Interessantes.....	167
Tabela 33: Não Usuários, segundo Atração ou Repulsão pelas Lâminas D'água.....	168
Tabela 34: Não Usuários, segundo Outras Recreações.....	169
Tabela 35: Não Usuários, segundo Conservação do Lago Azul.....	169
Tabela 36: Não Usuários, segundo Percepção Ambiental.....	170

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Página 18
CAPÍTULO I – ÁGUAS SUPERFICIAIS.....	24
1. Múltiplas utilidades.....	25
2. Recreação	45
3. Água e recreação: algumas reflexões.....	51
4. Classificação de águas no território nacional.....	55
5. Democratização de áreas: áreas com águas superficiais.....	58
CAPÍTULO II - UMA AMOSTRA DA PAISAGEM URBANA RECREATIVA: O OLHAR PERCEPTIVO.....	68
1. Espaços de recreação.....	69
2. Paisagem, lugar e percepção ambiental: alguns conceitos e reflexões.....	71
CAPÍTULO III – O LAGO AZUL NA HISTÓRIA DE RIO CLARO, SP.....	78
1. A história da água na cidade de Rio Claro, SP.....	79
2. A formação do Lago Azul.....	98
3. Autores que abordaram o tema Lago Azul de Rio Claro, SP.....	107
4. O Lago Azul de 2007.....	109
CAPÍTULO IV – A PESQUISA.....	133
1. Realização da pesquisa.....	134
2. Caracterização dos sujeitos.....	137
3. Instrumentos de medida.....	146
4. Coleta de dados.....	148
5. Resultados e discussões.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
1. Lago Azul: um referencial da cidade de Rio Claro, SP.....	172
2. Avaliação de Impacto Ambiental (AIA) Lago Azul.....	180
REFERÊNCIAS.....	182
ANEXOS.....	187
Questionários.....	187
Texto: ano de 2070.....	190

INTRODUÇÃO

“TUDO É ÁGUA”. (Tales de Mileto, VI a.C.)

Valioso e precioso bem da natureza, a água é considerada essência da vida. Sua simbologia remete à fertilidade e à pureza. Tema da Campanha da Fraternidade 2004¹, a água é descrita como fonte da vida, símbolo do batismo; como meio de purificação, através do banho diário, que revigora o físico e a mente; como meio de regeneração, apontada como o bem, por meio da graça divina, esperança do corpo para o espírito.

A múltipla utilidade da água se faz presente, na história da humanidade, desde os tempos mais remotos. Muitas civilizações nasceram às margens dos rios. Utilizando-se deles, e também dos oceanos, os homens ultrapassaram fronteiras e descobriram novos continentes.

Também como elemento da natureza, a água provoca sentimentos no ser humano, os mais diversos. Às vezes nos remete a sentimentos positivos, como os de alegria, frescor, recreação; mas também pode nos remeter a sentimentos de medo, aversão e escuridão.

Na percepção geográfica diante da paisagem urbana, a geografia, como ciência que organiza o espaço², vem, desde meados do século XX, desvendando os sentimentos do ser humano em relação aos lugares por ele habitados, naturais e construídos. Segundo Tuan³ (1980) as paisagens se apresentam ao ser humano como topofílicas e, ainda, segundo Tuan (2005) como topofóbicas, remetendo-o às mais profundas emoções e sentimentos, como atração ou repulsão, agradabilidade ou medo de um lugar.

Nas cidades, o homem busca possibilidades de circulação, aglutinação, aproximação e/ou o afastamento de outros seres vivos, como um todo, em busca de fixação e abrigo, de trabalho e de lazer. Segundo Landim (2003, p. 25): “as formas de aglomeração humana não se limitam simplesmente a suas dimensões e funções. Trata-se de espaços que, para o homem, diferem em qualidade e significação”. E é por isso que o ser humano dá significado aos lugares.

¹ Souza, A. M. G. F., et al (2004).

² Segundo Ab’Saber e Plantenberg (2002, p.30) espaço “é o arranjo e o perfil adquiridos por uma determinada área em função da organização humana que lhe foi imposta ao longo dos tempos”.

³ Para Tuan, 1980 e 2005, respectivamente, o ser humano pode ter com as paisagens, relações afetivas (topofilia) ou de medo (topofobia).

Nesse contexto, o aumento da demanda por áreas verdes nas cidades, e que possivelmente possuam lâminas d'água, tem sido um termômetro da busca do homem por si mesmo, de sua essência como ser natural, segundo Capra⁴ (1996).

Com o crescimento dos centros urbanos e, geralmente, devido ao cotidiano estressante, a população busca o entretenimento no tempo do não trabalho, no tempo livre, e comumente se instala em áreas verdes, como espaços públicos ou privados de lazer, como parques, jardins e clubes.

No município de Rio Claro, interior de São Paulo, o Lago Azul se apresenta com suas áreas verdes e lâmina d'água, como um espaço público de lazer e recreação. Criado em 1972 pelo poder público, tinha por objetivo tornar-se um lugar agradável, de contato com a natureza, oferecendo alguns atrativos, como parque infantil, quadras esportivas, pistas de caminhadas, o que não ocorreu na época. Isso tudo só começou a se tornar realidade na década de 1990, e hoje tem, o perfil de espaço público de lazer, recebendo populações de toda a sorte.

Em uma rápida observação, percebe-se que durante a semana este espaço é freqüentado por pessoas de toda classe social, e, nos finais de semana, principalmente no espaço interno, por muitas pessoas de baixa renda, que não possuem oportunidades de deslocamento para uma segunda residência ou clubes fechados e particulares para lazer, os quais exigem recursos financeiros.

O espaço do Lago Azul é também um local de suma importância para os cidadãos rio-clarenses, bem como para os visitantes, cabendo, portanto, não somente à sociedade conservá-lo, mas ao poder público agir satisfazendo as principais necessidades daquela população que tem, neste lugar, uma referência de entretenimento que não possui em suas casas, ou, muitas vezes, o tem como único espaço de lazer.

Infelizmente, passadas mais de três décadas, o Lago Azul vem sendo alvo de maus tratos por parte de pessoas que não se identificam com o lugar, ou que pouco se incomodam com a falta de interesse do poder público para com ele.

⁴ Capra assume que a vida é uma teia, onde tudo se move com equilíbrio e energia.

No capítulo um, “**Águas Superficiais**”, atribui-se a idéia de águas superficiais àquelas que estão em contato direto com a camada superficial da Terra, ou seja, a crosta terrestre, como os rios, lagos, lagoas e represas.

A princípio, as águas superficiais no espaço urbano poderiam ser consideradas entraves, no sentido de seccionar áreas. Entretanto, uma leitura mais sensível conduz a uma valorização dessas porções, valorização esta notadamente percebida tanto no meio urbano quanto no rural, pela diversificação do uso das águas superficiais, apresentando as mais variadas finalidades.

Ainda neste capítulo, faz-se um breve reconhecimento da disponibilidade da água e suas múltiplas utilidades para consumo mundial, como abastecimento à população, como vias de navegação, para fins econômicos, geração de energia elétrica, irrigação, fins esportivos e recreação.

Como há inúmeros tipos de interesse em relação ao uso da água, muitas vezes ocorrem conflitos que evidenciam a necessidade de articulação interinstitucional e a adoção de uma política de gestão integrada de recursos hídricos, que é verificada através da legislação relativa à estruturação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SNRH), instituída pela lei nº. 9.433 de 08/01/1997, conhecida também como “Lei das Águas”.(BRASIL, 2006).

Quanto ao uso da água superficial com finalidades para fins esportivos e recreação, verifica-se que os recursos paisagísticos (por exemplo, cachoeiras), contracenam em harmonia com o ambiente construído, proporcionando ao lugar agradabilidade e atração às pessoas. Quando da existência de oportunidade do contato do homem com a natureza, verificam-se dois tipos de grupos: um que possui recursos financeiros para permanecer, recrear e praticar certas atividades esportivas, podendo arcar com despesas de deslocamento, hospedagem, alimentação, guia turístico, entre outros. O outro grupo que recorre às áreas de domínio público para o lazer e recreação, como beira de rios e córregos, lugares acessíveis a toda população, independentemente de classe social.

Contudo, na maioria das vezes, devido ao cotidiano urbano, à exaustiva jornada de trabalho, a falta de recursos financeiros e ou à inacessibilidade, as necessidades de entretenimento instaladas nas áreas urbanas são as preferidas pela população, principalmente a de mais baixa renda, como

parques e jardins (áreas verdes) e ou lugares que possuam lâminas d'água. Com certeza, esse contato com áreas verdes e lâminas d'água, segundo Troppmair (1992), melhora a qualidade de vida da população na cidade.

Normalmente, os centros urbanos apresentam áreas para o lazer e a recreação, geralmente mais frequentadas nos finais de semana. Mas, para quem tem oportunidade, diariamente, de realizar uma caminhada, levar as crianças ao parque, ou exercer alguma atividade física logo no início do dia, pela manhã, ou no final da tarde, estas áreas são muito importantes.

Ainda neste capítulo, gerou-se a questão do entendimento sobre o conceito Recreação, devido à reorganização do espaço produtivo do tempo da dualidade trabalho/não trabalho, pós-revolução industrial. Para se entender o que é recreação, três conceitos básicos são vistos à priori: lazer, tempo livre e recreação; sem dúvida, sobre uma base sólida de diversos autores que discutem o tema, como Dumazedier (1974) e Vieira (1997), por exemplo.

Também são indicados, neste capítulo, alguns autores que abordam o tema água, como Tundisi (1988), Vieira (1997) e Dubois (1981), e a importância das políticas públicas voltarem-se cada vez mais à conservação das águas superficiais e valorização destas áreas. Como exemplo de rio degradado pela poluição e depois recuperado com medidas antipoluentes, citaremos o rio Tâmis, em Londres, Inglaterra, cuja mudança se deu devido à tomada de consciência ambiental.

A classificação das águas no território nacional, segundo o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA - Resolução nº. 20, de 18 de junho de 1986, mostra um breve esclarecimento sobre quais são as classes de águas, e quais seus usos preponderantes, sendo as águas doces, salinas e salobras. (BRASIL, 1986).

Por fim, coloca-se o problema da democratização de áreas com águas superficiais, surgidas do represamento de nascentes e que formam as lâminas d'água, modeladas pela paisagem. Seu valor ímpar tem, nas cidades, quase sempre utilização dirigida aos fins recreativos. Aqui são elencados alguns espaços urbanos de áreas verdes no Brasil, que possuem lâminas d'água, revelando belas paisagens cênicas, de agradável vivência por seu acolhimento. São áreas destinadas à população, de toda sorte e classe social, proporcionando-lhes possibilidades e oportunidades de frequência, uma vez que o acesso é público e livre. Os exemplos são: a Lagoa de Araruama e a Lagoa

Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, RJ; a Lagoa Paulino em Sete Lagoas, MG; o Parque do Piqueri e o Parque da Aclimação, em São Paulo, SP; a Lagoa do Taquaral, em Campinas, SP; o Lago Azul em Rio Claro, SP e o Lago Biris em Charqueada, SP, verificando a presença das lâminas d'água em cidades de qualquer categoria dimensional.

No capítulo dois, **“Uma Amostra da Paisagem Urbana Recreativa: O olhar perceptivo”**, surge a questão da dinâmica da paisagem urbana com seus respectivos Espaços de Recreação, que identificam um lugar. A cidade, com sua história, marca, em geral, lugares com os quais a população se identifica, através de suas sensações e percepções, por meio da vivência cotidiana, levando a sentimentos que podem ser agradáveis ou não. Pode um lugar tornar-se mais próximo de sentimentos agradáveis, ou pode tornar-se repulsivo de acordo com estas experiências vivenciadas na vida e nos lugares vividos. Com isto, a identidade do lugar, avaliada, por exemplo, por Lynch (1980), contribui para o estudo da percepção ambiental principalmente através da percepção dos usuários de um lugar.

Neste capítulo ainda são verificados diversos conceitos de paisagem e lugar. Autores como Yáziqi (1999), Bertrand (1971, apud DEL GROSSI, 1996), Tuan (1983), Relph (1976) norteiam tais conceitos, levando-nos a perceber nosso objeto de estudo, o Lago Azul de Rio Claro, SP, como uma paisagem e um lugar. Assim também a própria percepção aparece em algumas reflexões, como de Tuan (1980), Machado (1988), Bruhns (2001), Capra (1996), Rio e Oliveira (1996).

No próximo capítulo, **“O Lago Azul na História de Rio Claro, SP”**, narra-se sua formação, desde meados do século XIX, sob o olhar do Córrego da Servidão (cujas águas formam o Lago Azul), até os dias de hoje, quando a cidade de Rio Claro, SP, passa a contar com esta importante área pública de lazer intra-urbana. O crescimento do vilarejo, que depois se torna cidade, vai dando outros rumos ao córrego da Servidão, principalmente devido ao aumento da demanda por abastecimento d'água.

Um levantamento de autores que abordaram o tema da pesquisa proposta, O Lago Azul de Rio Claro, é feito com o intuito de verificar que há escasso estudo sobre o tema e quão importante esta área se faz, sendo um estudo do espaço imediato, principalmente direcionado a uma pesquisa voltada ao serviço da comunidade local. Volta-se o olhar à população de mais baixa renda, a qual

usufri deste espaço de recreação, muitas vezes como o único local de lazer nas horas do não trabalho. Busca-se transformar esta área num lugar saudável, democrático, e, principalmente, com qualidade de vida e ambiental.

No capítulo quatro, “**A Pesquisa**”, é realizado o trabalho de campo e o levantamento dos dados através dos questionários aos usuários e não usuários do Lago Azul, baseados nos pressupostos de Fisk e Hatry (1983). E assim realizamos esta pesquisa numa abordagem perceptiva do ser humano em relação ao Lago Azul, orientando-nos pelas palavras de Vaughn (1935, apud TUAN, 1980, p. 110):

O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina. Este despertar não depende muito de opiniões alheias e também em grande parte independe do caráter do meio ambiente. As cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e este novo insight na realidade é, às vezes, experienciado como beleza.

E finalmente, com os elementos provenientes da pesquisa tentaremos nortear o uso do Parque Municipal Lago Azul como uma área receptiva e agradável, ou seja, atrativa para a população.



Fonte: Baixaki: águas douradas, 2007.

CAPÍTULO I

ÁGUAS SUPERFICIAIS

1. Múltiplas utilidades⁵

Sobre o conceito de ÁGUA, verifica-se, segundo a Universidade da Água (Uniágua), que:

Água é uma composição química, que apresenta duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio (H²O), encontrada nos estados: sólido (gelo, neve), líquido (nuvens, mares, lagos, rios) e gasoso (vapor d'água). É um componente líquido vital ao desenvolvimento e sustentação dos seres vivos. Considerada Solvente Universal, possui alta capacidade de dissolver inúmeras substâncias químicas.(UNIÁGUA, 2006a).

Noventa e sete e meio por cento (97,5%) da água disponível na Terra constituem-se de águas salgadas, encontradas nos mares e oceanos;

Aproximadamente dois e meio por cento (2,5%) apresentam-se como água doce. No entanto, esta se encontra em lugares de difícil acesso, como as geleiras e os aquíferos (águas subterrâneas);

Menos de 0,007% das águas doces são encontradas nos lagos, rios e na atmosfera, com maior facilidade para o uso e consumo humano.

⁵ Neste capítulo utilizaremos as informações de alguns sites indicados nas referências, com pesquisa Google. Ainda, utilizaremos as obras de autores, como: Vieira (1997), Troppmair, (1988), Barrocas (2005), Dumazedier (1974), entre outros. As fotos que possuem fonte Moita, L. R., 2007, são de autoria nossa.

O consumo mundial de água é de setenta por cento (70%) para a agricultura, vinte e dois por cento (22%) para a indústria e apenas oito por cento (8%) destina-se ao consumo doméstico.

O Brasil detém um pouco mais de onze e meio por cento (11,6%) da água doce superficial do mundo. Os setenta por cento (70 %) das águas disponíveis para uso estão localizados na Região Amazônica. Os trinta por cento (30%) restantes distribuem-se desigualmente pelo país, para atender a noventa e três por cento (93%) da população. (UNIÁGUA, 2006b).

Naturalmente, pode-se atribuir também a idéia de águas superficiais àquelas que estão em contato direto com a camada superficial da Terra, ou seja, a crosta terrestre, como os rios, lagos, lagoas e represas.

A princípio, as águas superficiais no espaço urbano poderiam ser consideradas entraves, no sentido de seccionar áreas⁶. Entretanto, uma leitura mais sensível conduziria a uma valorização dessas porções, valorização esta notadamente percebida tanto no meio urbano, quanto no rural, pela diversificação do uso das águas superficiais, apresentando as mais variadas finalidades.

As águas superficiais, em suas variadas finalidades, comumente são utilizadas de acordo com as necessidades primeiras do local ou da região, e em geral respondem pelo abastecimento à população, servindo ainda como vias de navegação, para fins econômicos, geração de energia elétrica, irrigação, fins esportivos e recreação.

Portanto, uma vez existentes variados interesses no uso das águas, a disponibilidade das mesmas em época de escassez, a princípio, fica por conta do consumo humano e dessedentação de animais. Para o uso da água, direcionado a cada atividade, requer uma certa demanda deste recurso natural. Com isso, conflitos de interesse em relação ao seu uso evidenciam a necessidade de articulação interinstitucional (ação entre governos federal, estadual e municipal) e a adoção de uma política de gestão integrada de recursos hídricos, ou seja, participação descentralizada do poder público, usuários e sociedade civil, no que concerne aos interesses de uso múltiplo das

⁶ Salteando áreas construídas e áreas com raras possibilidades de construção, obviamente sem utilizar os recursos da engenharia.

águas. Essas articulações são regulamentadas pelo Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SNGRH), segundo a lei 9.433 de 08/01/1997, que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. (BRASIL, 2006).

Abastecimento das águas

O abastecimento de água, realizado na maioria das cidades de toda categoria dimensional, serve tanto para fins residenciais e domésticos como para fins industriais e econômicos. Quase sessenta por cento (60%) das cidades no Brasil recebem água tratada e esgoto. No entanto, muitas ainda carecem desse sistema.

Para sua utilização, são necessários sistemas de captação de água, por meio de reservatórios, que constituem as estações de tratamento da água, como mostra a figura 1, passando por um processo a seguir mencionado:

- Flocculação: distribuição das águas na estação de tratamento;
- Decantação: separação das impurezas;
- Filtração: retenção das impurezas;
- Desinfecção: retirada de materiais de infecção;
- Fluoretação: adição de fluoreto.

Figura 1: Abastecimento das cidades: tanques para tratamento das águas



Fonte: PIAUÍ. Governo do Estado, 2006

Há ainda as estações de tratamento de esgoto, com tratamentos biológicos, constituídos de reatores anaeróbios compartimentados associados, com lagoa aerada seguida de lagoa de sedimentação (Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto - DAAE, 1999), como mostra a figura 2. Após este tratamento, as águas podem ser lançadas novamente nos cursos d'água para sua reutilização diversa, inclusive para o abastecimento da cidade mais próxima, que receberá essas águas.

Além disto, o tratamento de esgoto possibilita a preservação do meio ambiente e melhoria da qualidade de vida da população. Algumas cidades ainda contam com um monitoramento das águas através de análises periódicas, por exemplo, sobre toxicidade de metais pesados, lançados por indústrias químicas.

Segundo a Agenda 21⁷ (BRASIL, 2000, p. 21), no Brasil:

persiste um quadro desfavorável, já que onze milhões de pessoas residem em cidades e ainda não têm acesso à água por meio de rede canalizada. Atualmente, o principal déficit do setor saneamento concentra-se no tratamento de esgoto sanitário. Dos quarenta e oito por cento (48,9%) do esgoto produzido no Brasil, coletado em rede pública, apenas trinta e dois por cento (32%) é tratado. Isso representa menos de dezesseis por cento (16%) do total de esgoto produzido.

Portanto, há muito que se fazer norteando não só a questão do abastecimento com tratamento adequado, como também o tratamento de esgoto, uma vez que a água é um recurso natural finito e deve ser reusada quando possível, usando meios modernos e eficientes como tratamento de efluentes químicos em indústrias, por exemplo.

⁷ A Agenda 21 é um modelo de ação que envolve todos os governos. É um programa de ações que tem por finalidade o desenvolvimento sustentável mundial no século 21, preservando o meio ambiente, disciplinando as ações antrópicas, visando a sustentabilidade, agora e, principalmente às gerações futuras.

Figura 2: ETE - Estação de tratamento de esgoto



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto (DAAE), 1999.

Nem sempre o tratamento do esgoto é suficiente, uma vez que o mesmo carrega intenso material orgânico, como dejetos domésticos e químicos, com alto grau de toxicidade, como metais pesados (chumbo). Tal fato ocasiona impactos ambientais em larga escala, como mortandade de espécies aquáticas da flora e da fauna próximas, além da poluição, que causa mau cheiro e ojeriza à população, depreciando áreas das cidades.

Não somente nas grandes cidades, mas também nas pequenas e médias cidades, os rios recebem quantidades gigantescas de poluentes. É o caso do rio que corta o centro da cidade de Araras, interior do estado de São Paulo, conforme mostra a figura 3, com resíduos sólidos em suspensão, que por receber um grau muito elevado de toxinas de esgoto, muitas vezes não consegue se autodepurar, não conseguindo suportar o que nele é despejado, e pior ainda, a população lança a céu aberto os resíduos nas águas superficiais.

Figura 3: Ribeirão das Araras: águas poluídas do rio que corta o centro da cidade de Araras, SP



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A autodepuração consiste em restabelecer o equilíbrio no meio aquático, após as alterações sofridas. Dentro da evolução do processo de autodepuração, alguns parâmetros se estabelecem para a compreensão do grau de poluição e o estágio de autodepuração em que se encontram as águas. Para se medir o poder de autodepuração do trecho de um rio, o coeficiente de reoxigenação (K_2) é calculado com base na velocidade média do trecho (V) em m/s e profundidade média do trecho (R). O coeficiente de autodepuração é a medida do processo natural de neutralização da matéria poluidora que atinge um curso d'água, incluindo a diluição, a sedimentação e a estabilização química, sendo que a capacidade de autodepuração de um sistema depende diretamente de dois fenômenos: a aeração e a reaeração. O fenômeno de reoxigenação ou reaeração é o mais sensível, uma vez que, tanto a poluição como a sua estabilização são determinadas em termos de oxigênio dissolvido e déficit de saturação (medidos diretamente). Em geral refere-se à reoxigenação ou reaeração como sinônimo de autodepuração. (ATLAS AMBIENTAL DA BACIA DO RIO CORUMBATAÍ, 2006).

Águas superficiais, como rios e lagos, têm capacidade de recuperação e/ou autodepuração por meio de fatores naturais, como a velocidade das águas, vazão, profundidade, quantidade de oxigênio dissolvido e cascalhamento. No entanto, essa capacidade poderá ser alterada, principalmente nos rios e lagos que cortam as cidades, por intervenção humana, a partir de construção de barragens, mudanças no curso d'água, através de retificação, entre outros. Portanto, a qualidade das águas superficiais é resultante da capacidade de autodepuração e da intervenção humana.

Navegação

As águas superficiais também são utilizadas com fins de navegação em vários pontos do mundo, inclusive no Brasil, em larga escala na região Amazônica, norte do país, onde se encontra o segundo rio mais extenso da Terra. Essa região responde pelo maior número de passageiros e cargas transportadas por via fluvial, com produtos de exportação e abastecimento, que chegam e saem de outras partes do país, conforme mostra a figura 4. Ainda a ligação e o deslocamento entre as populações de inúmeras cidades desta região são realizados por meio das águas superficiais, em barcos de variados portes.

Figura 4: Vista aérea do Porto de Manaus, AM



Fonte: LUCCI; BRANCO, 2004, p.267.

Nas águas do rio Amazonas, como mostra a figura 5, vê-se a população ribeirinha deslocando-se por meio de pequenos barcos.

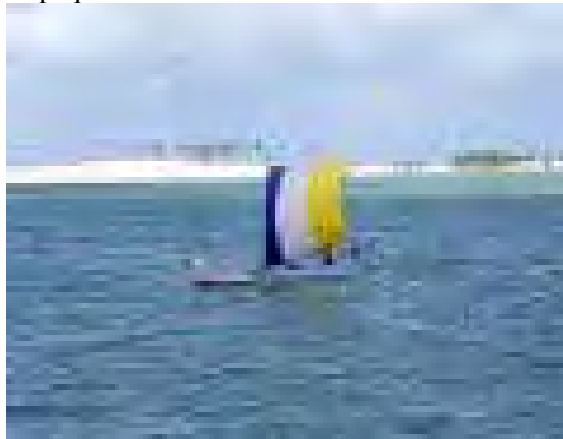
Figura 5: Rio Amazonas, AM



Fonte: Alma do rio: expedição Amazonas, 2007.

No rio São Francisco, embarcações de porte pequeno e médio utilizam-se das águas para pesca, transporte e turismo. Na figura 6, pescadores saem para o trabalho; na figura 7, vista do rio São Francisco, no estado da Bahia.

Figura 6: Embarcação de porte pequeno no baixo São Francisco. As velas coloridas são típicas da região.



Fonte: Rota Brasil Oeste: galeria de imagens do rio São Francisco, 2006a

Figura 7: Rio São Francisco: possibilidades de navegação de vários portes



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

O rio Danúbio (figura 8), o mais importante em toda a Europa, é essencial como via de transporte na Europa centro-oriental, permitindo o escoamento de mercadorias da parte centro-leste da Europa, que segue para os mares Negro e Mediterrâneo, visando os principais mercados mundiais. Além de que, esse rio inspira poetas, compositores, entre outros, que tratam do lado não construído: os sentimentos.

Figura 8: Rio Danúbio: corta a capital da Hungria, Budapeste



Fonte: MOREIRA, 1999, p. 29.

Economia

Para os fins econômicos, as águas superficiais são utilizadas, além de transporte de cargas e deslocamento, para a pesca, a piscicultura e a aqüicultura, muitas vezes tidas como meios de

subsistência de muitas populações ribeirinhas, bem como as do litoral, em várias regiões do mundo, como mostra a figura 9, onde muitos vivem da pesca nas águas dos oceanos.

Figura 9: Economia pesqueira na ilha grega Hidra, Grécia



Fonte: MOREIRA, 1999, p.112.

Isso depende em muito da qualidade da água, posto que a mesma vem sofrendo alterações e pondo em risco essas populações, expostas a doenças advindas do esgoto lançado nos rios e mares. Muitas comunidades têm recebido agentes ambientais que buscam levar a conscientização, para posterior tomada de consciência ambiental, desde a mais tenra idade, como mostra a figura 10, às pessoas adultas.

Figura 10: Alunos de escola da várzea municipal de Santarém, PA, realizando campanha de coleta seletiva durante a cheia



Fonte: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, 2006

Num primeiro momento, esta tomada de consciência acaba produzindo ações de conservação do meio onde vive a comunidade, tendo em vista que esta consciência se dá no cuidado com o espaço vivenciado, por exemplo, diminuindo e reduzindo o lançamento de resíduos sólidos nas águas, o agrotóxico na agricultura de várzea, etc.

Conquanto, independente de classe social, todos os cidadãos podem adquirir a responsabilidade ambiental pelo meio em que vivem, posto que a educação se inicia no berço e, conseqüentemente, passa de geração em geração. Aos que infelizmente não possuem educação de berço, restará a educação ambiental escolar. Se houver tal responsabilidade na prática, a educação ambiental passará, então, a fazer parte do cotidiano das pessoas, afirmando uma cidadania, ou seja, o cumprimento dos deveres e busca por direitos universais.

Para essas populações, as águas dos rios, além de servirem como vias de navegação, servem também como um recurso doméstico. É o caso das lavadeiras às margens do rio São Francisco, retratadas na figura 11, uma vez que a escassez ou a falta d'água nas residências é um problema geral em algumas localidades do nordeste brasileiro.

Figura 11: Lavadeiras do rio São Francisco



Fonte: Rota Brasil Oeste: galeria de imagens do rio São Francisco, 2006b

Fornecimento de Energia Elétrica

Para o fornecimento de energia, destacam-se as hidrelétricas, uma vez que a força das águas represadas dos rios gera este potencial hidráulico, citando como exemplo, no rio Paraná, a hidrelétrica de Itaipu, como mostra a figura 12, a segunda maior que opera no mundo, (a primeira é Três Gargantas, na China). Localiza-se no sul do país, no trecho de fronteira entre Brasil e Paraguai, a 14 Km ao norte da Ponte da Amizade. Abastece quase todo o estado de São Paulo, e noventa e cinco por cento (95%) do território paraguaiano. Sua potência é de 14.000 megawatts (MW), com 20 unidades geradoras de 700 MW cada.

Figura 12: Usina hidrelétrica de Itaipu, sul do Brasil



Fonte: LUCCI; BRANCO, 2004, p.206.

Inúmeros outros reservatórios abastecem outras porções do Brasil, como a usina de Sobradinho, na Bahia. O rio São Francisco, que nasce no Sudeste, no estado de Minas Gerais, na Serra da Canastra, avança em outros estados, como Pernambuco, Sergipe e Alagoas, gerando energia elétrica para a região Nordeste por meio deste reservatório, o de Sobradinho, em Paulo Afonso, BA, sendo esta a única fonte que possuem. Estas águas regularizam o abastecimento das usinas de Xingó, no estado de Alagoas, e Paulo Afonso, no estado da Bahia. Na figura 13, a usina de Sobradinho.

Figura 13: Vista aérea da usina de Sobradinho, BA



Fonte: Pontos BR: usina de Sobradinho, 2007.

Na região norte do país, destaca-se uma das maiores hidrelétricas, a de Tucuruí. Esta é brasileira e está localizada a 400 km de Belém, no Estado do Pará, município de Tucuruí. Foi construída para a geração de energia elétrica e para tornar navegável um trecho do rio Tocantins cheio de corredeiras. A sua barragem de terra tem 11 km no estado do Pará, e aproveita potencialmente as águas do rio Tocantins. A usina que mais produz, Tucuruí, mostrada na figura 14, tem capacidade instalada de 4.240 MW, mas houve necessidade de inundar uma área de 2.430 quilômetros quadrados. A usina constitui-se numa das maiores obras da engenharia mundial e é a maior usina brasileira em potência instalada com seus 8.000 MW previstos, posto que a Itaipu é binacional.

Figura 14: Hidrelétrica de Tucuruí, PA



Fonte: LUCCHI; BRANCO, 2004, p.254.

Irrigação

Para a irrigação, muitas culturas, como as do Nordeste brasileiro, nas proximidades de Juazeiro, no estado da Bahia, e de Petrolina, em Pernambuco, dependem exaustivamente da presença de irrigadores instalados no ambiente, pois o calor e os ventos, somados à baixa pluviosidade, acentuam a aridez local. Um solo muito seco ou árido encarece ou dificulta este processo, uma vez que há pouca ou nenhuma água subterrânea, aumentando a demanda da irrigação.

Outras regiões que produzem culturas, como a pupunha - um tipo de palmeira que visa a produção de palmito, ou as videiras, que produzem uvas no Noroeste paulista - necessitam de muita água para o seu desenvolvimento, sendo estes produtos de alto valor econômico e utilizando-se do recurso da irrigação. Muitas vezes a falta de chuva, o assoreamento de rios, entre outros problemas, levam muitos agricultores a procurar esta técnica, na expectativa de superarem a baixa e demorada produtividade e colheita. Nas figuras 15 e 16, exemplos de cultura irrigada e resultado da irrigação no Nordeste, respectivamente.

A irrigação é o uso que mais consome água. Estima-se setenta por cento (70%) a parcela do uso da água para irrigação no Brasil, gerando, inclusive, conflitos e disputas entre irrigantes em várias regiões. (BRASIL, 2000).

Figura 15: Irrigação no vale do rio São Francisco, sertão nordestino



Fonte: LUCCI; BRANCO, 2004, p. 171.

Figura 16: Resultado da irrigação em áreas de vinícolas, no sertão nordestino



Fonte: LUCCI; BRANCO, 2004, p. 178.

Fins esportivos e recreação

Os recursos paisagísticos como cachoeiras, praias, serras, montanhas, vales, florestas, entre outros, contracenam em harmonia com o ambiente construído, proporcionando ao lugar agradabilidade e atração às pessoas.

Contudo, na maioria das vezes, devido ao cotidiano urbano, as necessidades de entretenimento estão quase sempre instaladas nas áreas urbanas, onde há preferência por lâminas d' água e áreas verdes.

Somadas às mais variadas intenções pessoais, dentro de uma escala temporal, as atividades dividem-se em quatro:

Diárias: caminhadas, Cooper, etc.;

Semanais: jogos esportivos, parque infantil, pesca, etc;

Mensais: reuniões, encontros;

Anuais: torneios, competições, entre outros.

Passam a ser motivos de afastamento do cotidiano diário do trabalho, do trânsito, do compromisso com hora marcada. Torna-se um momento para descanso e para *“espairecer a mente e o corpo físico”*.

Começa-se a semana com as atividades do trabalho (nas universidades, nas empresas, nas indústrias, no comércio, no campo, no trabalho doméstico), com resoluções a serem tomadas durante os dias que se sucedem com os compromissos sociais e econômicos, como pagamento de contas, médicos, supermercados, escola, entre outros.

Eis que, há indubitavelmente uma necessidade interior de relaxar ou descansar os músculos e a mente, através de um passeio, preferencialmente onde exista vegetação e água. E ainda, a necessidade de se fazerem exercícios e atividades físicas. Isso tudo, em decorrência do crescimento dos centros urbanos, que acentuam nitidamente a necessidade de áreas verdes, de lâminas d'água⁸, enfim, de espaços de lazer e recreação.

Os centros urbanos apresentam áreas para o lazer e a recreação, geralmente mais freqüentadas nos finais de semana, ou, para quem tem oportunidade, diariamente, para realizar uma caminhada, levar as crianças ao parque, ou exercer alguma atividade física logo no início do dia, pela manhã, ou no final da tarde.

O aumento da demanda por áreas verdes nas cidades, e que possivelmente possuam lâminas d'água, tem sido um termômetro da busca do homem por si mesmo, de sua essência como ser natural, buscando encontrar no seu espaço urbano, o contato com suas raízes naturais, na busca interior, consciente ou inconsciente dos elementos naturais.

Esse fator também pode ser associado a uma melhor qualidade de vida urbana, frente às condições de vida da população que busca lugares para realização de eventuais atividades físicas, esportivas e culturais: “As áreas verdes em centros urbanos são de grande importância, seja pela criação de um microclima mais ameno e despoluído, seja pelo papel social que desempenham, ou pela reciclagem do ar e fornecedores de oxigênio”. (TROPMAIR, 1988, p. 123).

Também, este espaço em que o cidadão vive, trabalha, circula, ou seja, seu lugar, que, neste caso, é urbano, torna-se relevante para uma melhor condição de vida, para uma melhor qualidade de

⁸ Área verde: engloba praças, jardins públicos e parques urbanos, em geral, onde predomina a vegetação arbórea. As lâminas d'água nos centros urbanos, são consideradas, aqui, as águas superficiais, como lagos, lagoas e represas.

vida, reunindo aspectos de bem estar físico, psicológico, social e espiritual. Troppmair (1988, p. 195) refere-se a “um conjunto de condições favoráveis para o desenvolvimento, para a sobrevivência e a reprodução de determinados organismos”, que deve ter um sentido, que faz valorizar o ser humano, onde se vive, onde se está.

Assim, a qualidade ambiental de um lugar, sugere que haja qualidade das áreas verdes, das águas, do espaço recreativo em si mesmo. Conquanto, as águas superficiais que oferecem recreação e entretenimento proporcionam contato íntimo do ser humano com a paisagem não construída.

O lazer, além de ser uma necessidade do ser humano, traz sobretudo a busca por uma qualidade de vida. Cada pessoa procura um lugar, ou lugares que mais lhe agradem para passar suas horas de descanso. É como diz Tuan (1983), que há relações do lugar para as horas de lazer.

Por exemplo, um recurso paisagístico com presença de águas, como as cachoeiras, é atrativo turístico, para fins esportivos e pontos de recreação, principalmente nos finais de semana, ou em dias muito quentes.

Lugares como as cachoeiras do alto Cantagalo, em Ipeúna, SP, são pontos de recreação acessíveis; o espaço, aberto a todos, oferece e beneficia a população local e das cidades do entorno, incluindo a população da zona rural, pois tem baixo custo nos seus deslocamentos. Normalmente, encontram-se ali trilheiros de motos ou carros próprios para trilhas, como jipes. Convém salientar que, por outro lado, é preocupante haver pouco controle com as atitudes dos visitantes.

Esta área de contato com a natureza - cachoeiras, trilhas, rios, vegetação, - serve como atrativo para pessoas que buscam não somente a aventura, mas também o descanso físico e mental; longe da cidade, do espaço urbano, usufruem o que a natureza oferece.

A figura 17 destaca uma das principais cachoeiras desta região, no topo da cuesta da depressão periférica paulista, entre Ipeúna e Itirapina, no estado de São Paulo, chamada popularmente de Cantagalo.

Figura 17: Cachoeira da cuesta do alto Cantagalo em Ipeúna, SP



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Barrocas (2005) pesquisou esta necessidade do contato com a natureza que o ser humano tem, visando o turismo local e suas conseqüências. Retrata em suas fotos, a relação do turista com as águas superficiais, em especial as de corredeiras e cachoeiras do município de Brotas, no interior do estado de São Paulo.

Lugares de águas superficiais com atrativos turísticos, como Brotas, SP, oferecem às pessoas interessadas neste tipo de turismo, das médias e grandes cidades, como São Paulo, práticas de esportes radicais, como a tirolesa, o arborismo, rapel e rafting. Este último é mais procurado, e consiste na descida de rios e cachoeiras a bordo de botes infláveis, o que requer utilização de colete salva-vidas e remos (BARROCAS, 2005), como mostra a figura 18:

Figura 18: Rafting: turismo de aventura nas águas de Brotas, SP



Fonte: BARROCAS, R. , 2005, p.10.

A procura destas práticas esportivas é geralmente destinada a um reservado grupo de pessoas, com maior poder aquisitivo, posto que, além de gastos com deslocamento, hospedagem e alimentação, exigem, sobretudo, equipamentos especializados, bem como a permanência de monitoramento por parte de pessoal treinado e capacitado para acompanhamento nesses divertimentos, o que significa maiores custos. As figuras 19 e 20 representam lugares e turistas nas práticas esportivas em Brotas, SP.

Figura 19: Práticas esportivas em Brotas, SP



Fonte: BARROCAS, R. , 2005, p.10.

Figura 20: Seleção de fotos em Brotas, SP: águas superficiais para fins esportivos e recreação



Fonte: BARROCAS, R., 2005, p.05.

No entanto, há outros lugares de águas superficiais com atrativos turísticos, mas com uma condição diferenciada: são os lugares de domínio público, que merecem ser destacados pelo simples fato do acesso livre a toda população, ou seja, sem a necessidade de maiores custos - com ingressos ou pacotes turísticos -, e nem tampouco necessidade de se adentrar em terras particulares para a realização do lazer. É destaque para isso, como mostram as figuras 21 e 22, o rio Jacaré Pepira, cujo próprio nome indica, através de seu significado, rio em festa na língua indígena, consentindo banhos e brincadeiras em suas águas em alguns trechos do seu curso, no município de Brotas, SP. (BARROCAS, 2005).

Figura 21: Rio Jacaré Pepira, Brotas, SP: águas superficiais em espaços abertos à população



Fonte: BARROCAS, R., 2005, p. 60.

Figura 22: Cachoeira do rio Jacaré Pepira e seus visitantes, em Brotas, SP: Recreação para todos



Fonte: BARROCAS, R., 2005, p. 09

2. Recreação

Para se entender a **Recreação**, três conceitos básicos devem ser vistos a priori: lazer, tempo livre e recreação.

Em seu livro *Sociologia Empírica do Lazer* (1974), Dumazedier discorre das mais tênues às mais ousadas idéias de estudos sobre o lazer, procurando enfatizar o lazer como uma necessidade do ser humano, que envolve o desenvolvimento artístico e científico de cada um. O lazer é, pois, uma conquista aquém do tempo de trabalho. Ainda assim, apesar dos muitos estudos sobre o lazer, algumas vezes ocorrem indagações a respeito da dinâmica do tempo livre em si, como: o que fazer, por que fazer, como fazer com o tempo do não trabalho.

É por isso que para Dumazedier o lazer em si nasce dentro da Revolução Industrial possuindo traços específicos desta época. (DUMAZEDIER, 1974).

Desconsiderando a ociosidade das antigas sociedades feudais, bem como dos antigos filósofos, por falta de trabalho, doença, frio, na primeira situação, ou pela contribuição refinada de passar o tempo filosofando, Dumazedier define que: “O lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano, ou da vida de trabalho”.(DUMAZEDIER, 1974, p. 28).

Quatro períodos de lazer são verificados e propostos por Dumazedier, a partir de 1960.

Lazer do fim do dia; do fim de semana; do fim de ano (férias); do fim da vida (aposentadoria). Os quatro períodos passam, distintamente por atividades diversas segundo o orçamento - tempo, mas é a dinâmica do lazer que proporciona os interesses do físico e da mente: lazeres físicos, intelectuais, espirituais, sociais, artísticos, práticos, dentro dos limites do condicionamento econômico, social, político e cultural de cada sociedade. São tais atividades que são chamadas de lazeres. O conjunto destas constitui-se do lazer.

O conceito de lazer para Vieira (1997, p. 08) entrelaça as palavras de Dumazedier:

LAZER: fundamental para que possa ocorrer a recreação e o turismo. Originária do latim *Licere*, significa lícito. Pode ser entendido como ócio, descanso, folga. Significa ainda o tempo que se pode dispor livremente, uma vez que cumpridos os afazeres habituais e obrigatórios.

No dicionário Aurélio, lazer significa uma atividade praticada num período de tempo, que pode ser concebido como divertimento, distração e recreação.

O tempo do trabalho / não trabalho conduz a uma dicotomia, destinada para o direito ao lazer. Confirma então Vieira (1997, p. 09): “após uma jornada de trabalho, a pessoa tem o direito ao lazer, pois este é o tempo livre de que dispõe”.

Primeira situação: é ligado ao dia. Lazer em busca de recuperar as energias (física e mental). “É um tempo pessoal, intransferível, em que lhe é assegurada uma atividade individual”. “Tempo controlado, bem distribuído”. Segunda situação: tempo de lazer. Por exemplo, nos finais de semana, acontece um possível deslocamento de pequena distância ou outra localidade, sem fins lucrativos. Terceira situação: “tempo de lazer, de maior duração, como férias escolares, a família permanece reunida por um tempo mais longo”. (VIEIRA, 1997, p. 09).

Já o **Tempo Livre** pode ser considerado uma procura de novas atividades para ocupar esse tempo disponível, descanso semanal, na mesma situação do lazer, ou seja, advindo da Revolução Industrial, com o crescimento urbano e a divisão do trabalho com o tempo marcado no relógio:

Dessa maneira, tanto o espaço urbano, como o rural passaram a se organizar procurando qualificar áreas para atender essas atividades não produtivas, surgindo assim, os parques, os clubes, os jardins equipados para entretenimento esportivo, cultural, religioso e social da população. (VIEIRA, 1997, p. 06)

Nota-se, claramente, como o tempo livre foi definido pelas horas do não trabalho. Segundo Dumazedier (1974, p. 91-92), “este tempo disponível não é resultado de uma decisão de um indivíduo; é primeiramente o resultado de uma evolução da economia e da sociedade”.

Vieira (1997, p. 11) explica que o ser humano busca, em alguns dos tempos livres, para a realização do lazer, uma alternativa mais geográfica, de belezas cênicas e diferenciadas do cotidiano, e do espaço habitual nos “deslocamentos para grandes distâncias”... “de paisagens valorizadas e procuradas”... “Ainda que o lazer seja um tempo descontraído, descomprometido, as mensagens emitidas pelos cenários, na maioria das vezes, são compreendidas, são sentidas, são desejadas”.

Para o termo recreação, busca-se em Vieira o seguinte significado:

RECREAÇÃO: do latim, *recreatio*, é uma manifestação concretizada por um ato de divertimento. O termo recreação encerra uma conotação descomprometida das obrigações rotineiras, com isso, é dependente do lazer. A vivência do lazer é traduzida por um processo recreativo, que implica diversas atividades lúdicas, de diversão. (VIEIRA, 1997, p. 11)

As atividades humanas, em seu tempo livre, podem ser consideradas recreação, conferidas nas palavras de Vieira (1997, p. 11): “A recreação pode ser compreendida como um ato concreto, algo que o Homem faz durante o tempo livre de que dispõe. Enquanto o lazer é um tempo livre determinado pelo consumo de trabalho, do qual a pessoa tem o direito legal de dispor”.

Conclui-se que o lazer é tempo livre e recreação é diversão.

Há algumas décadas, a busca por lugares com finalidade recreativa partia do pressuposto de um deslocamento às cidades litorâneas, buscando-se recreação nas praias e nos banhos em águas do oceano, onde prevalecia o sol e o mar, geralmente no período de férias escolar.

Ou ainda, num menor deslocamento - principalmente dos que possuíam pouco ou nenhum recurso financeiro - a um rio mais próximo da cidade, onde costumeiramente realizava-se a recreação com uma pescaria, um mergulho e até mesmo passando o dia com a família e os amigos num piquenique.

Na figura 23, na rodovia dos Tamoios, a vista da Serra do Mar. Ao fundo, no litoral paulista a Ponta do Camaroeiro e praia de Martim de Sá em Caraguatatuba, SP. Na figura 24, recreação na praia de Tambau, João Pessoa, PB.

Figura 23: Vista da Serra do Mar, litoral paulista, em Caraguatatuba, SP



Fonte: Vale Verde: litoral norte, 2006

Figura 24: Litoral nordestino: atrativo de recreação. Praia de Tambau, João Pessoa, PB



Foto e Fonte: MOITA, L.R, 2007.

Com as mudanças pós-revolução industrial, o tempo de trabalho passou a ser mais controlador da vida das populações, visto que o trabalho foi ficando cada vez mais estressante, tanto física quanto psicologicamente.

Atualmente, a vida agitada dos centros urbanos, na maioria das vezes não permite que muitas pessoas parem para notar, no seu cotidiano, a natureza se movimentando ao seu redor, como o nascer e o pôr do sol, os pássaros cantando, o som do vento, senti-lo no rosto, a chuva como inspiração para poesia, e não como um empecilho num dia de trabalho.

Devido à corrida frenética do tempo, passou-se a utilizar muito mais a tecnologia para a comodidade do ser humano. Isto gerou uma maior demanda para o lazer, surgindo assim a necessidade diária de espairecer o físico, para que as energias sejam retomadas, por exemplo, por meio de uma caminhada. Assim sendo, a necessidade do descanso, do “não fazer nada”, não mais atinge os objetivos de antes, mas assume um papel diário na vida do ser humano.

Com o avanço da tecnologia, por um lado os equipamentos tecnológicos tornaram-se práticos, como a secretária eletrônica do telefone e a Internet, via e-mail; por outro, tais equipamentos sobrecarregaram mais ainda o tempo destinado ao lazer. Com isto, a demanda e a necessidade de utilizar o tempo livre para a recreação e o entretenimento vêm aumentando gradativamente, em oposição às obrigações cotidianas, e satisfazendo assim as necessidades vitais do ser humano, de recreação, de descanso, de se aproveitar bem o tempo.

A recreação, então, permite este contato mais íntimo e mais direto com as áreas não construídas, visto que sua demanda geralmente envolve quase sempre lugares que possuem lâminas d'água, como clubes (particular ou público), jardins, parques, entre outros.

Esta tendência de se utilizar o tempo livre (o tempo do não trabalho, o tempo que não se está produzindo) em lugares que possuam lâminas d'água e áreas verdes está ligada a algum tipo de serviço ou equipamento que o local oferece, variando os tipos de recreação, como pesca, natação, mergulho, caminhadas, ginástica, futebol, parques infantis, ciclismo, vôlei, basquete, rafting, arborismo, etc. Quando não há outra possibilidade, a válvula de escape, então, é buscar mesmo assim um espaço de concreto, como ginásio de esportes e academias de ginástica, que têm

proliferado em larga escala. É certo que alguns utilizam estes espaços para fins estéticos, mas há também um número significativo de pessoas que fazem uso para fins recreativos ou de descontração, conforme mostra a figura 25.

Figura 25: Piscina: águas doces para fins recreativos



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Outra modalidade que está tomando vulto são os cursos de mergulho, onde os adeptos, após terem praticado aulas em piscinas, e estarem preparados, seguem rumo aos oceanos, para efetuarem o aprendizado, aliando-se à recreação o conhecimento do fundo dos mares. As figuras 26 e 27 retratam a procura por cursos de mergulho no litoral e viagens afins.

Figuras 26 e 27: Mergulho em Parati, RJ: águas salinas para fins esportivos



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

3. Água e recreação: algumas reflexões

Buscando compreender o papel das lâminas d' água nos centros urbanos, pode-se confirmar, o que diz Tundisi (1988), que a criação destes espaços se alterna e varia em pequenas, médias e grandes escalas, respectivamente, como um chafariz, um lago, uma represa.

Tais lâminas d' água têm-se intensificado no Brasil, podendo destacar algumas finalidades como a “recreação, o transporte, a irrigação, a produção da biomassa e suprimento de água, demonstrando assim, através dessas construções, as modificações nos ecossistemas naturais”. (TUNDISI, 1988, p. 03).

Uma citação importante de Vieira explica porque hoje em dia, as autoridades públicas se preocupam em criar espaços com lâminas d' água:

A institucionalização do tempo consagrado ao descanso tem atingido todas as camadas da sociedade, o poder público e os especialistas em assuntos urbanos não podem mais ignorar essa conquista, que é um marco na evolução do trabalho”. (VIEIRA, 1997, p. 07).

Assim, áreas como bosques, lâminas d' água e até mesmo porções tidas como entraves e inproveitáveis, “transformam-se em fontes de recursos e são valorizadas, ora por seus atrativos, ora pelos estruturadores do espaço”. (VIEIRA, 1997, p. 07). Como exemplo, conhecido mundialmente, cita-se o Central Park, situado na cidade de Nova York, USA.

De maneira geral, as paisagens mundiais, pelo menos a maioria, normalmente possuem ação já humanizada, desgastada pelos desflorestamentos, erosão e atividades humanas.

Há ambientes inóspitos, variados, verdejantes, áridos. O planeta possui as regiões mais diversificadas, que vêm sendo utilizadas pelo Homem desde a idade da Pedra.

Dubois (1981, p.25) afirma que:

A espécie humana sempre lutou contra ambientes para os quais lhe era difícil a adaptação imediata e vem evitando as regiões selvagens ou destruindo grande parte delas em todo o mundo. Ao contrário do que se costuma dizer, isso vale tanto para os povos orientais como para os povos ocidentais.

A preocupação de Dubois (1981) é nitidamente acentuada, e suas palavras demonstram que o ser humano vai transformando o espaço, a paisagem. As culturas sugerem estas transformações, principalmente pela ojeriza de se viver em ambientes, diga-se brevemente, inacessíveis.

Esta degradação, segundo Dubois (1981), já tem seu efeito em milhares de anos, mas intensificou-se a partir da Revolução Industrial, em 1789, alastrando-se em problemas locais e globais, nunca antes enfrentados, como a poluição atmosférica, poluição das águas, uso indevido de energia nuclear, desertificação de florestas, entre muitos outros.

Intrigado, o autor faz um questionamento: A natureza tem seu momento de readaptação e recuperação, porém, terá ela o equilíbrio e a força suficiente após tantos problemas?

Em seguida, Dubois mesmo arrisca comentar que:

A recuperação de lagos e cursos de água poluídos por resíduos industriais e domésticos é outra manifestação da capacidade de restauração da Natureza. Em diversas partes do mundo, o prejuízo causado pela poluição das águas foi completo ou parcialmente corrigido, não pelo tratamento do ecossistema, mas apenas evitando-se prosseguimento da poluição e permitindo-se que as forças naturais eliminassem os poluentes acumulados. (DUBOIS, 1981, p. 47)

Vários lagos e rios são citados como exemplo para mostrarem os resultados obtidos na melhoria da qualidade da água, com o uso de medidas antipoluentes, na década de 1970, como:

- rio Willamette em Portland, Oregon, USA;
- rio Oregon, no lago Washington em Seattle, Washington, USA;
- baía de Jamaica na cidade de Nova York, USA. São apenas alguns entre os muitos exemplos.

A figura 28 mostra um desses rios, o Tâmis, em Londres, Inglaterra, que, no início do século XX era um dos rios mais poluídos do mundo. A partir de 1952, teve início sua despoluição, e

hoje é considerado limpo, inclusive divulgada pela mídia. Atualmente, o tão famoso rio voltou a oferecer as oportunidades de recreação de outrora, sem contar que serviu de modelo para outras localidades que enfrentavam a mesma situação crítica.

Figura 28: Rio Tâmis: Londres, Inglaterra:



Fonte: MOREIRA, 1999, p. 47.

Há que salientar que o custo, em moeda, é por demais elevado, e com isso, em muitas localidades o poder público adota medidas paliativas, numa tentativa de “*solucionar o problema*”.

Dubois (1981) comenta que estes rios, altamente poluídos na década de 70, devido ao grande recebimento de poluentes advindos da ação antrópica, como lixos e esgotos, gerou o desaparecimento de peixes, aves e espécies da flora próxima. Com medidas de controle de poluição da água, redirecionamento do esgoto para outro local e replantio de vegetação, gradativamente e vagorosamente as águas superficiais foram recuperadas, bem como o próprio ecossistema retomou seu curso normal, dando lugar e vida novamente às diversas espécies de animais e plantas, que outrora se instalavam por ali, como o Salmão, nos rios Willamette e Tâmis, entre muitos outros exemplos.

A degradação ambiental tem sua recuperação diferenciada em cada lugar; pode ser mais lenta ou mais rápida, dependendo dos danos causados, naturais ou construídos. “Com os cuidados humanos e controle adequado, a natureza freqüentemente toma iniciativa e ela própria se refaz”. (DUBOIS, 1981, p. 48).

Este sentido manifesta-se através de um vínculo, que possui uma história, marcada no tempo e no espaço. E o próprio corpo, que ocupa um lugar no espaço, pode e deve gerar, com atos, experiências e vivências, uma história integrada ao meio ambiente, em particular às águas superficiais. Isto é a **tomada de consciência ambiental**, que leva o homem a se ver como parte do lugar, a saber que o ser humano não mais usufrui a natureza separadamente dela, como organismo superior somente, mas é uma espécie que passa a contribuir para o meio ambiente, fazendo-o permanecer vivo, preservado e conservado, pelo sentido de perceber, interpretar e vivenciar esta integração.

Hall e Page (1999, p. 149) em seus estudos geográficos, constatam que uma hierarquia a respeito do espaço utilizado para recreação “faz-se pertinente para diferenciar as escalas espaciais, bem como para compreender o uso destes recursos recreativos, associados aos serviços prestados em suas dependências e suas potencialidades oferecidas aos cidadãos”.

A população urbana que possui pouco ou nenhum poder aquisitivo, por exemplo, instala-se em locais públicos destinados ao seu momento de lazer, não diário, mas principalmente nos fins de semana, para também poder descansar sua mente, após uma exaustiva jornada de trabalho semanal. Como não possui acesso a uma segunda residência (casa de campo, casa de praia), ou a clubes fechados, busca suprir suas necessidades de espaços não concretos, através de deslocamentos sem custos financeiros, visando um entretenimento, seja ele uma atividade esportiva, seja ele apenas um passeio ou um encontro com os amigos.

Percebe-se, então, o quão importante são as áreas de lazer, uma vez que o lazer é o próprio tempo livre, e este deve ter um sentido, um bom aproveitamento, sem frustrações. Para isso a população deve se sentir satisfeita em seu tempo livre, satisfação esta que não ocasionará atos de vandalismo e depredação dos lugares de lazer, ou pelo menos diminuirá esta proporção, uma vez que estará amparada pelo poder público local através dos equipamentos oferecidos a todos.

É necessário que o poder público municipal administre bem os espaços livres de recreação, preservando e conservando seus equipamentos, para oferecer, assim, possibilidades de seus cidadãos sentirem-se satisfeitos com o espaço de lazer ao qual eles têm direito. Portanto, pode-se

concluir que todas as áreas que compõem o cenário urbano, principalmente as que abrigam recursos naturais, devem ser revistas e avaliadas, para assim participarem da dualidade trabalho / não trabalho. E, nas áreas que não possuem recursos, estes poderão ser criados e as áreas adaptadas.

4. Classificação de águas do território nacional

Segundo o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA - Resolução nº 20 - de 18 de junho de 1986, as águas são classificadas, de acordo com seus usos preponderantes, em nove classes, o que inclui as águas doces, salobras e salinas, como expõe-se a seguir (BRASIL, 1986):

Águas Doces

Num primeiro momento, tem-se uma classe especial, e as águas destinam-se:

- ao abastecimento doméstico, com ou sem desinfecção simples;
- à preservação do equilíbrio natural das comunidades aquáticas.

A **Primeira Classe** das águas destina-se:

- ao abastecimento doméstico, após tratamento simplificado;
- à proteção das comunidades aquáticas;
- à recreação de contato primário (natação, esqui aquático e mergulho);
- à irrigação de hortaliças que são consumidas cruas e de frutas que se desenvolvem rentes ao solo e que são ingeridas cruas sem remoção de película;
- à criação natural e/ou intensiva (aqüicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

A **Segunda Classe** das águas destina-se:

- ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional;
- à proteção das comunidades aquáticas;
- à recreação de contato primário (esqui aquático, natação e mergulho);
- à irrigação de hortaliças e plantas frutíferas;
- à criação natural e/ou intensiva (aqüicultura) de espécies destinadas à alimentação humana;

A **Terceira Classe** das águas destina-se:

- ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional;
- à irrigação de culturas arbóreas, cerealíferas e forrageiras;
- à dessedentação de animais.

A **Quarta Classe** das águas destina-se:

- à navegação;
- à harmonia paisagística;
- aos usos menos exigentes.

Águas Salinas

A **Quinta Classe** das águas destina-se:

- à recreação de contato primário;
- à proteção das comunidades aquáticas;
- à criação natural e/ou intensiva (aqüicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

A **Sexta Classe** das águas destina-se:

- à navegação comercial;
- à harmonia paisagística;
- à recreação de contato secundário.

Águas Salobras

A **Sétima Classe** das águas destina-se:

- à recreação de contato primário;
- à proteção das comunidades aquáticas;
- à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

A **Oitava Classe** das águas destina-se:

- à navegação comercial;
- à harmonia paisagística;
- à recreação de contato secundário.

As águas superficiais, assim classificadas, denotam quão importante e relevante o papel que possuem, como dádiva da natureza, em primeiro plano, e como meio para se chegar a algum fim, como:

- a navegação, que transporta carga e passageiros;
- geração de energia elétrica, cuja tecnologia não existiria sem ela;
- fins econômicos, pois populações vivem deste recurso;
- irrigação para sustento das populações e sua sobrevivência;
- recreação, finalidades esportivas, que dão à vida humana momentos de graça e beleza;

- beleza que se manifesta nos recursos paisagísticos, principalmente os atrelados às águas superficiais;
- do abastecimento, o primordial, que traz, sob todas as formas, a continuidade da vida, possibilitando sustentar o organismo humano e de outros seres vivos;
- e por fim, como fonte de vida, que sustenta toda a Terra.

Segundo o CONAMA, Resolução n. 357, de 17 de março de 2005, capítulo 1, artigo 2, que dispõe da classificação dos corpos d'água, a classe de qualidade das águas significa um conjunto de condições e padrões de qualidade de água necessários ao atendimento dos usos preponderantes, atuais ou futuros; A classificação das águas refere-se à qualificação das águas doces, salobras e salinas em função dos usos preponderantes (sistema de classes de qualidade) atuais e futuros.(BRASIL, 2005).

O uso das águas para fins recreativos se encontra nas variadas classes, sendo as de contato primário destinadas ao contato direto e prolongado com a água (tais como natação, mergulho, esqui-aquático) na qual a possibilidade do banhista ingerir água é elevada. (BRASIL, 2005).

O uso das águas para recreação de contato secundário refere-se àquela associada a atividades em que o contato com a água é esporádico ou acidental e a possibilidade de ingerir água é pequena, como na pesca e na navegação - tais como iatismo. (BRASIL, 2005).

Portanto, na classificação das águas, servem para o uso recreativo:

- águas doces: primeira e segunda classe em contato primário;
- águas salinas: quinta classe de contato primário e sexta classe de contato secundário;
- águas salobras: sétima classe de contato primário e oitava classe de contato secundário.

5. Democratização de áreas: áreas com águas superficiais

Do represamento de nascentes surgem as lâminas d'água, modeladas pela paisagem. Seu valor ímpar tem, nas cidades, quase sempre utilização dirigida aos fins recreativos.

Lagos e lagoas fundem-se em meio a cidades, circundando-as, circulando-as, penetrando-as. Ou seria o ser humano que procura abrigo próximo às águas? Que busca estar em constante proximidade com elas? No litoral, no interior, nas pequenas, médias e grandes cidades, encontram-se águas superficiais, modificadas pelo homem, transformadas para seu uso diverso; águas que deixam marcas de beleza e agradável sensação visual e sensitiva. A mística da água presente nas cidades traz, para o ser humano, uma sensação de vida plena, por vezes, quebrando o espaço de concreto, proporcionando momentos de contato com a natureza.

Podem ser elencados, entre muitos exemplos, alguns espaços urbanos de áreas verdes, no Brasil, que possuem lâminas d'água valorizando a paisagem e revelando sua beleza cênica, de agradável vivência por seu acolhimento. São áreas destinadas à população, de toda sorte e classe social, proporcionando-lhe possibilidades e oportunidades de freqüência, uma vez que o acesso é público e livre.

Alguns exemplos de cidades que possuem lâminas d' água são citados a seguir:

No estado do Rio de Janeiro:

Na região dos lagos, litoral norte, a Lagoa de Araruama. Seu bairro, Iguabinha, é margeado pelas águas superficiais da Lagoa de Araruama. Lugar de muito sol e mar, a lagoa separada do mar por uma restinga, chamada de Massambaba, se une às belezas cênicas da região, predominando os coqueirais, conforme figura 29:

Figura 29: Na região dos Lagos, RJ , Araruama.



Fonte: Alma carioca: região dos Lagos, 2006.

Seu perímetro é de 192 km e 220 km² de área. Separa-se do Oceano Atlântico por uma extensa faixa arenosa com 50 km de extensão, conforme mostra a figura. A Lagoa de Araruama, ainda, assume relevante importância econômica por apresentar-se como enorme fonte de recursos naturais. No sentido Norte, situa-se a cidade de Cabo Frio, RJ, que também possui belíssima lagoa, abastecendo de águas doces toda a região, lagoa esta chamada Juturnaiba. (ALMA CARIOCA, 2006).

Na cidade do Rio de Janeiro, a Lagoa Rodrigo de Freitas, conforme figura 30:

Figura 30: Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ



Fonte: Guia da semana: Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ, 2006a.

A Lagoa Rodrigo de Freitas, zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, conta com nove quilômetros e meio (9,5) de contorno. Está ligada ao mar pelo canal do Jardim de Alá, que separa o Leblon de Ipanema. Há tempos vem passando por processos de despoluição, pois o local é um dos preferidos dos seus cidadãos e visitantes, ocorrendo inclusive competições esportivas, como o remo, em suas águas. É rodeada por clubes tradicionais no remo, como Flamengo e Vasco (sede náutica), e outros de lazer, como Caiçaras e Piraquê.

Recentemente modificada, a lagoa ainda conta com ciclovia, pista de cooper, playground, quadras esportivas e um centro gastronômico, espalhados pelos quiosques que ali servem variadas culinárias, como comida italiana e comida japonesa; outro atrativo é a música ao vivo no período noturno. Anexo está o Parque da Catacumba, que expõe ao ar livre trinta (30) esculturas de artistas brasileiros e estrangeiros, oferecendo, com isso, um mostra cultural. (GUIA DA SEMANA, 2006a).

Ainda, a Lagoa Rodrigo de Freitas marca presença na época natalina pela gigantesca árvore, anunciando a chegada da festa cristã, que comemora o nascimento de Jesus Cristo, o Natal.

No estado de Minas Gerais:

Na cidade de Sete Lagoas, a Lagoa Paulino, como mostra a figura 31:

Figura 31: Na cidade de Sete Lagoas, MG, no centro da cidade, exuberante lagoa valoriza o entorno concretizado.



Fonte: Minas Gerais. Governo do Estado, 2006.

No estado de Minas Gerais, variados lugares possuem lâminas d'água incorporadas à paisagem urbana como atrativo turístico, além do embelezamento da cidade.

A Lagoa Paulino, em Sete Lagoas, possui 2 Km de perímetro, sendo considerada o cartão postal da cidade e referencial pela população. Seu entorno é arborizado com buritis, palmeiras e gramados, possui pista de caminhadas e bancos para descanso. Totalmente iluminada e nas proximidades das margens, conta com uma ilha, a do Milito, arborizada com árvores, arbustos e jardins com restaurante e pedalinhos para passeios nas águas superficiais. (MINAS GERAIS, 2006).

No estado de São Paulo:

Na cidade de São Paulo, no bairro do Tatuapé, na zona Leste, Parque do Piqueri, demonstrado na figura 32.

Figura 32: Parque do Piqueri, SP, mantém espécies da fauna e flora bem diversificadas



Fonte: Guia da semana: parque do Piqueri, SP, 2006b.

Originário de uma antiga chácara, o Parque do Piqueri foi criado em 16 de abril de 1978, possuindo uma área de 97.272 metros quadrados, com arbustos e herbáceas ornamentais.

Apresentam-se, no lugar, várias espécies de aves, destacando-se as espécies aquáticas silvestres, como o Socó-dorminhoco, a Garça-branca-grande e o Martin-pescador, que se beneficiam da vasta quantidade de peixes do lago artificial existente no parque. Áreas reflorestadas com

eucaliptos, palmeiras, suinãs, paineiras e alecrins-de-campina misturam-se com os canteiros de espécies arbustivas, os bosques implantados, as alamedas e gramados.

O Parque do Piqueri oferece uma pista de Cooper com mil (1000) metros, dois (2) campos de bocha oficial, campo de futebol de areia, campo de malha oficial, quadra de vôlei de praia, duas (2) quadras poli esportivas, quatro (4) aparelhos de ginástica, três (3) playgrounds, dois (2) tanques de areia, um (1) bicicletário para vinte (20) vagas, trinta (30) bebedouros, áreas de estar e ainda dois comedouros para pássaros. (GUIA DA SEMANA, 2006b).

Na cidade de São Paulo, bairro da Aclimação, na zona Sul, o Parque da Aclimação, como mostra a figura 33:

Figura 33: Parque da Aclimação, SP



Fonte: Guia da semana: parque da Aclimação, SP, 2006c.

Localizado no bairro da Aclimação, na zona Sul da cidade de São Paulo, originário de uma granja leiteira antiga, este lugar foi criado por intermédio do médico Carlos José Botelho, nos anos de 1930.

Este parque tem uma área de mais de cem (100) mil metros quadrados, destacando-se pelo extenso eucaliptal. Apresenta ainda algumas espécies exóticas que foram introduzidas, como chorão originário da Ásia, especialmente China e Irã; figueira-benjamim e a falsa-seringueira, espécies nativas da Índia, esta última introduzida no Brasil na década de 1950.

Algumas nativas são ali representadas pelo araribá-rosa, que se distribui de forma original na Bolívia e regiões da costa brasileira, mas que ocorre naturalmente da Bahia ao Paraná e Distrito Federal; a copaíba, trazida especialmente da Amazônia e ainda encontrada em vários lugares do Brasil; jequitibá-rosa, com forte ocorrência na Mata Atlântica e na floresta semidecídua da bacia do Paraná.

Há forte presença das aves aquáticas, como o Socó-dorminhoco, biguá e martim-pescador, que se misturam às aves migratórias, como o marreco ananaí e o irerê. Os periquitos verdes abrigam-se nas figueiras-benjamim, próximas à Administração do parque.

No lago, apresentam-se espécies de peixes como a tilápia, a carpa colorida e carpa-de-espelho. Há mamíferos que raríssimas vezes são avistados, como o gambá-de-orelha-preta. Além do lago, há um jardim japonês, pista de Cooper, trilha para caminhada, aparelhos de ginástica, quadras, área de piquenique e playgrounds. (GUIA DA SEMANA, 2006c).

Na cidade de Campinas, a Lagoa do Taquaral, conforme figura 34:

Figura 34: Lagoa do Taquaral, Campinas, SP



Fonte: Campinas. Prefeitura Municipal: Lagoa do Taquaral, 2007.

Em Campinas, SP, a metrópole interiorana possui a famosa Lagoa do Taquaral, situada no centro da cidade. É um espaço de recreação e entretenimento de suma importância. Recebe milhares de

cidadãos e visitantes anualmente para passeios ciclísticos, caminhadas, enfim, um lugar agradável de águas superficiais e áreas verdes, em meio à paisagem de concreto.

Com o objetivo de maior segurança e atrativo, tem recebido diversas melhorias, como alargamento das avenidas e guias rebaixadas para maior acessibilidade dos pedestres, estacionamento para motocicletas e sinalização do solo, que sugere melhor visualização para acesso ao bondinho. Medidas de conservação como pinturas de alambrados e mourões proporcionam agradável visualização do local. É responsável pela obra, o Departamento de Parques e Jardins (DPJ), pertencente à Secretaria Municipal de Infra-Estrutura da cidade. (CAMPINAS, 2007).

São inúmeros ainda os lugares que contêm lâminas d'água equilibrando-se com áreas verdes. As cidades de portes pequeno e médio, respectivamente exemplificadas por Charqueada e Rio Claro, no interior do estado de São Paulo, são exemplos do quão importante se faz a presença dessas porções nos centros urbanos, sejam elas de qualquer categoria dimensional.

Na cidade de Charqueada, o Lago Biris, representado na figura 35:

Figura 35: Lago Biris, Charqueada, SP.



Fonte: Charqueada. Prefeitura Municipal: Lago Biris, 2006.

Charqueada, interior de São Paulo, conhecida como a Capital da Seda, é famosa por sua produção em Sericultura; é ainda ponto de encontro, principalmente dos jovens dos arredores, como

Ipeúna, São Pedro e Santa Maria da Serra. Charqueada recebe ainda muitos turistas devido à presença das quedas d'água na região, além do Lago Biris, que está localizado no centro da cidade, oferecendo harmonia paisagística, somada à prática da pesca esportiva, passeios e atividades lúdicas, envolvendo crianças, jovens e adultos. (CHARQUEADA, 2006).

Na cidade de Rio Claro, interior de SP, o Lago Azul, demonstrado na figura 36:

Figura 36: O Lago Azul de Rio Claro, SP: espaço público de recreação



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Rio Claro, SP, conta com uma área dessa natureza, o Lago Azul. Esta área, porém, tem gerado opiniões divergentes sobre o seu desempenho funcional com relação à satisfação dos seus habitantes.

Assim, faz-se necessário criar e/ou buscar soluções eficazes para a melhor utilização dessa área, que, com sua valorização, poderá, efetivamente, se transformar em um **LUGAR**. O Lugar pode ter esta conotação desde que haja uma relação Topofílica, ou seja, uma relação afetiva do ser humano com o Lugar. Esta é concretizada através das experiências vivenciadas unicamente, desenvolvendo assim os laços afetivos por meio dos sentidos, passando a ter um significado para o deslocamento ao local, integrando os conhecimentos, emoções e vontades através da ligação com este espaço, dando sentido à relação homem/natureza.

Não basta ter um recurso, é preciso torná-lo atrativo, e para tanto uma série de pré-requisitos são requeridos para a área tornar-se “integrante” da cidade, satisfazendo as necessidades de seus usuários.



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007.

CAPÍTULO II

UMA AMOSTRA DA PAISAGEM URBANA RECREATIVA: O OLHAR PERCEPTIVO

1. Espaços de recreação

A Geografia sempre se preocupou com estudos e pesquisas onde as áreas Econômica, Política, Social, entre outras, não podem ser ignoradas, para assim se ter uma visão holística, sem a qual não se pode perceber, com exatidão, os fenômenos que se quer contemplar com os estudos.

Mas, não só a Geografia deve se preocupar em observar, analisar e interpretar o espaço urbano nos seus vários cenários, agindo a partir do poder público e da tomada de consciência de cidadania para cuidar do espaço imediato em que se vive. Outras áreas também devem empenhar-se em equacionar essa questão, como desvendar os elementos da paisagem construída, que identificam o local inserido no contexto histórico-cultural dos municípios, buscando melhorar a qualidade de vida como um todo: física, psíquica e socialmente.

Desse modo, sendo parte da estruturação do espaço urbano, as áreas destinadas especialmente ao lazer da população local são relevantes e necessárias, uma vez que todos possuem direito ao descanso e lazer, durante o tempo não utilizado para o trabalho. É como afirma Vieira (1997, p. 25): “na sociedade atual, a boa vida pode ser vivida também nas ocasiões em que se tem um tempo livre, longe do trabalho habitual...”

Portanto, torna-se importante para a cidade e seus cidadãos, bem como para seus visitantes, ter um ou mais espaços que ofereçam áreas de entretenimento para as mais variadas práticas

esportivas, como caminhadas, jogos individuais e coletivos (basquete, vôlei, futebol, bocha, etc.), bem como um espaço destinado a crianças e idosos, uma vez que estes possuem diariamente um tempo livre maior. Busca-se, assim, a comunhão de diferentes tipos de pessoas, embora cada qual utilizando o espaço para um fim específico.

As pessoas no seu meio ambiente - neste caso o espaço urbano - formam uma fusão permanente - a percepção e a identidade se concretizam em seus sentimentos, dentro de si e diante do outro.

Partindo-se de uma abordagem perceptiva, analisando-se na paisagem um objeto de estudo, por exemplo, um bairro, a percepção pode ser considerada e utilizada como técnica de aproximação deste objeto. Esta técnica é encontrada, muitas vezes, nas teorias de urbanização, nas disciplinas de planejamento Urbano e Regional, conforme Mendonça (2002, p. 80), para quem: “a percepção ambiental é ensaiada na identificação de setores urbanos em cada município”. Ao se estudar o bairro, adquirem-se enfoques específicos, mais detalhes, mais afinidade com a realidade através da percepção ambiental. Com isso, fica oportuno adequar determinados planos a este objeto de estudo, para, a partir da realidade encontrada, estabelecer o que é necessário ao local.

A evolução histórica da cidade vai caracterizando os lugares, conforme os fatos ocorridos, ao longo do tempo, nesse espaço. Dessa forma, têm-se os conhecimentos gerais sobre o lugar, o registro de seus marcos, limites, setores e percursos, para se chegar às reflexões sobre o indivíduo no meio urbano e sua inserção na paisagem. (MENDONÇA, 2002).

Outras abordagens que podem ser trabalhadas e analisadas sobre um local seriam a partir das sensações e percepções dos usuários quanto ao espaço. Segundo Lynch (1980), os moradores de um lugar possuem seus próprios mapas mentais sobre o espaço por eles habitado, bem como suas percepções. Com isso, os lugares podem ser identificados, segundo Mendonça (2002), como:

- Agradáveis e desagradáveis;
- Alternativas de aproximação do espaço urbano pela população;
- Vivências e relações sociais diante do contexto arquitetônico e urbano do bairro.

Esta percepção dos moradores ainda ajuda a identificar os limites do local, questioná-lo, dar sugestões, etc. Isso confere identidade ao lugar estudado, além de possibilitar uma análise do conjunto de aspectos que contribuem para esta caracterização. (MENDONÇA, 2002).

Para Tuan (1980, p.5): “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico é denominado de Topofilia”, ou seja, nas relações afetivas de um ser humano com o lugar; o âmago da questão é o afeto, a atração pelo lugar, que se forma através de sentimentos e experiências vivenciadas ao longo da vida.

Ainda segundo Tuan (2005), existe o outro lado das relações do ser humano com o lugar, as quais podem ser sentidas por meio de angústias e medos, repulsão e fobia, o que ele denomina de Topofobia.

O ser humano, ao longo de sua trajetória de vida, carrega, além de sua cultura e genética, medos que lhe são impostos desde a sua infância e que se modificam na adolescência e maturidade. Para Tuan (2005), as cidades, também em sua trajetória histórica, embora busquem a ordenação, sempre se deparam com o caos, que vem acompanhado dos medos... medos de doença, de violência, de tumulto, da exposição à chuva, aos ventos, da escuridão, entre outros. O lugar, enfim, pode ser ou tornar a ser agradável, ou não, atrativo ou repulsivo, diante das situações que ali se apresentam.

2. Paisagem, lugar e percepção ambiental: alguns conceitos e reflexões

No conceito de Bertrand (1971, apud DEL GROSSI, 1996, p. 30):

Paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção de espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perfeita evolução.

A paisagem tem um componente espacial concreto, que se traduz como objeto de estudo da Geografia, segundo Del Grossi (1996, p. 30): “O que se observa na ciência geográfica é que a

paisagem tem sido focalizada como síntese real do momento, onde tanto os fatos da natureza como os fatos dos homens estão representados”. Na Geografia, a paisagem tem sido descritiva e observada, e hoje, somado a isso, têm-se buscado “os mecanismos genéticos e dinâmicos que provocam as constantes transformações das paisagens”.

O conceito de paisagem, para Tuan (1980, p. 140), significa “um arranjo de aspectos naturais e humanos em uma perspectiva grosseira; os elementos naturais são organizados de tal forma que proporcionam um ambiente apropriado para a atividade humana”.

Para Yázigi (1999, p. 133), o conceito de paisagem tem uma conotação um tanto topofílica, em que a paisagem é fruto de uma certa preservação de um espaço, que acaba se destacando num determinado lugar: “a paisagem como parte visível, pode ser o ato conseqüente, da idéia de lugar que tanto se defende”... “Ela é a essência cotidiana do habitante”...

Como paisagens, podem-se citar, por exemplo, as praias, os vales, as montanhas, as ilhas, entre outras, como preferidas pelos homens em geral. Outros lugares vistos como paisagens preferidas são as águas superficiais, os bosques, parques e jardins, já que, no meio urbano, vêm se destacando cada vez mais o aumento e a necessidade de espaços de recreação destinados ao tempo livre, principalmente com a presença de lâminas d’água.

Já o lugar tem ou pode ter vínculos afetivos com o ser humano. Mesmo que a ele não se tenha acesso, é possível sonhar ou mentalizar um lugar. Sentimentos e sensações podem ser tocados profundamente por um lugar ou por sua lembrança, podendo gerar sensações agradáveis ou não.

Para Lukermann (1964, apud RELPH, 1976), seis características fazem o conceito de lugar:

1. a localização (sítio e situação), gerando situação espacial interior e exterior;
2. integração de elementos naturais e culturais, pois cada lugar possui um conjunto de características que o distinguem de outro local;
3. o lugar é único, mas possui uma interconexão espacial dentro de uma estrutura de circulação;
4. o lugar é localizável, pertencendo a uma área e a um sistema de localização;

5. o lugar emerge com mudanças históricas e culturais, surgindo elementos novos aos elementos antigos; estes, podendo permanecer ou desaparecer da história de um lugar;
6. o lugar possui um significado, pois é caracterizado pela crença do Homem. Ele é o único que está sob os atos humanos, em constante transformação, o que confere caráter ao lugar.

No entanto, muitos outros pesquisadores criticam os estudos de Lukermann (1964, apud RELPH, 1976), por não apresentarem uma conotação específica de lugar, podendo seu conceito englobar vários outros, como região e área. Mas, ater-se a esta questão não é alvo desta pesquisa.

Importa, porém, saber que as pessoas se movimentam nos lugares que lhes são mais aprazíveis, mais convenientes, a partir dos sentidos e percepções. Uma trajetória, por exemplo, da escola para casa ou do trabalho para casa, normalmente leva o sentido da busca pelo lugar, a casa, que tem por objetivo abrigo e refúgio do mundo externo. Se no próprio habitat de um animal há um lugar para abrigo e refúgio, o que se dizer do ser humano, que possui suas capacidades de pensamento e inteligência.

Segundo Relph (1976), uma pessoa, identificando-se com um lugar, por exemplo, o interior de sua casa, sente um vínculo profundo arraigado em seus sentimentos. A casa ocupa um espaço, mas torna-se lugar para um indivíduo quando este possui sentimentos em relação a ela. O lugar pode, ainda, levar à sensação de segurança, como afirma Tuan (1983, p. 03): “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? é a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. É, portanto, um conceito sobretudo escalar.

Através das diversas experiências vivenciadas por uma pessoa é que se constrói, cada qual à sua maneira, a sua realidade de vida. É a partir dos seus sentidos (olfato, paladar, tato, visão, audição) que essas experiências se concretizam através das sensações, percepções e concepções. Mas é o pensamento, somado às sensações, que irá qualificar essas experiências. (TUAN, 1983). Portanto, os sentidos favorecem sensações, agradáveis ou não, a respeito do lugar e do espaço em que se vive.

Para Tuan (1983), a experiência dos indivíduos com um objeto ou com um lugar é total quando há uma vivência concretizada dos seus sentidos e pensamentos:

Um objeto ou lugar atinge a realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através de olhos de turistas e leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada (TUAN, 1983, p. 20-21).

Quando se envolve sentimento e se humaniza o espaço, este se torna lugar. No entanto, admite-se que o ser humano necessita tanto do espaço como liberdade, quanto do lugar como segurança:

O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva. Um indivíduo sadio aceita restrição e liberdade, a limitação do lugar e a amplidão do espaço (TUAN, 1983, p. 61).

Para Tuan (1982), a idéia de que qualquer espaço pode se tornar um lugar vem da experiência íntima com alguma coisa:

Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto de uma lareira é um lugar, mas também o é um estado - nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar"... "a geografia humanista tem a tarefa de desvendar como um espaço torna-se lugar intensamente humano. (TUAN, 1982, p. 149).

Portanto, quando o espaço é identificado por suas particularidades e por sua valoração, pode ser considerado lugar pelas características que compõem conotações afetivas para o ser humano.

Nas relações homem/natureza, na visão holística sobre a vida, são realizadas as inter-relações e interconexões com todos os organismos vivos, e, mesmo que não haja consciência disto, a plenitude da vida naturalmente acontece, e tudo se movimenta numa mesma teia, formada por homens, animais e plantas, no espaço físico habitável ou não, e em todos os lugares. Segundo Capra (1996), formando a teia da vida.

Com isso, é sempre afirmativo lembrar que a tomada de consciência ambiental deve levar ao entendimento e conhecimento de que o homem é parte da natureza, mesmo que, às vezes, este não se sinta parte, mas, superior a ela.

O homem, normalmente, vive em sociedade e não isoladamente. Tenta se abrigar, se proteger das ações naturais do tempo, como chuvas, ventos, frio e calor, protegendo-se de outros seres, buscando poder e proteção, construindo e modificando o espaço por ele habitado, para sua comodidade; busca ainda o que lhe é mais apazível, na temperatura, altitude, paisagem definida e ou modificada, sossego, ou na movimentação antrópica, formando inúmeras paisagens construídas sobre as paisagens naturais já existentes.

O espaço enquanto produto das relações dos homens deve considerar os interesses coletivos e individuais das sociedades, de ordem econômica, social, cultural e ambiental. A história do ser humano, no tempo e no espaço, envolve experiências particulares e coletivas que geram um conjunto de experiências vivenciadas, fazendo do ser humano enquanto social, um sujeito consciente ou não de suas ações, de suas reflexões para construir o espaço a partir da sua percepção, observando, percebendo e interpretando os elementos nele contidos.

Machado (1988, p. 02) assegura a importância da íntima e diferenciada percepção que o sujeito tem de um determinado lugar, seja uma percepção individual ou coletiva: “cada ser humano é único, sem precedente e não repetível, e por isso cada pessoa percebe, sente e compreende diferentemente o mesmo meio ambiente”.

A relevante importância da opinião dos cidadãos na investigação de um lugar, como fator de atração ou repulsão, vem da relação do homem com o meio ambiente, através da percepção

individual: “investigar como as pessoas sentem e pensam sobre o meio ambiente, como percebem elas a paisagem, quais os valores que afetam suas atitudes e como isso influencia as instituições, se reveste da maior importância e necessidade” (MACHADO, 1988, p. 02).

A percepção ambiental é um complexo de sentidos e sentimentos valorizados ou não pela cultura, segundo Tuan (1980, p. 04):

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

A percepção também é verificada por Bruhns (2001, p.126) através do contato do corpo ao aproximar-se da natureza, como uma integração do homem com a natureza através de atividades, por exemplo, uma caminhada, uma trilha, um acampamento em áreas de contato com a natureza, entre outros. Com isso, integram-se os conhecimentos, emoções e vontades com a “celebração do espaço, como uma re-ligação nesta relação homem/natureza”.

Ainda, esta percepção se concretiza a partir do próprio corpo: “a experiência corporal é a mais direta e imediata, sendo o corpo o primeiro referencial do homem no mundo” (BRUHNS, 2001, p. 130).

As experiências e vivências, durante toda a vida de uma pessoa, registram imagens de paisagens de alguns lugares, acompanhadas de sentimentos, que podem ser agradáveis ou desagradáveis. Isto vai depender do tipo de experiência vivenciada por ela, a partir de seus conhecimentos, pensamentos e cultura.

Segundo Rio e Oliveira (1996), quando uma pessoa observa algo, essa observação está diretamente ligada ao seu campo sensorial, ou seja, aos seus sentidos, valorizando ou não o objeto, de acordo com o seu conhecimento. Neste sentido, olhar um objeto não significa percebê-lo. Por isso, em seu cotidiano, as pessoas transitam por diversas paisagens e ambientes, naturais ou construídos, atribuindo-lhes valores diferentes.

Portanto, tendo paisagem, lugar e percepção como elos interligados dentro de uma abordagem perceptiva e sistêmica, não se separam os elos, mas sim, se inter-relacionam; com isso, o ser humano passa a assumir e a cumprir no planeta terra seu papel de cidadão:

Quando passo a ter consciência plena de que faço parte de uma rede (percepção), interconectada, interligada com a Terra, com todos os outros seres vivos, passo também a modificar minha Ética, passo a ter uma nova consciência. (CAPRA, 1996, p. 28).

Enfim, após sucessivas explanações de conceitos de paisagem e lugar, bem como de uma abordagem sobre percepção ambiental, pode-se afirmar que o Lago Azul de Rio Claro, SP, é paisagem e lugar.

A Terra possui suas paisagens e seus lugares, aos quais o ser humano atribui valores, modificando o espaço para sua sobrevivência, pois, como diz Dardel (1952), a Terra é quem nutre a vida.

A auto organização cria técnicas para explorar o meio ambiente. Cuidar do local onde se vive é valorizar o que se tem, é praticar a cidadania local. Multiplicar esta valorização em todo o planeta Terra, principalmente pelo exemplo às próximas gerações, respeitando as diferenças e os valores sociais, econômicos, culturais e ambientais, é uma possibilidade de vivenciar um mundo melhor, por exemplo, conservando e preservando os recursos naturais, bem como tendo consciência ambiental. Isso gera oportunidades valiosas para a realização da verdadeira cidadania planetária, uma vez que cada pessoa, cooperando com ações voltadas para o bem comum, caminhará para a construção deste mundo melhor, agora e para as gerações futuras.



Foto e Fonte: MOITA, L. R. 2007

CAPÍTULO III

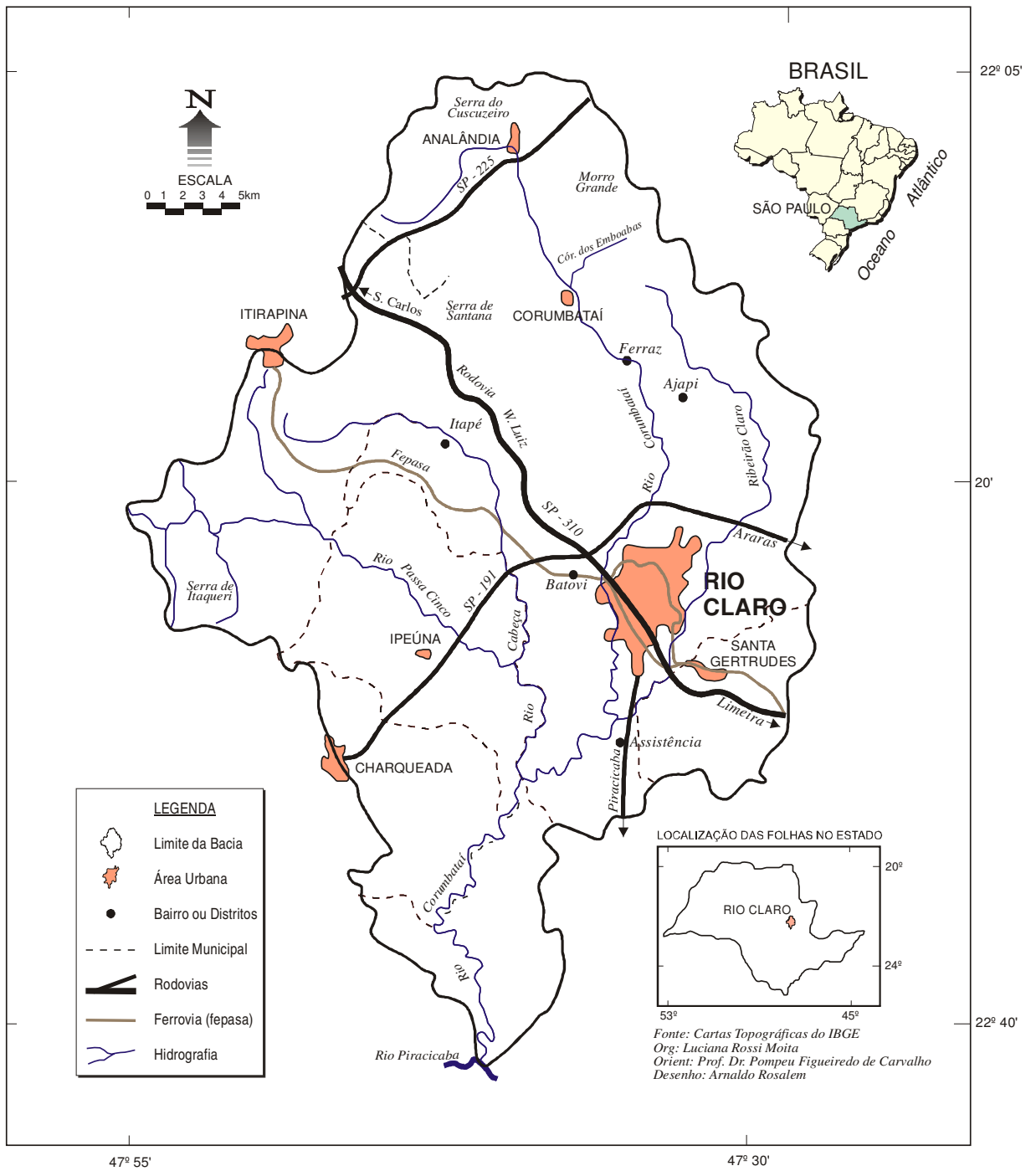
O LAGO AZUL NA HISTÓRIA DE RIO CLARO, SP

1. A história da água na cidade de Rio Claro, SP⁹

Desde meados do século XVIII e início do século XIX, os tropeiros antigos, que por essa região passavam, abrigavam-se às margens do Córrego da Servidão, cujas águas ofertavam e satisfaziam homens e animais. Depois do pouso prosseguiam viagem rumo ao Planalto Ocidental, desbravando novas terras. Muitos que por aqui passaram, acabaram se instalando e acomodaram-se nas últimas terras da depressão periférica paulista, como mostra o mapa atual, que localiza o município de Rio Claro no estado de São Paulo:

⁹ Neste capítulo utilizaremos principalmente as obras de: RIO CLARO Sesquicentenária (1978), RIO CLARO (1999) e TROPPEMAIR (1992).

Figura 37 : Localização do município de Rio Claro, no estado de SP



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Desenho modificado por: Arnaldo Rosalém, com organização de Luciana Rossi Moita, 2007.

As primeiras casas que surgiram, em 1825, localizavam-se à beira do Córrego da Servidão, mais precisamente entre as avenidas dez e doze, com as ruas seis e sete, atual Espaço Livre. Inicialmente, houve um pedido dos moradores para a construção de uma capela.

Como o padre que aqui estava, Delfim da Silva Barbosa, possuía em sua bagagem uma imagem de São João Batista, foi levantada a primeira capela e paróquia, em homenagem a este santo. Em 1827, o povoado foi elevado à categoria de Curato. Em 1830, passou a ser capela curada de São João Batista do Ribeirão Claro, e o povoado passou à categoria de Freguesia. (RIO CLARO, 1978).

E assim, ao seu entorno, cresceu o vilarejo, com casas e comércios, como os armazéns de secos e molhados, e os moradores ocupando as terras de posse de Manoel Pais Arruda. Com isso, Arruda e Manoel Afonso Taborda doaram essa área como Patrimônio de São João Batista, para a construção da Igreja e para a formação, mais tarde, da cidade. O povoado tornou-se vila pela Lei Provincial nº. 13, em 07 de março de 1845. Posteriormente a vila passou a ter uma nova categoria, a de cidade, pela Lei Provincial nº. 44, em 30 de abril de 1857, e sede da Comarca em 1859. (RIO CLARO, 1978).

Conseqüentemente, o aumento populacional foi necessitando de uma melhor e maior infraestrutura urbana, como o abastecimento de água (para uso doméstico e do comércio), energia elétrica (para iluminação, serviços e maquinários que a necessitavam), meios de transporte (como a ferrovia), vias de comunicação (como telégrafo), sendo primordial o uso da água para a demanda urbana.

A região, tornando-se frente pioneira na integração da economia paulista voltada para exportação - num primeiro momento devido à cultura da cana-de-açúcar, até a primeira metade do século XIX, e num segundo momento com a cultura cafeeira, na segunda metade - promoveu em muito o desenvolvimento de Rio Claro.

Rio Claro crescia, como mostra a tabela 1, principalmente devido à chegada da estrada de ferro, em 1876, concedida à Companhia Paulista de Estrada de Ferro, fazendo ligação entre Campinas e Rio Claro.

Tabela 1: Evolução do Espaço Urbano de Rio Claro, SP, entre 1827 e 1881:

	<i>Acréscimo de Quarteirões</i>	<i>Acréscimo em Área</i>	<i>Total de Quarteirões</i>	<i>Índice de crescimento: Quarteirões/ano</i>	<i>Índice de Crescimento área m²/ano</i>
Núcleo Inicial 1827	1	10.000m ²	1	1	10.000m ²
1828 /1835	8	80.000m ²	9	1,1	11.428m ²
1836/1870	35	370.000m ²	44	1	10.911m ²
1871/1881	7	70.000m ²	51	0,7	7.000m ²

Fonte: IBGE, apud Troppmair 1992, *Adaptada por* Moita, 2006.

Este advento tinha como meta o escoamento da produção cafeeira até o porto de Santos, e atraía populações advindas de outros locais, bem como os imigrantes europeus (principalmente italianos, alemães e portugueses), cuja mão de obra vinha para substituir a escrava, porquanto essa cultura exigia um conseqüente aumento de produção.

A população abastecia-se de água potável por meio de poços nas residências e também através das nascentes que existiam ao longo das margens do Córrego da Servidão. A figura 38 é um dos arquivos mais antigos, senão o único, sobre o abastecimento residencial de Rio Claro, numa nascente d'água, e o modo como a população rio-clarense buscava água para abastecer suas casas.

Figura 38: População rio-clarense, que abastecia as casas com a água das bicas, no final do século XIX



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto de Rio Claro, SP, 1999.

A nascente d'água mais importante, situada na avenida dezoito, entre as ruas quatro e cinco, recebera uma bica no local, denominada “Bicão”, que abastecia a parte central da cidade e o bairro da Santa Cruz, até o ano de 1886. (RIO CLARO, 1978).

Com esta preocupação, a de criar mais pontos na cidade para obtenção de água, em 1884 o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Francisco Villela de Paula Machado, após conselhos recebidos de vários engenheiros sob a captação de água, colocou em concorrência pública o serviço de água da cidade, visando o aproveitamento das cabeceiras do Córrego da Servidão.

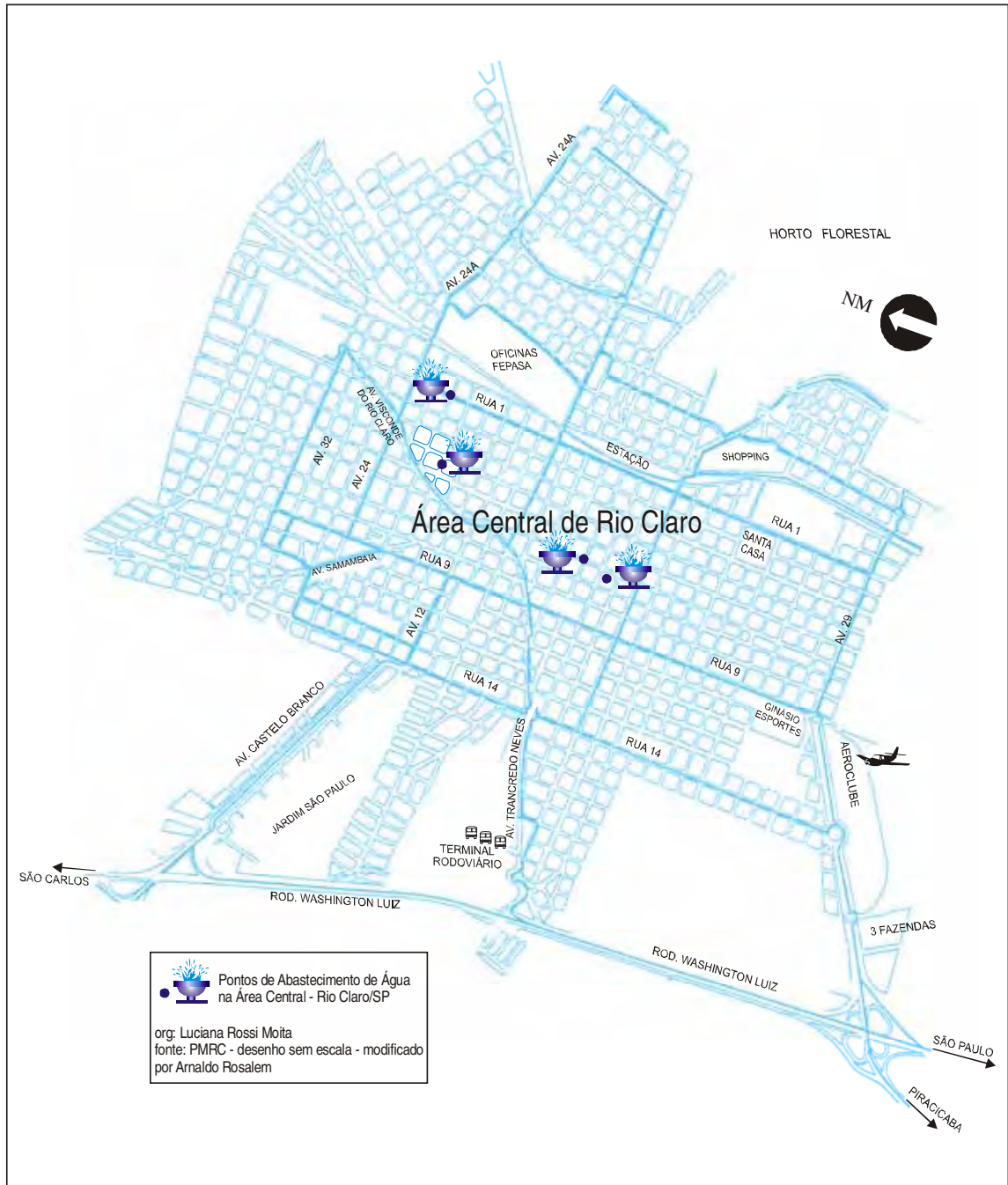
Neste mesmo ano, em agosto, a proposta do Sr. João Kleiner, que fora apresentada junto à Câmara Municipal, foi aprovada. Esta proposta de captação de água do Córrego da Servidão para a serventia pública tinha por objetivo trazer, por meio de encanamentos de tijolos com infiltradores, somados a duas bombas hidráulicas que funcionariam alternadamente, uma bica de madeira, exatamente onde se instalava o “Bicão”. (RIO CLARO, 1978).

Outros canos de ferro conduziram ainda a água para alguns pontos da cidade. A figura 39 destaca os principais pontos de abastecimento de água na área central de Rio Claro desta época:

- rua um (1) com avenida vinte (20);
- no Largo do Teatro (rua seis com avenida um), um chafariz;

- no Largo Municipal, (ruas seis e sete, com avenidas três e cinco), atual praça da Matriz de São João Batista;
- outros pontos da cidade (não identificados).

Figura 39: Pontos de Abastecimento de água na área central de Rio Claro, SP, final do século XIX:



Fonte: RIO CLARO. Prefeitura Municipal, 1990. Desenho modificado por: Arnaldo Rosalém, com organização de Luciana Rossi Moita, 2007.

Outra proposta semelhante à do Sr. João Kleiner, que fora aprovada e executada pela Câmara Municipal, em 1884, era do agrimensor Gregório Gonçalves de Castro Mascarenhas. Sua idéia era a de captar água do Córrego da Servidão acima de sua confluência, na Avenida Visconde do Rio Claro, levando a água, por meio de encanamentos de ferro e bombas hidráulicas, em caixas que serviriam e formariam três ou quatro reservatórios. Por fim, uma caixa d'água de duzentos e vinte mil litros, feita de tijolos e cimento, teve sua pedra fundamental assentada em cinco de março de 1885.

Desta, a água era levada aos chafarizes da cidade e às derivações domiciliares sujeitas ao controle de “penas d'água”. As penas d'água ou peninhas eram registros, com um furo igual ao diâmetro do tubo de uma pena de pato, que davam passagem à água e que eram empregadas pela municipalidade para controlar o consumo domiciliar da água. (RIO CLARO, 1978).

Esta obra foi, depois de aprovada, concluída em maio de 1886, pelos senhores Ferreira da Silva e Armbrust, e foi comemorada no Largo da Matriz São João Batista, inclusive com a inauguração de um dos principais chafarizes.

Mas, em decorrência do crescimento populacional, o aumento da demanda e da necessidade do uso da água era cada vez mais prioritário no conglomerado urbano que, uma vez instalado, exigia pontos que oferecessem fácil utilização.

Em 1895, a cidade recebeu energia elétrica, gerada pela força hidráulica do rio Corumbataí, aproveitando-se da queda d'água da Sesmaria do “Salto Grande”, localizado no bairro da Assistência, na zona sudoeste (SW). Com isto, Rio Claro destacou-se como a segunda cidade do Brasil a possuir esta infra-estrutura; a primeira cidade teria sido a do Rio de Janeiro, RJ.

Em 1895, também, a administração municipal pediu ajuda ao governo do Estado, e a comissão de Saneamento do Estado de São Paulo mandou um engenheiro para analisar as possibilidades do uso da água. Além das águas advindas do Córrego da Servidão, havia uma grande nascente, no final da rua dois, na margem direita do córrego, hoje avenida vinte e seis.

A água do córrego, depois de desviada e filtrada, ia juntar-se à água da nascente, em um depósito aberto abaixo do nível do solo. Dali, por meio de bombas, era levada para uma caixa de alvenaria situada nos altos da Santa Cruz, lugar onde, mais tarde, foi construída a Faculdade de Filosofia, na rua dez com avenida trinta, hoje Unesp.

Este reservatório d'água permitia abastecer as porções da parte Oeste da cidade, a partir da rua cinco. O reservatório tinha capacidade de receber um milhão de litros d'água, que eram levados pelas bombas, à razão de vinte litros por segundo, por quinze horas diárias. A casa onde ficavam as bombas era o "Chalet", que se encontra ainda hoje nas imediações da rua dois com avenida vinte e seis, conforme mostra a figura 40, não possuindo mais sua função de outrora. Este sistema foi inaugurado em janeiro de 1900, pela Câmara Municipal da época. (RIO CLARO, 1999).

Figura 40: O Chalet, rua dois com avenida vinte e seis e vinte e oito, em 1900



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

Como o problema do abastecimento de água potável estava por hora resolvido, a Câmara Municipal voltou sua atenção para tentar solucionar a questão do esgoto, uma vez que as fossas domiciliares eram ofensivas à saúde pública, provocando diversas doenças causadas por bactérias, como leptospirose, sarampo, etc.

Em 1898 foram contratados dois engenheiros, Ataliba Valee e Francisco de Paula Ramos, para a construção e instalação de uma rede de esgotos na cidade. Terminado o serviço em setembro de

1901, inaugurou-se a rede de esgotos na cidade, já com o funcionamento do primeiro filtro decantador, instalado à rua catorze, entre as avenidas três e cinco. O contínuo crescimento populacional obrigou um maior e melhor sistema de captação de água. Este serviço, de ordem municipal, passou a ser transferido pela Câmara aos senhores Ataliba Valle e Francisco de Paula Ramos em 1901, sendo então criada a “**Empresa de Água e Esgotos de Rio Claro**”.

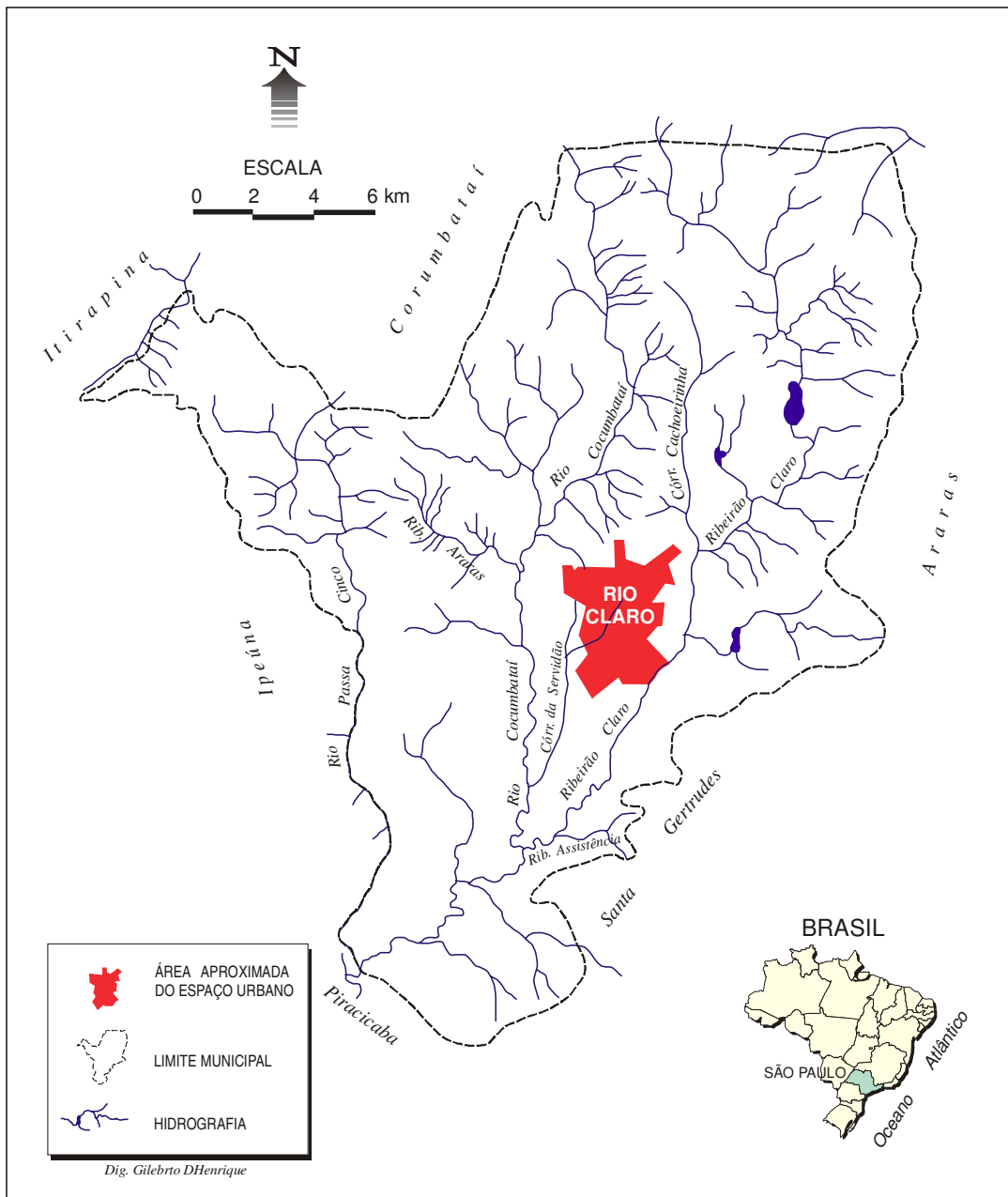
Em 1904, sob a condição de aumentar o abastecimento da cidade, reformulou-se este mesmo contrato, com um novo ajuste das condições: trazer água do manancial do Morro Grande (Ajapí), situado ao norte de Rio Claro, substituindo assim o sistema de captação de água das cabeceiras do Córrego da Servidão.

Como o manancial de Morro Grande apresentava-se sob um relevo de maior altitude do que a captação de água do Córrego da Servidão, as águas escoariam facilmente para a cidade, economizando assim energia elétrica. Fato é que as captações do Córrego da Servidão, desde 1886, foram abandonadas, conservando-se assim as captações de água do sistema da rua dois com avenida vinte e seis.

Em 1909, a região passou por uma forte estiagem, conquanto as águas superficiais de Morro Grande diminuíram, tendo a empresa que optar por reforços alternativos. Passou-se, então, a captar água do Córrego Cachoeirinha, injetando bombas de elevação e resgatando água para a cidade, à razão de vinte litros por segundo.

A figura 41 representa um esboço da hidrografia do município de Rio Claro, SP, tendo em vista a localização dos principais rios (Corumbataí e Ribeirão Claro) e dos córregos Cachoeirinha e Servidão.

Figura 41: Esboço Hidrográfico do Município de Rio Claro, SP:



Fonte: Desenho de Gilberto D'Henrique, com organização de Luciana Rossi Moita, 2007.

Anos mais tarde, em 1929, a prefeitura rescindiu o contrato de vinte anos entre municipalidade e a Empresa de Água e Esgotos de Rio Claro, indenizando os responsáveis. Então a própria prefeitura passou a explorar este serviço, mediante taxas de serviço e consumo de água e esgoto pela população local, sob o mandato do prefeito Irineu Penteadó.

Em 1936, o prefeito Humberto Cartolano verificou, através de levantamentos feitos por engenheiros, que, pelo presente crescimento populacional, a cidade necessitava de mais uma captação de água. Surgiu, então, a captação do manancial da Vila Christina, com vazão de doze litros por segundo, abastecendo os bairros da Cidade Nova e Vila dos Alemães, segundo aponta a figura 42.

Figura 42: Captação do manancial da Vila Christina em 1936



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

Localizada no final do caminho conhecido por “Estrada da Bomba”, a captação era constituída pela reunião das águas de um conjunto de minas ou vertentes em um tanque de concreto. A água era encaminhada do tanque até o poço de sucção, de onde era succionada por dois conjuntos de moto-bomba até o sistema de distribuição, sem nenhum tratamento. (RIO CLARO, 1999).

Localizado na antiga Estrada para a Fazenda Santo Antônio, atualmente avenida Nossa Senhora da Saúde, o Ribeirão Claro apresentava uma pequena represa. Um enrocamento – um maciço de pedras protegendo aterros ou estruturas contra a erosão - desviava a água para um pequeno canal revestido com pedras cimentadas, à margem direita, no qual situava-se o poço de sucção, onde dois conjuntos moto-bomba recalavam a água bruta para a Estação de Tratamento de Água (hoje localizada na avenida 8 –A com as ruas 3-B e 4-B). Atualmente, nesta estação, a água recebe tratamento convencional e, em seguida, é distribuída à população. (RIO CLARO, 1999).

Na figura 43, o antigo sistema de captação de água do Ribeirão Claro, nas primeiras décadas do século XX.

Figura 43: Antigo sistema de captação de água do Ribeirão Claro, início do século XX



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999

Em 1937, surgiu a idéia do aproveitamento das águas do Ribeirão Claro, que cortava o Horto Florestal (Horto da Cia. Paulista). O projeto final saiu em 1939, através do engenheiro Carneiro Vianna, que aprovou modificações e foi realizado pela Cia. Construtora Augusto Velloso S/A. As águas do Ribeirão Claro passaram então a ser captadas por meio de tubulações injetadas na rede de água, com aproveitamento de oitenta litros por segundo.

A busca de soluções para o abastecimento de água era constante. Assim sendo, em 1945, o prefeito Francisco Penteado Jr. seguiu com alguns procedimentos de melhorias no abastecimento de água à cidade, com a intenção de aproveitamento das águas do Ribeirão Claro.

Com o início em 1945, a nova obra de captação de água do Ribeirão Claro teve sua primeira etapa concluída somente em 1949, na gestão do prefeito Benedito Pires Joly, sendo inaugurada com três filtros.

Como emanavam oitenta litros de água por segundo, nesta rede, era o suficiente para o abastecimento urbano, não mais necessitando dos mananciais de Morro Grande e Cachoeirinha.

O serviço de captação da bomba da rua dois também já fora desativado, não mais abastecendo os altos da Santa Cruz.

No final da década de 1960, na gestão do prefeito Dr. Augusto Schmidt Filho, o complexo de saneamento básico constituía-se de: redes, tanques de floculação, decantação e filtração com reservatórios de base, levando à população água tratada e de boa qualidade. Para isto, utilizava-se de operações à base de cloro, sulfato de alumínio e cal. (RIO CLARO, 1999).

Formara-se o Departamento Autônomo de Água e Esgoto – DAAE - um complexo sistema de redes de distribuição de água, com três reservatórios de quinhentos mil litros cada, mantendo a cidade, que crescia, abastecida dia e noite, recebendo inclusive várias indústrias, o que está demonstrado na tabela 2.

Tabela 2: Evolução da população de Rio Claro, SP, de 1940 a 1970:

<i>Ano</i>	<i>Total da População</i>	<i>Taxa de Crescimento/Ano</i>	<i>População Urbana</i>	<i>População Rural</i>
1940	42.287	1,13%	55%	45%
1950	47.073	2,76%	73%	27%
1960	60.681	2,87%	80%	20%
1970	78.108	4,08%	87%	18%

Fonte: Troppmair, 1992. *Adaptada por Moita, 2006.*

O município, hoje, conta com um sistema de abastecimento de água com duas estações de tratamento de água (ETA).

A ETA I, como já mencionado acima, capta as águas do Ribeirão Claro a Leste (resolução do CONAMA, Nº. 20, rio de classe II); está localizada no centro da cidade, no bairro Cidade Nova, construída em 1949 e reformada em 1968, demonstrada nas figuras 44 e 45. Sua capacidade nominal de tratamento é de 350l/s. (RIO CLARO, 1999).

Figura 44: Construção das novas galerias da estação ETA I, em 1968



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999

Figura 45: Construção das novas galerias da estação ETA I, em 1968



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

A ETA II capta as águas do Rio Corumbataí (resolução do CONAMA, nº. 20, rio de classe II) e está localizada no Km 8 da estrada municipal Rio Claro/Ajapí, ao norte, construída em 1982. Sua capacidade nominal é de 500l/s. Ambas possuem o tratamento convencional, ou seja, floculação, decantação, filtração, desinfecção e fluoretação. (RIO CLARO, 1999).

Hoje, a cidade utiliza-se das captações das águas dos rios Corumbataí e Ribeirão Claro, porém, ao mesmo tempo em que se abastece fartamente dessas águas, dejetos industriais e residenciais sem receberem tratamento adequado são lançados, a céu aberto, nas águas superficiais do Córrego da Servidão. Aquele que outrora serviu de pouso e abrigo aos tropeiros e seus animais,

saciando-lhes a sede e revigorando-os do cansaço, recebe hoje, injustamente, esse descuido e descaso da cidade, que cresce sem nenhum ou pouco compromisso para com as águas.

Na Avenida Visconde do Rio Claro, em épocas de maior fluxo d'água, em seus transbordamentos, as águas preenchiam toda a área de várzea, chegando até mesmo a inundar as casas mais próximas às suas margens.

Então, um novo projeto para solucionar a **captação das águas e canalização do Córrego da Servidão**, regularizando o fluxo de água, teve início com a obra em 1967, finalizada em 1971, na gestão do prefeito Álvaro Perin. As fotos 46, 47, 48 e 49, respectivamente, retratam as obras iniciadas em 1967 e a inauguração da Avenida Visconde do Rio Claro, em 1971, como mostra a figura 50.

Figuras 46 e 47: Canalização do Córrego da Servidão no final da década de 1960

Canalização do Córrego da Servidão



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994

Figura 48: Canalização do Córrego da Servidão, final da década de 1960



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994

Figura 49: Canalização do Córrego da Servidão, final da década de 1960



Fonte: Rio Claro, Arquivo Público e Histórico, 1994.

Figura 50: Inauguração da Avenida Visconde do Rio Claro, em 1971



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

Este projeto, o da canalização do Córrego da Servidão, tinha por objetivo a possibilidade do represamento da sua nascente. A drenagem e regularização do Córrego da Servidão, tendo por intuito a construção de um reservatório d'água para absorver algumas enchentes, contribuiria para um escoamento melhor das galerias da Avenida Visconde do Rio Claro e para minimizar a proliferação de animais, como ratos, e de insetos, como pernilongos (TROPMAIR, 1992). Assim foi feito o represamento, na mesma época em que se efetuava a canalização do córrego sob a Avenida Visconde do Rio Claro, sendo concluído e inaugurado em 24 de Junho de 1972. As figuras 51, 52, 53, 54 e 55, na seqüência, retratam a construção e barragem do córrego, formando o LAGO.

Figura 51: Construção da barragem do córrego para absorção de enchentes, entre outros, em 1970



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

Figura 52: Represamento do Córrego da Servidão para evitar a erosão, década de 1970



Fonte: Rio Claro: Arquivo Público e Histórico, 1994.

Figura 53: Construção do Lago, década de 1970



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

Figura 54: Construção do Lago, década de 1970



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

Figura 55: Inauguração do Lago, em 24 de Junho de 1972



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

2. A formação do Lago Azul

A administração pública local tinha ainda por objetivos, com o represamento da nascente do córrego da Servidão, que formara um lago, duas finalidades:

- turística, com presença de orquidários, restaurante, parques, sanitários e estacionamento;
- paisagística, com a pretensão do plantio de 3.500 árvores de variadas espécies, que florescessem durante o ano inteiro, com diversidade da vegetação em seu porte, cores e texturas: rasteiras, como grama e guaxuma; e arbóreas, como mangueira, bananeira, bambu, paineira, ipê-amarelo, entre outras (TROPPEMAIR, 1992).

Estas finalidades não foram executadas - nem a turística e tampouco a paisagística - melhorias estas que poderiam valorizar este lugar. Nesta época, a população usufruía das águas superficiais para pesca e caça de rãs, apenas, nos seus arredores, e algumas vezes, para encontros nos campinhos de futebol ali improvisados. A figura 56 retrata o Lago Azul no ano de 1972, onde, ao sul, nota-se a canalização do córrego sob a Avenida Visconde do Rio Claro.

Figura 56: Foto aérea do Lago Azul, em 1972



Fonte: Rio Claro. Arquivo Público e Histórico, 1994.

Além disto, as águas que vinham dos bairros situados à montante dessa área (Vila Martins, Vila Operária) escoavam juntamente com sedimentos como entulhos, terra e lixo, ocasionando um assoreamento do lago. (TROPMAIR, 1992).

Com isso, o lugar acabou por se transformar em um grande brejo, que apresentava espécies vegetais, como a taboa. Algumas espécies de aves, como o João-teneném, tzius, bicos de lacre e tico-ticos também se instalaram por ali, passando a ser um lugar até mesmo de repulsão por parte dos moradores mais próximos e da própria população rio-clarense.

A não valorização da área pelo poder público local, automaticamente conduziu a população à mesma atitude, percebendo essa área com ressalvas, repulsa, uma paisagem de medo, obviamente pela sua falta de **funcionalidade**. Realmente, constituía uma área pertencente ao espaço urbano, mas não incorporada pela população.

Ainda em meados da década de 1970, foram construídos três reservatórios para um melhor abastecimento da população: o da Vila Martins, do BNH, e da Avenida da Saudade.

Em 1977, na gestão do prefeito Nevoeiro Jr, o projeto para a construção do Centro Cultural Roberto Palmari, nas imediações do Lago, foi-se efetivando aos poucos.

O Centro Cultural Roberto Palmari constitui-se de:

- uma biblioteca pública, recebendo alunos e visitantes das redes públicas e particulares;
- um teatro, que recebe artistas nacionais e internacionais, com apresentações de shows, teatros, danças, entre outros, para todas as faixas etárias;

Conta ainda com inúmeros espaços (salas e salões) para:

- realização de encontros e congressos acadêmicos e políticos;
- diversas atividades, envolvendo a rede pública de ensino, como mostras de pinturas e gravuras;
- exposições e mostras envolvendo artes, como quadros, cerâmicas e pinturas;
- atividades, como aulas de dança, yoga, capoeira, aulas de teatro, etc.

O espaço do Centro Cultural é um espaço construído pelo homem, sendo um ambiente fechado, que busca a proteção da chuva, do vento. Muito embora artificial, aproxima-se da natureza, ao contrário da área anterior não construída: um espaço ao ar livre, mas espaço de medo da exposição. Na figura 57, a entrada principal do Centro Cultural pela rua dois. Na figura 58, a entrada do Centro Cultural pelas imediações do Lago Azul.

Figura 57: Entrada principal do Centro Cultural Roberto Palmari



Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 58: Entrada para o Centro Cultural nas imediações do Lago



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

O Centro Cultural oferece, por exemplo, em caráter privado, peças teatrais, shows, trazendo inúmeros artistas da cidade e região, bem como atores famosos aos palcos do teatro. Ainda em caráter privado, oferece um barzinho cultural que está instalado nas suas imediações, o Companhia Paulista Music Bar, freqüentado por pessoas que apreciam bandas musicais que, em seu repertório, apresentam uma boa música brasileira, como rock nacional e o forró, e ainda outros gêneros musicais como o rock, o blues, o jazz, entre outros, em um momento de descontração e bate papo informal e intelectual. A figura 59 dá uma vista da entrada do bar cultural à direita, no fundo da entrada principal do Centro Cultural. Na figura 60, vista do bar do lado de fora, nas imediações do Lago Azul.

Figura 59:
No fundo, à direita, entrada do bar cultural.



Figura 60:
Vista do bar cultural, nas imediações do Lago.



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Com a presença do Centro Cultural nas imediações do Lago Azul, promoveram-se, mais tarde, na gestão do prefeito Lincoln Magalhães, em 1984, algumas melhorias de infra-estrutura para o local, como instalação de equipamentos, parque infantil e quadras esportivas.

Somada a este fato, deu-se a efetivação da recuperação do Lago Azul, espaço este pertencente à categoria de espaço livre, do não construído, espaço de pessoas de toda a sorte, espaço de entretenimento, mas também espaço do medo. São estes os espaços cada vez mais concorridos para a utilização do tempo livre, geralmente com áreas de águas superficiais, ornamentadas com sua aproximação ao espaço não construído: animais, vegetação, água, tentando resgatar a natureza perdida pelas edificações.

Assim, após sucessivas administrações e tentativas de recuperação, o Lago Azul de Rio Claro, SP, recebeu algumas melhorias iniciais, aqui elencadas:

- desassoreamento, uma vez que as águas que deságuam no represamento do lago trazem consigo entulhos, como já visto acima;
- arborização do seu entorno, ornamentando o espaço construído;
- instalação de equipamentos de lazer, como campos de futebol, pedalinhos, parque infantil, enfim, uma gama variada de equipamentos, oferecendo assim um espaço melhorado com estes atrativos recreativos.

Mas, foi só em meados dos anos 1990, na gestão do prefeito Azil Brochinni, que este espaço passou por um processo de remodelação, conforme se apresenta nos dias de hoje.

Sua ornamentação é incrementada pela flora (arborização e vegetação florística) e fauna, como as araras-azuis e as garças-brancas, proporcionando um aspecto agradável à área. Pistas de caminhadas foram implantadas, assim como bancos para descanso, recuos para pesca e locais para refeição ao ar livre, tornando-se uma área recreativa.

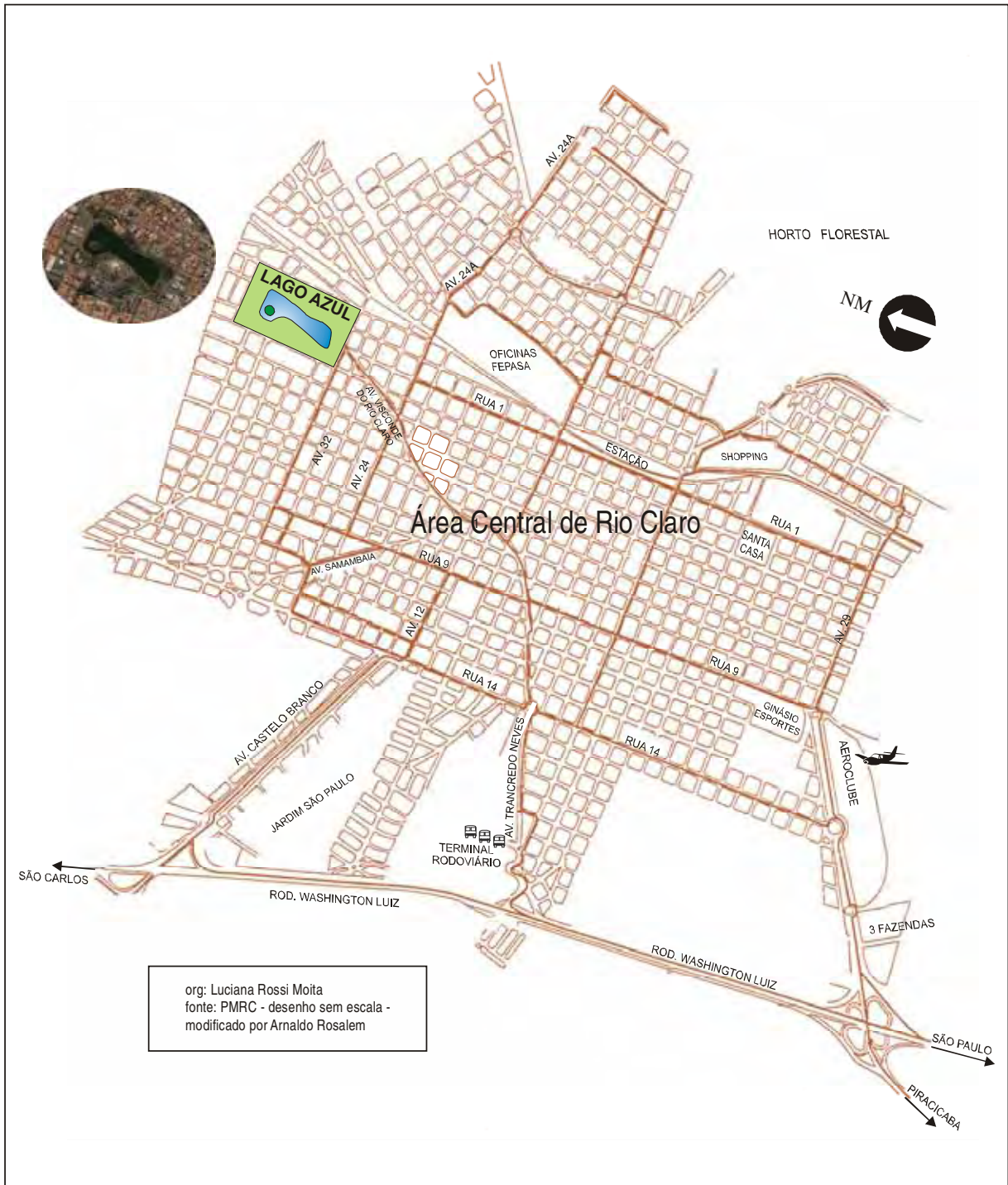
Impactos ambientais ainda ocorrem nos dias de hoje, nas águas do Lago Azul, normalmente como decorrência do desassoreamento e também por inundação, infiltração, erosão e

contaminação das águas por esgoto. Algumas vezes ocorre a mortandade de peixes, pelo recebimento destes esgotos residenciais e industriais, o que passa a ser um termômetro da qualidade das águas superficiais, comprometidas, principalmente pela falta de planejamento antes do represamento e da mudança do curso do córrego, e pela falta de conservação e recuperação das matas ciliares, devido à ocupação desordenada nas encostas do vale do Córrego da Servidão. (TROPMAIR, 1992).

Na gestão do prefeito Cláudio de Mauro, a partir de 1999, o espaço recebeu vários manejos nas águas superficiais, como desassoreamento, que é um problema permanente, instalação de equipamentos no parque infantil, devido à maior demanda de crianças neste espaço, quadras de basquete, skate e cuidados com as áreas verdes. Ainda hoje, há muito por fazer no que concerne à sua construção e infra-estrutura, como será retratado mais adiante.

A figura 61 identifica o Lago Azul no espaço intra-urbano de Rio Claro, SP, a partir de um esboço, que permite visualizar seu espaço e seu lugar, bem como toda a Avenida Visconde do Rio Claro, sob a qual está canalizado o Córrego da Servidão.

Figura 61: Esboço do Lago Azul e da Avenida Visconde do Rio Claro:



Fonte: RIO CLARO. Prefeitura Municipal, 1990. Desenho modificado por Arnaldo Rosalém, com organização de Luciana Rossi Moita, 2007.

Hoje, a captação de água, retirada dos rios Ribeirão Claro e Corumbataí, para o serviço de abastecimento e tratamento da água, continua sendo efetuada pelo Departamento Autônomo de Água e Esgoto - DAAE, possuindo fluoretação. A extensa rede de esgoto, cujos coletores estendem-se ao longo das ruas, para depois confluírem em três coletores, com lançamento final dos resíduos in natura nas águas dos rios Corumbataí, permanecem via Córrego da Servidão e Ribeirão Claro. (RIO CLARO, 1999).

As estações de tratamento de esgoto (ETE) estão localizadas, conforme mostram as figuras 62, 63 e 64, respectivamente, uma na porção norte, ETE Ajapi (1992), uma a oeste da cidade, ETE Jardim das Palmeiras (1999) e outra a noroeste, ETE Jardim das Flores (2001), sendo as duas últimas construídas na gestão do prefeito Cláudio de Mauro.

Figura 62: Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Ajapi



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

Figura 63: ETE Jardim das Palmeiras



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

Figura 64: ETE Jardim das Flores



Fonte: Rio Claro. Departamento Autônomo de Água e Esgoto, 1999.

Visto que as estações de tratamento de água e esgoto em Rio Claro vêm melhorando e proporcionando melhor qualidade de vida à população, bem como a qualidade ambiental de suas águas superficiais, a capacidade de abastecimento de água e energia elétrica da cidade permite suportar seu contingente populacional (RIO CLARO, 1999). Mas há ainda muito que fazer pelas águas, pois ao abastecerem-se dos rios, todos desejam água da melhor qualidade. Conquanto, estas águas merecem voltar ao rio Corumbataí tratadas, antes de serem lançadas como esgoto naquele que foi o precursor de nossa história, o Córrego da Servidão, bem como o Ribeirão Claro.

3. Autores que abordaram o tema Lago Azul de Rio Claro, SP.

O Lago Azul de Rio Claro, SP, tem seus registros em pesquisa realizada por Oliveira et al. (1976), com o intuito de analisar a percepção de um determinado espaço aberto ocupado na paisagem urbana, bem como de suas potencialidades como ponto de referência nos processos de representação cartográfica.

Outras importantes referências bibliográficas nos estudos do Lago Azul foram registradas por Alves e Machado (1993) e Troppmair (1992), sobre a preocupação com a qualidade ambiental do município e a importância de áreas verdes com o crescimento das cidades.

Cardoso, Cerri e Machado (1995) contribuíram com um levantamento histórico da população urbana de Rio Claro, SP, e a história e evolução da construção do Lago Azul. Analisaram sua importância para o município e a importância da área para a população, com base na percepção da mesma.

Vieira e Ferreira (1997) ressaltam, através de estudos baseados em Fisk e Hatry (1983), a importância do Lago Azul no município de Rio Claro, SP, como uma das áreas recreacionais, bem como por seus serviços prestados à população no espaço intra-urbano.

Somados a esta preocupação, Guidugli e Masso (2005) declaram em suas pesquisas a crescente demanda de áreas de lazer e entretenimento em razão do aumento da população com mais de sessenta anos, no município de Rio Claro, SP.

Vieira (1997) destaca a importância das águas superficiais que podem ser aproveitadas para entretenimento, além de via de circulação natural, como acontece no rio Tâmis, em Londres, Inglaterra, onde ocorrem em suas águas competições esportivas.

Outra citação importante que Vieira (1997, p. 07) comenta é que as autoridades públicas de um local devem valorizar suas lâminas d'água, que podem proporcionar à sua população momentos de lazer, principalmente devido à: "institucionalização do tempo consagrado ao descanso que tem

atingido todas as camadas da sociedade, onde o poder público e os especialistas em assuntos urbanos não podem mais ignorar esta conquista que é um marco na evolução do trabalho”.

Conseqüentemente, as populações urbanas de toda classe social, principalmente as de mais baixa renda, podem, com isso, desfrutar de espaços públicos de lazer; espaço aberto, democrático, saudável, com qualidade de vida e ambiental.

A população de baixa renda, sem condições financeiras para freqüentar clubes fechados e particulares, ou realizar viagens de lazer, necessita, com certeza, desses espaços para suprir suas necessidades de descanso. O que esta população normalmente recebe? A segregação, a distância, a discriminação. O poder público, então, deveria tomar providências para tornar esses lugares atrativos e agradáveis, de acordo com os interesses de seus cidadãos. De que forma? Criando e atuando com ações de melhoria desses lugares, como conservação de áreas verdes, conservação das águas, da fauna local, manutenção dos equipamentos de lazer, entre outros, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida e ambiental da população com um todo.

Neste sentido, há uma manifestação do ser humano em vivenciar o espaço. Essa vivência é a construção da história de um povo, marcada no tempo e no espaço. Cada pessoa contribui com sua trajetória de vida para a formação deste espaço. Hoje, sabe-se por meio da tomada de consciência que esta trajetória de vida deve estar atenta à melhoria do meio ambiente, já que o ser humano é parte da natureza e não superior a ela, devendo, portanto, conservá-la e preservá-la.

Enfim, considerando como objeto de estudo o Lago Azul de Rio Claro, SP, espaço público de lazer, paisagem e lugar, como já visto anteriormente, esta pesquisa, por meio de uma abordagem perceptiva, veio, analisar, descrever e interpretar, principalmente através das relações topofílicas e topofóbicas do ser humano com este lugar, as experiências vivenciadas pela população e suas manifestações e preocupações quanto à conservação deste lugar, considerado o Cartão Postal da cidade.

4. O Lago Azul de 2007¹⁰

O Parque Municipal Lago Azul¹¹ possui uma área que perfaz um total de cinco alqueires, ou seja, um total de cento e treze mil metros quadrados, e represa as águas advindas do Córrego da Servidão, tendo aproximadamente cinquenta mil metros quadrados de água e sessenta e três mil metros quadrados de área verde.

O local é área significativa na paisagem urbana, não somente destinado à recreação, mas ainda como facilitador da melhoria da qualidade ambiental de vida da cidade e de sua população, devido à sua composição natural. (TROPMAIR, 1992).

Com relação aos aspectos de qualidade ambiental, a contribuição do Lago Azul é de suma importância, podendo citar:

- a retenção da poluição do ar: nos aspectos físicos, com a presença da arborização que oxigena o meio urbano, ambiente este de concreto e emissões de gases, como o gás carbônico proveniente de veículos automotores, proporcionando agradabilidade física;
- retenção da poluição sonora: abafamento sonoro dentro deste ambiente, em relação ao barulho que a circulação de veículos e outros tipos de sons inconvenientes ocasionam;
- retenção da poluição visual: com o encontro das águas e da vasta vegetação apresentada, os sentidos do ser humano no encontro do meio não construído são revitalizados;
- bem estar psicossocial: com uma variada gama de equipamentos de recreação e entretenimento, os diversos grupos sociais se encontram nas mais variadas atividades, proporcionando o convívio social e utilizando o seu tempo de lazer nos campos de futebol, skate, basquete, nas brincadeiras oferecidas pelo parque infantil, nas caminhadas das imediações, nos passeios de pedalinho junto às águas do lago, etc.;
- melhoria do clima urbano: as áreas verdes proporcionam a retenção dos raios solares, oferecendo agradabilidade física e mental diante do melhor conforto térmico;

¹⁰ Inicialmente, o Lago Azul fora batizado como “Parque dos Imigrantes Italianos”

¹¹ Parque Urbano é uma área verde maior que praças e jardins públicos, que possui funções de lazer, bem como estética e ecológica.

- maior oxigenação: a população, como um todo, recebe das áreas verdes oxigênio necessário para contrabalançar a poluição do meio urbano, identificado no primeiro item.

A partir das lâminas d'água, a área foi organizada com a utilização de todos os recursos, transformados em atrativos no espaço do Lago Azul.

Este espaço tem uma singularidade, o fato de que durante toda a semana recebe em sua área esportiva, para caminhadas e Cooper, determinado tipo de usuário, que ao chegar no final de semana não se encontrará neste lugar, saindo para clubes ou uma segunda residência.

Já nos finais de semana, outra população, a de mais baixa renda, perfaz quase o total de usuários nas áreas de recreação e entretenimento; população esta que busca exatamente o espaço público, a área para ocupar seu tempo livre.

Confere-se nas palavras de Tuan (1983) que o espaço, sendo conhecido e vivenciado, pode passar a ter um significado de lugar, espaço este que se pode encontrar no Lago Azul como um *LUGAR* para muitos usuários, caracterizado como um lugar específico, que poderá proporcionar bem estar e segurança. Ao mesmo tempo possui certa característica de espaço, ou seja, tem-se ali a sensação de liberdade, quando dos deslocamentos não encontrados e não possuídos no interior das residências.

Sua infra-estrutura, com fotos da autora e pesquisadora, apresenta os seguintes aspectos, detalhados a seguir:

O espaço recebe, em todo o seu entorno, uma cerca de arame, sustentada por alambrados de cimento. Em sua volta, no lado interior, há sempre a presença de canteiros, ornamentados geralmente com pingos de ouro.

- Na ala leste, pela entrada da rua dois – A (2-A), um pequeno estacionamento para carros, motos e bicicletas se encontra próximo à sede, retratada nas figuras 65 e 66. Esta, instalada em uma pequena casa, serve de Administração junto aos funcionários, como mostra a figura 67, composta

além da casa, por um bebedouro (figura 68) e dois banheiros, um feminino e um masculino (figura 69).

Figuras 65 e 66 : Estacionamento da ala leste



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Figura 67: Administração do Lago Azul



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Atrás deste prédio existe um bebedouro azulejado, com cinco torneiras.

Figura 68: Bebedouro Azulejado na entrada da ala leste



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Os únicos banheiros que o local possui estão instalados atrás das imediações da administração, em precárias condições de conservação, com pichações, portas e vidros quebrados, torneiras e paredes com reformas inacabadas, avistando-se o encanamento em uma das paredes, e um mau cheiro exala de dentro dos recintos.

Figura 69: Banheiros do Lago Azul



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

As áreas verdes, apresentadas nas figuras 70, 71 e 72, respectivamente, que ladeiam as imediações da administração, estão bem cuidadas, com aspectos favoráveis ao embelezamento do lugar. O gramado está cortado, há irrigação da vegetação com uma mangueira simples; existem inúmeros bancos para a população e demais visitantes. Apresenta vários tipos de vegetação,

como coqueiros, pinheiros, goiabeiras, mangueiras, pata-de-vaca, fícus, etc. enfim, uma variação nos tipos e tamanhos arbustivos, oferecendo abrigo a diversas aves, como pombas e anus pretos.

Figuras 70 e 71: Entrada no Parque Municipal, ala leste



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Figura 72: Ala leste: arborização



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Uma pequena e única mesa de tênis de mesa, ou pingue-pongue, está instalada atrás da casa da administração (figura 73). Para quem não costuma passar por ali, é difícil visualizar este equipamento, uma vez que ele está sob as inúmeras árvores ali existentes.

Figura 73: Mesa de pingue e pongue: recreação



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Um salão sustentado por pilares enormes de madeira, com cobertura em telhas de barro, é utilizado para alguns eventos, como aulas de dança e aulas de capoeira, que são gratuitas e são oferecidas pela administração pública municipal, além de ensaios de escolas de samba e eventos promovidos pela administração municipal, como encontros de leitura e contos para crianças, jovens e adultos. Há ainda um prédio neste galpão, com salas no fundo e um galpão decorado com pichações (figuras 74 e 75). Ao fundo do salão, a administração (figura 76).

Figura 74: Salão na ala norte



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 75: Galpão



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 76: Vista do salão, ao fundo, a administração



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Acesso do salão na ala norte para o parque infantil (figura 77). Para o acesso aos campos de futebol, futebol de areia, futebol de salão, skate e basquete, que estão instalados na ala norte do parque, pode-se ir por este campinho, ou atravessando os corredores e os campos de recreação (figura 78).

Figura 77: Corredores para acesso ao parque



Figura 78: Vista dos campos de recreação



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A única instalação de alimentação particular oferecida dentro da área é uma modesta sorveteria, uma casinha de madeira pré-moldada, também na ala leste, nas imediações da administração e próxima ao parque infantil e campo de bocha (figura 79).

Figura 79: Sorveteria



Fonte: MOITA, L. R., 2007.

O campo de bocha está instalado na entrada da ala leste, próximo à administração (figura 80). É composto de dois campos, construídos em madeira, sustentados por pilares de madeira, e cobertos por telhas de cerâmica. Ladeiam seis bancos de concreto com cada mesa também de concreto, num total de 09 mesas para que, normalmente, os aposentados possam jogar cartas, como truco e caxeta (figura 81) e bocha (figura 82).

Figura 80: Campo de bocha



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 81: Pessoal aposentado jogando cartas



Figura 82: Campo de bocha



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Nos finais de semana, um senhor idoso leva um carrinho para as crianças passearem no entorno do parque infantil. O custo do passeio é de R\$ 2,00 (figura 83).

Figura 83: Carrinho de brinquedo: passeio no parque



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Em direção ao parque infantil, nota-se a presença de mesas e bancos, e ainda muitos bancos de praça para acomodar a população, em geral parentes que levam as crianças para o parque infantil.

Não se pode dizer que seja um local apropriado para um piquenique, pois fica próximo à entrada da área e não oferece comodidade suficiente para este tipo de recreação.

Há alguns brinquedos elaborados em madeira (figuras 84 e 85), que foram construídos há alguns anos, não somente para as crianças usufruírem, mas também jovens e adultos que ali fazem seu aquecimento muscular antes de praticarem a caminhada ou o Cooper. Os equipamentos de recreação em madeira perfazem um total de sete (7).

Figuras 84 e 85: Parque infantil de madeira



Fonte: MOITA, L. R., 2007

No corredor que dá acesso ao parque infantil, há um modesto estacionamento para oito bicicletas.

O outdoor de entrada do Parque Municipal diz em seu letreiro que é proibido circular de bicicleta dentro do local. Contudo, não é o que se observa, pois os jovens que ali chegam quase sempre vêm de bicicleta e circulam livremente por todo o Parque com as mesmas, como retratado na figura 86.

Figura 86: Acesso ao parque infantil, pela ala leste e estacionamento de bicicletas



Fonte: MOITA, L. R., 2007

O parque possui, em direção ao lago, dois corredores que se dividem por um canteiro muito bem cuidado de vegetação; as guias de todos os canteiros, bem como de todo o arredor do parque, estão bem conservadas. Separam o espaço das águas superficiais os alambrados de madeira e arame, sustentados por toras de madeira, notados na figura 87.

Figura 87: Corredores entre o Lago (separado por alambrados de madeira, à esquerda) e o parque infantil à direita da foto



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Como se nota nas figuras 88 e 89, o parque infantil possui um agradável conforto térmico, ladeado principalmente por fícus, pinheiros e outras espécies vegetais. É murado todo em volta com blocos de tijolos baianos, e possui muitos bancos e árvores, também ladeadas com blocos de

tijolos baianos, que também servem como bancos. Os equipamentos estão espalhados num grande bolsão de areia. Somam-se ao todo:

- Dois escorregadores médios;
- Quatro trepa-trepa;
- Três barras de exercícios;
- Quatro casas de Tarzan contendo um escorregador e duas balanças cada;
- Uma casa de Tarzan contendo um escorregador, três balanças, dois pneus e um cavalão;
- Uma casa de Tarzan com sete balanças, um pneu, dois cavalões, dois escorregadores;
- Um jogo de balança com seis cadeiras;
- Três jogos de balanças com quatro cadeiras;
- Um cavalão;
- Um escorregador;
- Duas gangorras com quatro cada;
- Uma casa de Tarzan com dois escorregadores e barra de exercícios;
- Um jogo de balança quebrado;
- Um jogo de seis túneis;

Figura 88: Parque infantil



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 89: Parque infantil



Fonte: MOITA, L. R., 2007

No parque há quatro latões de lixos; seis canteiros de árvores, servindo de abrigo ao sol, e bancos de descanso, como mostram as figuras 90 e 91.

Figuras 90 e 91: Parque infantil com canteiros: descanso nas sombras das árvores



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Latões de lixo de concreto estão instalados por todo o local, mas não apresentam, em seu interior, sequer um saco de lixo para a coleta dos mesmos. (figura 92)

O final do parque infantil é demarcado pela mureta de concreto, um corredor de caminhada ou Cooper, dando início às áreas verdes em direção à ala sul. Em direção ao lago, há um galpão de madeira, atualmente sem acesso, devido ao seu precário estado de conservação. (figura 93).

Figura 92: Latões de lixo nas imediações do parque infantil



Fonte: MOITA, L. R., 2007

O antigo galpão de madeira, usado para pescaria e melhor visualização do lago, está em precárias condições, com as tábuas de madeira quebradas e envelhecidas, dando um toque de repulsão aos visitantes, tirando a beleza do ambiente, conforme figura 93. Para “solucionar o problema”, a administração tratou de “fechar” com grade de arame o local, tornando-o inacessível.

Figura 93: Galpão de madeira



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Saindo do parque infantil, indo em direção da ala sul, tem-se uma área de vegetação extensa, com muitas espécies, como fícus, amoreiras, chorões, mangueiras, paineiras, etc., onde os bancos de concreto estão presentes para um descanso, um namoro, um encontro, enfim, um bate papo num lugar agradável e acolhedor. Esta área ladeia todo o corredor de caminhada, ou Cooper, até o final, ao sul, já na avenida trinta e dois (32). Esta área está retratada nas figuras 94 e 95.

Figura 94: Área de vegetação extensa



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 95: Área com bancos de descanso



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Nesta área verde existe um pequeno viveiro, cercado por arame trançado em pilar de concreto, e no seu interior há uma construção com sustentação de concreto, cobertura e telha de cerâmica, fechada por arames, com quatro separações, como mostram as figuras 96 e 97. Somente uma delas possui atrativo faunístico, ou seja, existem ali três Araras Azuis, mostradas nas fotos 98 e 99. Os outros recintos dão aspecto de abandono e repulsão, uma vez que apresentam cercas de arame quebradas, falta de aves para o lugar que se apresenta como viveiro, e ainda são utilizados para almoxarifado de telhas, latões, entre outros.

Figuras 96 e 97: Viveiro com aspecto de repulsão e abandono



Fonte: MOITA, L. R., 2007

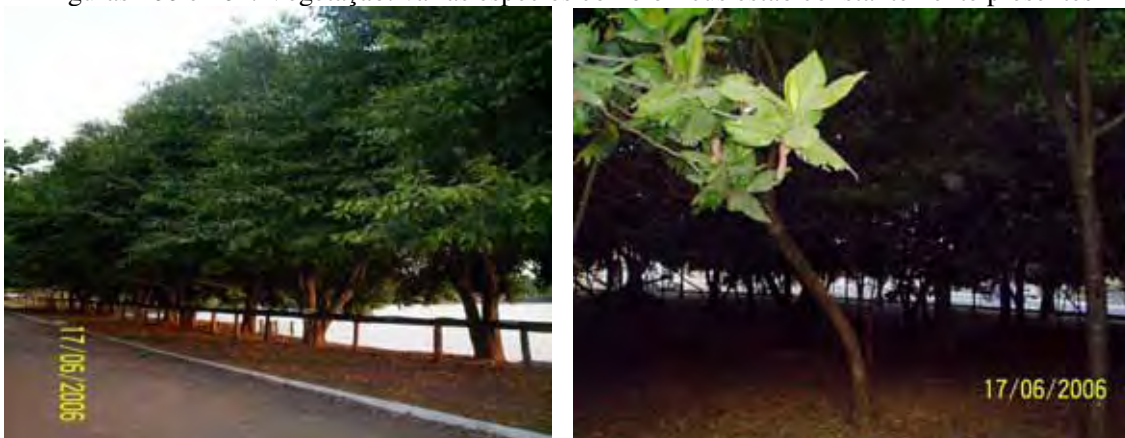
Figuras 98 e 99: As Araras Azuis contracenam com a paisagem ao fundo: o lago



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Posteriormente ao viveiro, nota-se que, além dos alambrados que separam o lago do corredor de caminhada, ou Cooper, existem, enfileiradas, vegetações da espécie fícus, como mostra a figura 100 e a figura à direita (101), final da ala sul com ala leste, já na avenida trinta e dois ao fundo.

Figuras 100 e 101: Vegetação: várias espécies como o fícus estão constantemente presentes



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Na ala sul, situada nas imediações da avenida trinta e dois (32), canteiros bem cuidados, com vegetações rasteiras e arbóreas, sobressaem diante das árvores maiores que parecem atentas ao Leão e aos canteiros, como que cuidando para que nada lhes aborreça, o que denota um aspecto de beleza e atração pelo lugar. Figura 102.

Figura 102: Canteiros da ala sul rodeiam a estatueta majestosa do Leão



Fonte: MOITA, L. R., 2007

É neste ponto que se encontra um marco referencial do Lago Azul: a estatueta do Leão, símbolo da bandeira rio-clarense, como mostra a figura 103, acompanhada da figura 104. Na figura 105, a escultura rodeada pelas áreas verdes.

Figuras 103 e 104: Bandeira de Rio Claro e Escultura do Leão da bandeira rio-clarense: marco histórico no Lago Azul



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 105: Leão, um marco referencial no Lago Azul na Avenida trinta e dois com a Avenida Visconde do Rio Claro



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Neste ponto, ocorre o Out put das águas superficiais do lago: ali encontra-se a casa das máquinas, forrada por espécie vegetal do tipo trepadeira, que recebe as águas do Córrego da Servidão, e, através dos encanamentos, as despeja na Avenida Visconde do Rio Claro, abaixo, notadas nas figuras 106 e 107.

Figuras 106 e 107 : Out put do Córrego da Servidão em relação ao lago e casa das máquinas



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Na ala oeste, há uma pequena entrada num portão modesto em meio às áreas verdes. A área é próxima ao Centro Cultural Roberto Palmari. Algumas árvores encontram-se secas, mas em geral a área está bem cuidada. Há presença de bancos, as guias estão pintadas de branco, os canteiros e gramados estão aparados, enfim, apresenta um ambiente agradável. A área está retratada na figura 108.

Figura 108: Ala oeste: corredores, áreas verdes e bancos de descanso



Fonte: MOITA, L. R., 2007

É nesta ala (ala oeste) que está instalado o palco do projeto quatro e meia. Em geral, podem ser realizados nos finais de semana shows musicais, com bandas da cidade (figura 109). Na ala oeste, também estão fixados os pedalinhos. Para andar nos pedalinhos, é necessário pagar um ingresso de R\$ 2,00 por pessoa. Crianças com menos de cinco anos não pagam. É uma recreação muito utilizada pelos visitantes e demais população local, principalmente nos finais de semana. Existem 9 equipamentos em boas condições, como mostra a figura 110.

Figura 109: Palco do projeto quatro e meia



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Figura 110: Pedalinhos: Recreação e Entretenimento



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Há um barco de pesca, conforme mostra a figura 111, que fica à disposição de dois funcionários, para alguma eventualidade ou acidente. É usado também para alimentação dos animais na ilha.

Figura 111: Barco ao pôr do sol para verificação das imediações do lago



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Nesta área, também está localizado o Centro Cultural Roberto Palmari, com duas rampas de acesso para o Lago. Há também um estacionamento. Tudo é muito limpo nos seus arredores, onde se encontram canteiros e árvores bem cuidadas (figura 112). No entanto, há uma área em que as árvores estão muito secas, devido a pouca pluviosidade, e os galhos secos não são retirados, nem podados, dando um aspecto de repulsa e solidão ao local. Este centro cultural é construído em concreto e cimento, com uma decoração de tijolinhos à vista. Nas suas proximidades há um bebedouro com apenas uma torneira.

Figura 112: Vista do Centro Cultural Roberto Palmari



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Uma outra entrada está instalada no final da avenida quarenta (40) com a rua dois (2). A entrada é o acesso da ala oeste, nas proximidades do Centro Cultural. (Figuras 113 e 114)

Figuras 113 e 114: Entrada no Parque Municipal pela rua dois com avenida quarenta



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Há uma “ilha”¹² no lago, nesta área, uma porção de terras com arborização variada; É também lugar de refúgio de várias espécies como garças, macacos, patos e marrecos. A figura 115 mostra a ilha, refúgio dos animais.

Figura 115: Ilha: refúgio das aves e outras espécies

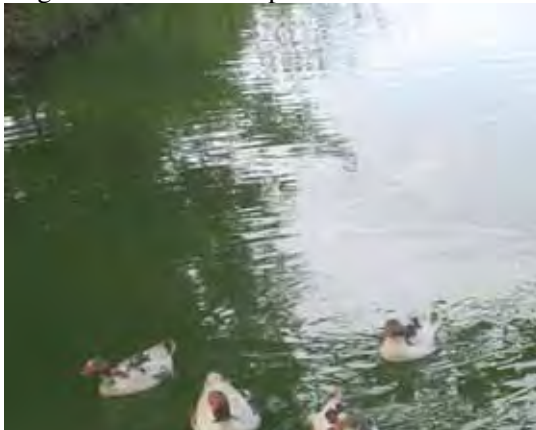


Fonte: MOITA, L. R., 2007

¹² Esta “ilha” subentende-se a uma pequena porção de terra com vegetação arbórea existente nas águas do Lago Azul, e, que abriga inúmeras aves, como patos e garças brancas.

A figura 116 retrata alguns patos nas proximidades da “ilha”.

Figura 116: Patos nas proximidades da “ilha”



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Nesta ala (oeste) há um campo de gatte ball, onde normalmente os japoneses se reúnem todos os finais de semana para realizarem práticas esportivas. (figura 117).

Figura 117: Campo de gatte ball



Fonte: MOITA, L. R., 2007

Um brownfield¹³ toma conta de um bom espaço do local, entre o campo de gatte ball e os campos de futebol. Cercados por grades de arame e alambrados de concreto, uma casa destruída e

¹³ **Brownfield** é, em geral, um espaço que outrora teve uma funcionalidade, porém, atualmente está desativado ou em desuso. Pode ser revitalizado para aproveitamento do espaço com funções diversificadas.

abandonada, alguns tanques de caminhões e um grande tanque de metal fazem dessa área um espaço repulsivo.

Os campos de recreação na ala norte, depois do parque infantil, são os locais mais freqüentados de todo o Lago. Campos de futebol, futebol de areia e salão, quadra de basquete e skate, atraem e reúnem muitos jovens e crianças para seus momentos de lazer. As figuras 118 e 119 mostram a movimentação e a importância desse espaço. Nesta ala, a cerca de alambrado e arames possui um rombo que dá acesso à avenida quarenta e dois, quase em frente à sapataria Lago Azul. Está arrebitada no lugar onde existe um pequeno e modesto portão amarelo, que não possui serventia nenhuma, uma vez que a cerca está aberta.

Figura 118: Quadra de skate



Fonte: MOITA, L., R., 2007

Figura 119: Campo de futebol e basquete



Fonte: MOITA, L. R., 2007

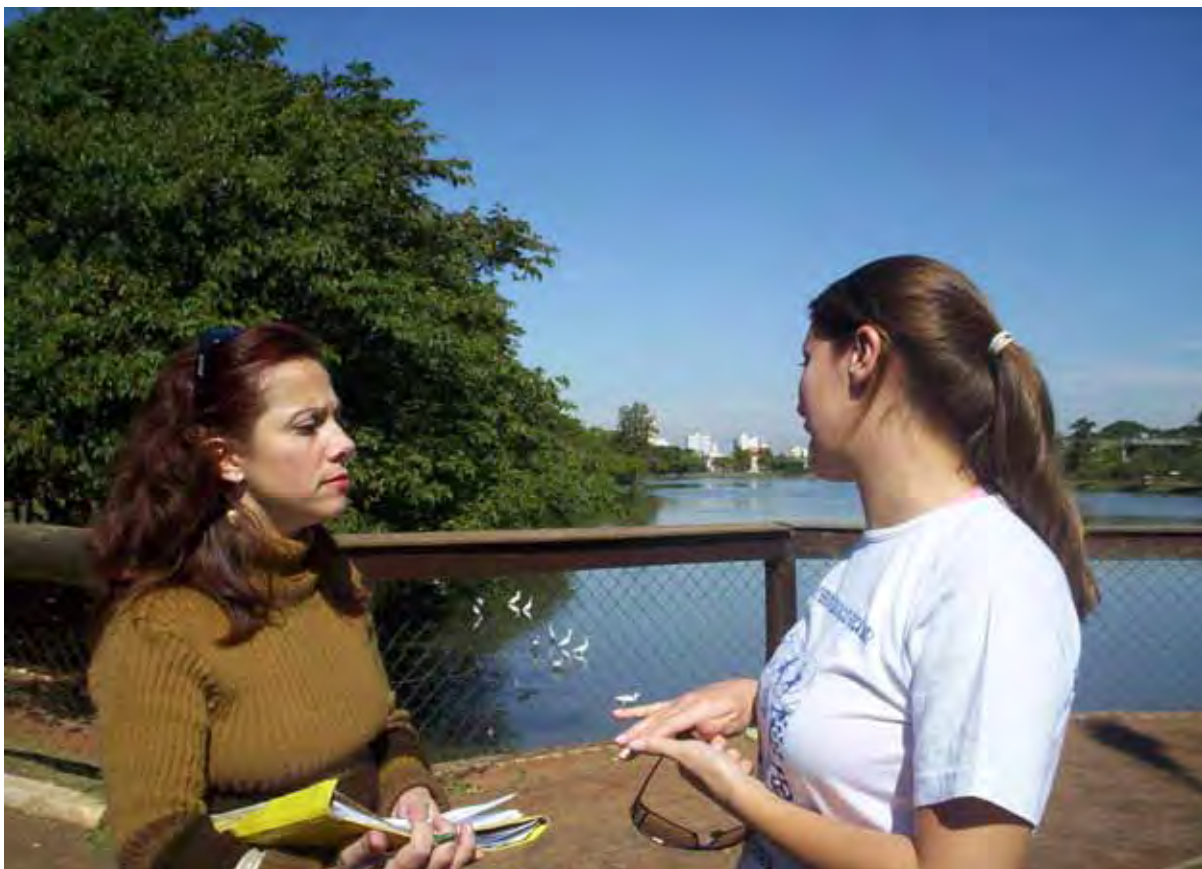


Foto e Fonte: MOITA, L. R., 2007

CAPÍTULO IV

A PESQUISA

1. Realização da pesquisa

Para estudar as diversas maneiras como são utilizados os centros recreativos, bem como as populações que utilizam esses serviços, esta pesquisa teve como embasamento os pressupostos de Fisk e Hatry (1983, p. 441), recomendando um conjunto de questões que permitem examinar “os aspectos específicos que oferecem os serviços locais como meio de evolução da efetividade de tais serviços comunitários”, que serão utilizados como instrumentos de medidas.

Com obtenção de resultados, a adoção deste conjunto de índices ajuda a medir o grau de progresso conquistado por qualquer local público, enquanto provisão ou adoção dos serviços diversos e variados, relacionados com o desfrute e o aproveitamento do tempo livre em local pré-determinado.

O trabalho baseado nos pressupostos de Fisk e Hatry (1983), inicialmente foi desenvolvido em Washington, D.C. nos Estados Unidos com esforços de investigações, buscando desenvolver os melhores procedimentos que pudessem qualificar e quantificar a eficácia com que se prestavam os serviços recreativos.

Posteriormente, os órgãos competentes em matéria de parques e recreação dos municípios de Nashville (Tennessee) e St. Petesburg (Flórida) também puderam comprovar a prática de alguns destes procedimentos metodológicos, desenvolvendo-os. Outros lugares cujos procedimentos

também foram utilizados são: Rockford (Illinois) em 1972; Palo Alto (Califórnia) em 1973; Birmingham (Alabama) em 1974, entre outros, com resultados satisfatórios.

Esta pesquisa teve por objetivos analisar, descrever e propor, por meio da revisão de literatura, do trabalho de campo com aplicação de questionários aos usuários e não usuários, tabelas e fotografias para descrição e percepção, este nosso objeto de estudo – Lago Azul – como lugar e paisagem, e definir o papel das lâminas d'água, - atração – topofilia ou repulsão – topofobia em lugares urbanos.

A pesquisa segue relatando as possíveis relações deste espaço com os usuários e também com os não usuários, suas opiniões e anseios. Com isso, então, buscará propor ao poder público local, através dos anseios da população, a conservação do Parque Municipal como um todo.

Para isto, foram levados em conta, conforme os autores apresentam em seus pressupostos:

- a capacidade e suporte da área: em seus aspectos físicos e psicológicos;
- o grau de satisfação dos usuários;
- amabilidade do pessoal de serviço (funcionários);
- serviços prestados (ausência e presença destes serviços, como banheiros, bebedouros, lanchonetes);
- segurança;
- acessibilidade;
- variedade de atividades interessantes; ainda acrescentam-se:
- conhecimento de conservação individual e coletiva em relação ao meio natural e construído;
- grau de valorização do uso da área aos usuários e não usuários, por meio da percepção ambiental, através das experiências e vivências dos mesmos;
- levar a poder público e administrativo local, além dos resultados obtidos através da pesquisa realizada, a importância das melhorias da área, tanto para os usuários, funcionários, quanto para o próprio município, constituindo novas propostas de utilização e conservação deste espaço, como por exemplo, torneios de pesca, de veleiros, tratamento das águas, segurança, e melhor infra-

estrutura, como iluminação, entre outros, que atraíam não só a população local, como também pessoas do entorno imediato.

Como quesitos básicos, foram considerados os seguintes fatores para efetivação dos questionários: Idade, sexo, grau de instrução, área de residência, deficiência física e acessibilidade, para a caracterização dos sujeitos.

2. Caracterização dos sujeitos

A pesquisa constituiu-se num total de oitenta (80) pessoas entrevistadas, por meio de um questionário para a coleta de dados, com perguntas abertas e fechadas, preparado pela pesquisadora. Foram entrevistadas quarenta (40) pessoas no espaço do Lago Azul e quarenta (40) pessoas no Jardim Público, no centro da cidade de Rio Claro, SP, formando-se dois grupos distintos, respectivamente os usuários e os não usuários da área recreativa. Convém ressaltar que o Jardim Público foi escolhido por ser um espaço democrático da população. As tabelas foram elaboradas pela pesquisadora.

A tabela 3 - **Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo sexo**, corresponde ao total de pessoas entrevistadas somados os dois grupos, sendo um total de oitenta pessoas. Para cada grupo estabeleceram-se quarenta (40) pessoas, para um total de cem por cento (100%) cada.

TABELA 3
Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo Sexo

<i>SUJEITOS</i>	<i>MASCULINO</i>	<i>FEMININO</i>	<i>TOTAL</i>
USUÁRIOS	21	19	40
NÃO USUÁRIOS	19	21	40
TOTAL	40	40	80

N = 80

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 4 - **Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo percentual**, corresponde ao total do percentual. Para os usuários, têm-se vinte e uma (21) pessoas do sexo masculino, perfazendo cinquenta e dois e meio por cento (52,5%) e dezenove (19) do sexo feminino, perfazendo quarenta e sete e meio por cento (47,5%). Para os não usuários, têm-se dezenove (19) pessoas do sexo masculino, perfazendo quarenta e sete e meio por cento (47,5%) e vinte e uma pessoas (21) do sexo feminino, perfazendo cinquenta e dois e meio por cento (52,5%).

TABELA 4
Distribuição dos sujeitos, usuários e não usuários, segundo Percentual

<i>SUJEITOS</i>	<i>MASCULINO (%)</i>	<i>FEMININO (%)</i>	<i>TOTAL (%)</i>
USUÁRIOS	52,5%	47,5%	100%
NÃO USUÁRIOS	47,5%	52,5%	100%

N = 80

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Como a pesquisa possui dois grupos distintos, ou seja, *usuários e não usuários*, para uma melhor leitura optou-se por separá-los, tanto para a caracterização dos sujeitos, quanto para os resultados e discussões, após coleta de dados realizada na forma de questionários. Finalmente, nas considerações finais, o Lago Azul é identificado como um referencial da cidade de Rio Claro, como paisagem única e lugar, revelando assim à sociedade e principalmente ao poder público local o papel das águas como fator de atração ou repulsão, e os apelos da população para sua conservação, agora e para as gerações futuras, já que o número de horas livres vem se tornando cada vez maior.

Caracterização dos sujeitos - USUÁRIOS

Foram entrevistadas quarenta pessoas no espaço do Lago Azul, sendo vinte e um (21) do sexo masculino, num percentual de cinquenta e dois e meio por cento (52,5%), e dezenove (19) do sexo feminino, sendo o percentual de quarenta e sete e meio por cento (47,5%), conforme tabela 5.

TABELA 5
Usuários, segundo Sexo

N = 40

<i>MASCULINO</i>	<i>FEMININO</i>	<i>TOTAL</i>
52,5%	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Na tabela 6 - **Usuários, segundo idade**, revelaram-se sujeitos de todas as idades, desde os dezesseis anos (16) aos que têm mais de sessenta (60) anos. Em geral, a maior percentagem ficou para o grupo que possui idade entre trinta e um (31) a quarenta (40) anos, resultando em 32,5% do total. Em seguida, o grupo com idade entre cinquenta e um (51) a sessenta (60) anos, com 17,5%, sendo esta uma caracterização da população brasileira, a maior parte de pessoas adultas e idosas.

Isso pode ser atribuído ao espaço do Lago Azul ser um espaço público de lazer e democrático, com variadas opções de recreação para a população de toda sorte e idade.

TABELA 6
Usuários, segundo Idade

N = 40

<i>Idade</i>	<i>Masculino</i>	<i>porcentagem</i>	<i>Feminino</i>	<i>porcentagem</i>	<i>Total</i>
De 16 a 21	02	5%	01	2,5%	7,5%
22 a 30	02	5%	04	10%	15%
31 a 40	05	12,5%	08	20%	32,5%
41 a 50	03	7,5%	02	5%	12,5%
51 a 60	05	12,5%	02	5%	17,5%
acima de 60	04	10%	02	5%	15%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Na tabela 7 - **Usuários segundo grau de instrução**, o maior percentual fica para aqueles que possuem ensino médio completo, perfazendo um total de 37,5% dos entrevistados, sendo as mulheres com 22,5% e os homens com 15%. Posteriormente têm-se 17,5% de entrevistados com ensino fundamental completo e 17,5% com ensino superior completo.

Isso explica a situação do município, que possui uma boa rede de educação, tanto municipal, como estadual, além da rede particular de ensino. Todas as três atendem à demanda pela educação escolar, qualquer que seja o nível, inclusive com uma Universidade – a Unesp, e várias outras faculdades particulares, levando em conta ainda que a própria região de Rio Claro oferece uma vasta variedade de cursos, presenciais, semipresenciais e a distância, desde o ensino fundamental ao superior.

TABELA 7
Usuários, segundo Grau de Instrução

<i>Grau de Instrução</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Analfabeto	01	2,5%	0	0%	2,5%
FI	02	5%	02	5%	10%
FC	05	12,5%	02	5%	17,5%
EMI	01 *	2,5%	0	0%	2,5%
EMC	06	15%	09	22,5%	37,5%
SI	01	2,5%	01	2,5%	5%
SCur	01	2,5%	01	2,5%	5%
SC	04	10%	03	7,5%	17,5%
PG	0	0%	01	2,5%	2,5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Grau de Instrução: FI: Fundamental Incompleto; FC: Fundamental Completo; EMI: Ensino Médio Incompleto; *cursando; EMC: Ensino Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SCur: Superior Cursando; SC: Superior Completo; PG: Pós Graduação.

Na tabela 8 - **Usuários, segundo deficiência**, foi registrado se os usuários possuíam ou não alguma deficiência física, demonstrando que 95% não possuem e que apenas 5% possuem alguma deficiência, mas que não os impede de ter acesso e de frequentar o Lago Azul, bem como de realizarem suas atividades recreativas, como caminhada e jogar bocha. Ambos os entrevistados são do sexo masculino.

TABELA 8
Usuários, segundo Deficiência

<i>Deficiência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Totais</i>
Não	19	47,5%	19	47,5%	95%
Sim	2*	5%	0	0%	5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007

*perna mecânica, surdez

A tabela 9 - **Usuários, segundo área de residência**, mostra a área de residência dos usuários, agrupando-se os bairros. A maioria tem residência em outros bairros, que não nos arredores do Lago Azul, perfazendo um total de 60% dos usuários, visto que é o único lugar de recreação no espaço intra-urbano com presença de lâminas d'água e áreas verdes. Mas, principalmente a variação de atividades interessantes, como parque, campos e trilhas, explica a frequência de usuários de vários bairros da cidade, inclusive de outros municípios, como de Santa Gertrudes. Os usuários que possuem residência ao redor do Lago perfazem um total de 32,5%.

A figura 120 - **Localização dos bairros próximos ao Lago Azul**, representa a localização do Parque Municipal no bairro Vila Operária (nº 43) e os bairros nos arredores, na intenção de visualizar com maior clareza a área. Como bairros intermediários, destacam-se aqueles que estão entre o Lago Azul e a Zona Central da cidade, como Santana e a Vila Aparecida.

TABELA 9
Usuários, segundo Área de Residência

N = 40

<i>Área de Residência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Arredores do Lago (1)	8	20%	05	12,5%	32,5%
Bairros intermediários (2)	01	2,5%	01	2,5%	5%
Centro	0	0%	01	2,5%	2,5%
Outros (3)	12	30%	12	30%	60%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

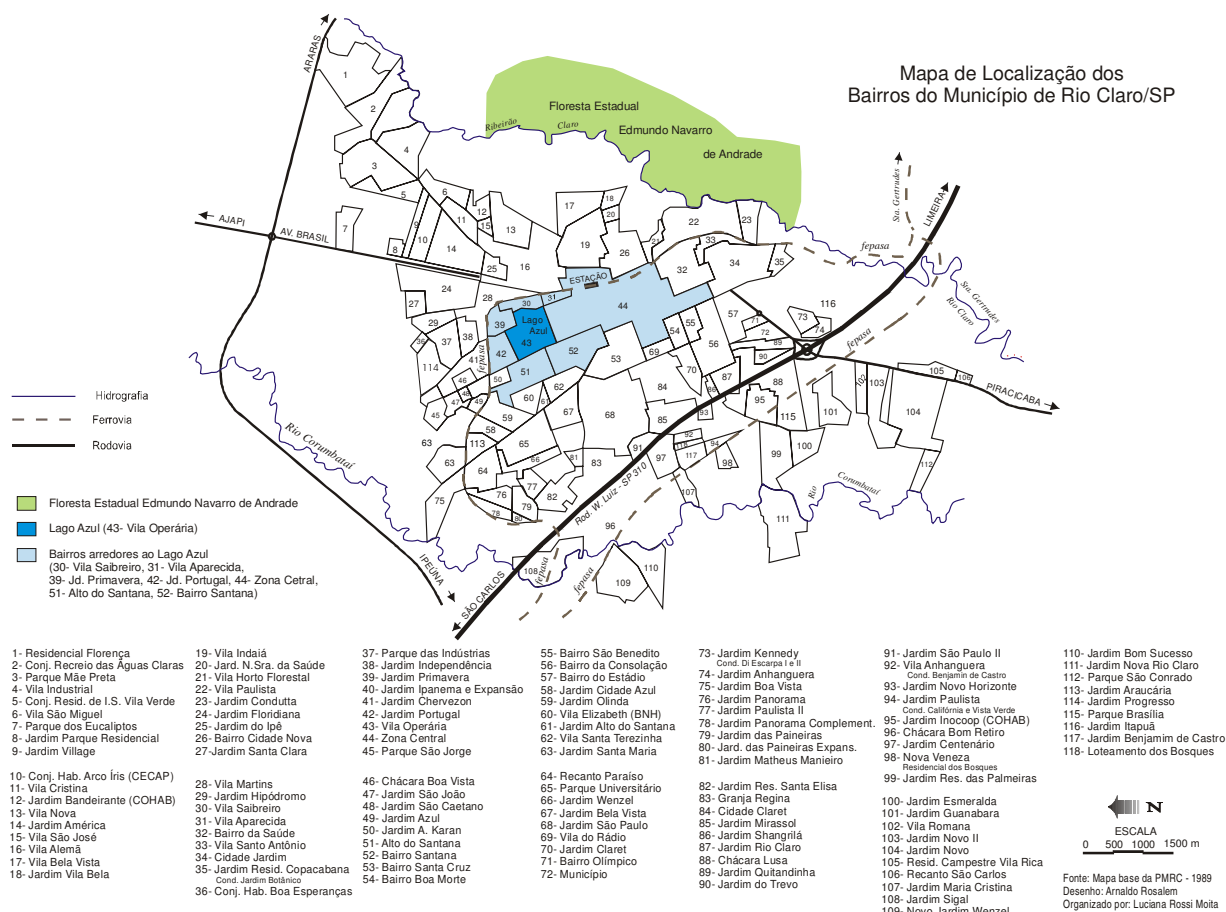
Fonte: MOITA, L. R., 2007.

1: Vila Operária, Alto do Santana, Jardim Primavera.

2: Santana e Vila Aparecida.

3: Bairro do Estádio, Santa Cruz, Jardim Bandeirantes, Jardim Guanabara, Bela Vista, Vila São José, Cervezão, Jardim das Palmeiras, Vila Nova, Vila Martins, Jardim Inocoop, Jardim Progresso, São Miguel, Jardim Ipê, Jardim Santa Eliza, Jardim Anhanguera, Jardim Hipódromo, Vila Paulista, Vila Alemã, Parque Universitário, Mãe Preta, Vila Olinda, BNH e município vizinho de Santa Gertrudes.

Figura 120: Localização dos bairros próximos ao Lago Azul.



Caracterização dos sujeitos - NÃO USUÁRIOS

Foram entrevistadas quarenta pessoas no espaço do Jardim Público, sendo dezenove (19) do sexo masculino, com o percentual de quarenta e sete e meio por cento (47,5%) e vinte e um (21) do sexo feminino, com o percentual de cinquenta e dois e meio por cento (52,5%). A tabela 10 apresenta os **Não usuários, segundo sexo** e suas percentagens.

TABELA 10
Não Usuários, segundo Sexo

N = 40

<i>MASCULINO</i>	<i>FEMININO</i>	<i>TOTAL</i>
47,5%	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 11 - **Não usuários, segundo idade**, revela que a maior parte dos entrevistados tem entre 41 a 60 anos, e, como visto na tabela 6, é uma característica da população brasileira ser a de maior número de indivíduos adultos. As outras percentagens são significativas pelo fluxo de pessoas no Jardim Público serem de todas as idades, sendo um espaço, além de público, democrático.

TABELA 11
Não Usuários, segundo Idade

N = 40

<i>Idade</i>	<i>Masculino</i>	<i>porcentagem</i>	<i>Feminino</i>	<i>porcentagem</i>	<i>Total</i>
De 16 a 21	-	0%	02	5%	5%
22 a 30	03	7,5%	02	5%	12,5%
31 a 40	03	7,5%	04	10%	17,5%
41 a 50	05	12,5%	05	12,5%	25%
51 a 60	04	10%	06	15%	25%
acima de 60	04	10%	02	5%	15%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Na tabela 12 - **Não usuários, segundo grau de instrução**, verificou-se que a maior parcela da população entrevistada possui o ensino médio completo, com 40%, seguido de 20% que têm o

ensino fundamental incompleto, sendo que 12,5% destes possuem mais de cinquenta (50) anos, visto que atualmente a educação formal é uma exigência do mercado de trabalho.

TABELA 12
Não Usuários, segundo Grau de Instrução

N = 40

<i>Grau de Instrução</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Analfabeto	01	2,5%	0	0%	2,5%
FI	03	7,5%	05	12,5%	20%
FC	02	5%	02	5%	10%
EMI	0	0%	2	5%	5%
EMC	10	25%	06	15%	40%
SI	0	0%	0	0%	0%
SCur	01	2,5%	01	2,5%	5%
SC	02	5%	05	12,5%	17,5%
PG	-	0%	-	%	-
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Segundo dados da tabela 13 - **Não usuários, segundo deficiência**, apenas um entrevistado possui algum tipo de deficiência. Os outros 97,5%, não possuem.

TABELA 13
Não Usuários, segundo Deficiência

N = 40

<i>Deficiência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Totais</i>
Não	18	45%	21	52,5%	97,5%
Sim	1*	2,5%	0	0%	2,5%
Total	19	47,5	21	52,5% %	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

* membros inferiores tortos, necessitando de muletas para o deslocamento.

A tabela 14 - **Não usuários, segundo área de residência**, mostra a presença da população de várias partes da cidade, por ser ali um local de idas e vindas, como já visto, espaço de todos e de ninguém. Por variados motivos muitas pessoas freqüentam o centro da cidade, como serviços bancários, comércio, entretenimento (como a seresta aos domingos pela manhã), bancas de quinquilharias, entre outros.

TABELA 14
Não Usuários, segundo Área de Residência

<i>Área de Residência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Centro	4	10%	04	10%	20%
Arredores do centro (1)	0	0%	01	2,5%	2,5%
Bairros Intermediários (2)	4	10%	08	20%	30%
Outros (3)	11	27,5%	08	20%	47,5%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

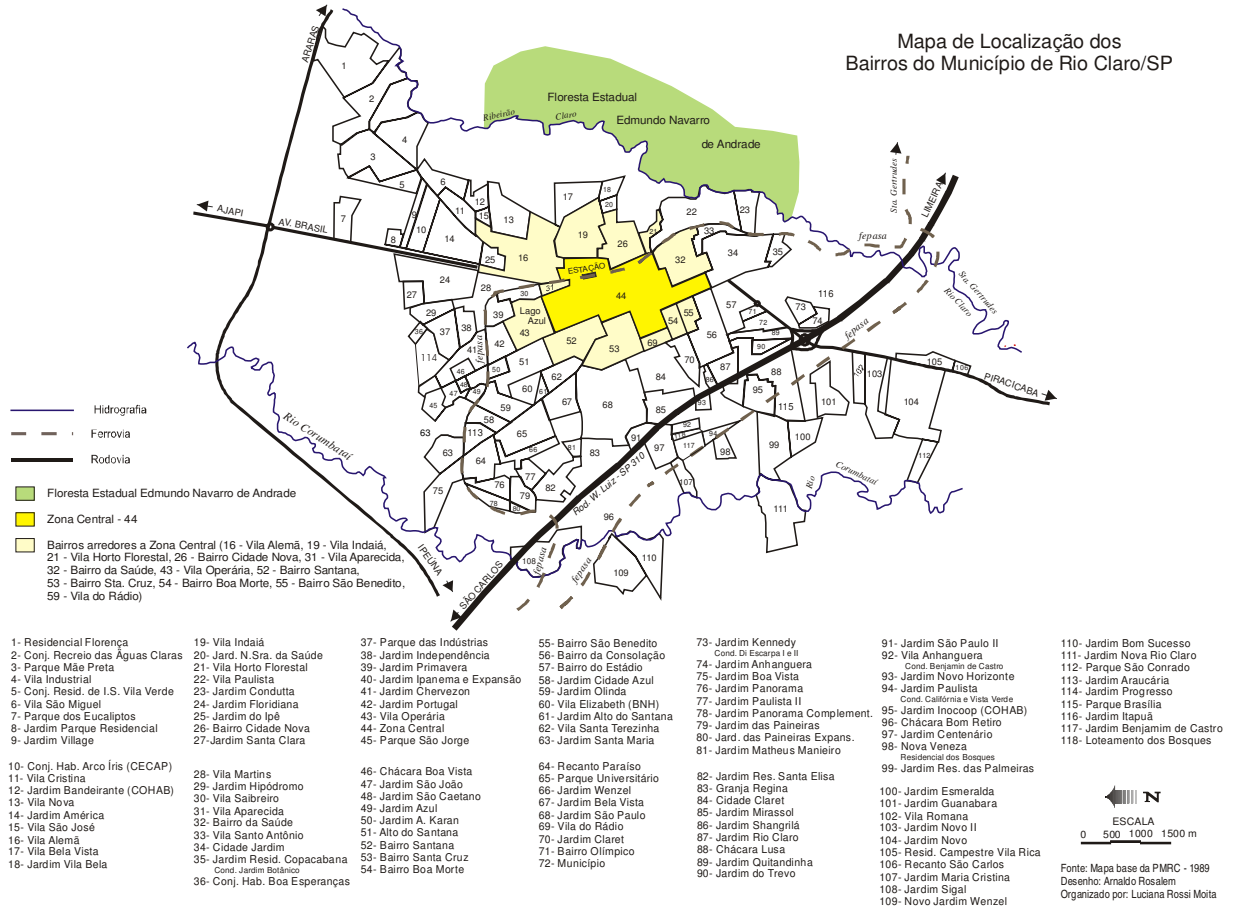
1: São Benedito, Vila Alemã.

2: Santana, Vila Aparecida, Vila Operária.

3: Jardim Claret, Vila São José, Residencial Benjamim de Castro, Jardim Hipódromo, Jardim Boa Vista, Bairro do Estádio, São Miguel, Vila Paulista, Jardim Inocoop, Bela Vista, Jardim São Paulo, Alto do Santana, Jardim Mirassol, Jardim Guanabara, Vila Nova, município vizinho de Corumbataí, SP.

A figura 121 - **Localização dos bairros próximos à zona central**, acompanha ainda a tabela 14, possibilitando visualizar e entender melhor a localização da zona central da cidade, bem como dos bairros vizinhos. Como bairros intermediários, entre o Lago e a zona central, têm-se Santana e Vila Aparecida, além da Vila Operária, que faz limite com o Lago Azul.

Figura 121: Localização dos bairros próximos à zona central



Fonte: RIO CLARO. Prefeitura Municipal, 1989. Desenho modificado por Arnaldo Rosalém, com organização de: Luciana R. Moita, 2007.

3. Instrumentos de medida

Foram preparados pela pesquisadora dois questionários, um dirigido aos usuários e outro aos não usuários, contendo informações referentes a dados pessoais, para a caracterização dos sujeitos, com relação ao sexo, idade, grau de instrução, deficiência física e área de residência (para o quesito acessibilidade). Ainda, os quesitos referentes à atração ou repulsão em relação às águas do Lago Azul, bem como de informações relevantes sobre suas satisfações com o lugar e seus serviços recreativos, contribuem para interpretar os sentimentos da população local e de visitantes em relação ao Parque Municipal.

Para o primeiro questionário, usuários, foram elaboradas dezesseis (16) perguntas:

As cinco primeiras referem-se à caracterização dos sujeitos: idade, sexo, grau de instrução, área de residência e deficiência física. A sexta pergunta *Em relação aos serviços recreativos do espaço do Lago Azul, como usuários*, para saber qual o grau de satisfação. A sétima, oitava e nona perguntas, *Como chegou ao lago, Qual seu tempo de deslocamento, e se Tem algum problema físico que impeça o acesso ao Parque*, foram feitas para conhecer os tipos de acesso ao local, inclusive o tempo de deslocamento e grau de acessibilidade. A décima pergunta, *Quais quesitos você pode considerar como atrativos no espaço do Lago Azul*, teve a finalidade de observar o que os sujeitos consideram como variedade de atividades interessantes. A décima primeira e décima segunda perguntas, *Quais são as razões de sua frequência e Com que frequência você vai ao espaço recreativo do Lago Azul*, foram elaboradas para verificar a capacidade de suporte física e psicológica do lugar diante da frequência e da utilização que os motivam a este deslocamento. A pergunta décima terceira, *Quanto aos serviços prestados, e os atrativos físicos*, refere-se ao agrado e desfrute em relação aos serviços prestados, tanto do meio construído, como do meio não construído, ou seja, satisfação ou não com o lugar e com o que este oferece. A pergunta décima quarta, *Qual importância você dá às águas do Lago Azul*, foi efetuada para avaliar o elo afetivo do ser humano com as águas, verificando o papel das lâminas d'água, de atração ou repulsão. A pergunta décima quinta, *Como cidadão, qual sua opinião a respeito da conservação do espaço do Lago Azul*, foi estabelecida para apurar de quem é a responsabilidade de conservação do Parque como um todo. Enfim, a décima sexta pergunta, *Qual é seu conhecimento a respeito da conservação do Lago Azul*, foi elaborada para verificar a percepção ambiental individual, por meio dos sentidos e sentimentos.

Para o segundo questionário, os não usuários, foram elaboradas treze (13) perguntas:

As cinco primeiras perguntas referem-se à caracterização dos sujeitos: idade, sexo, grau de instrução, área de residência e deficiência física. A sexta e sétima perguntas *Conhece o Lago Azul e Já o utilizou*, foram elaboradas acerca do conhecimento da existência do Parque, bem como do conhecimento das oportunidades existentes para ocupar o tempo livre com atividades ao ar livre. A oitava pergunta, *Tem acesso e como*, foi elaborada para verificar o grau de

acessibilidade e de que maneira esta pode ser feita. A nona pergunta, *Qual a falta de conhecimento acerca das oportunidades das recreações existentes*, foi feita para verificar o grau de conhecimento das oportunidades existentes no local e por quais razões podem ainda frequentar, ou deixam de utilizar. A décima pergunta, *Qual importância você retrata às águas do Lago Azul*, foi elaborada para verificar o papel das lâminas d'água, como fator de atração ou repulsão. A décima primeira pergunta, *Você possui algum outro tipo de recreação, qual*, foi efetuada a fim de conhecer a percentagem e motivações de outras oportunidades para utilização de seu tempo livre que não o Lago Azul. Para a décima segunda pergunta, *Como cidadão, qual sua opinião a respeito da conservação do espaço do Lago Azul*, visou apurar, na opinião dos entrevistados, de quem é a responsabilidade de conservação do Parque como um todo. Enfim, a décima terceira pergunta, *Qual é sua percepção a respeito da conservação em relação ao meio natural e construído*, teve como finalidade o conhecimento e o grau de valorização do uso da área, bem como da percepção ambiental dos sujeitos.

4. Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada no período de março a abril de 2007, em dias da semana (terça – feira) e nos finais de semana (sábado e domingo). A aplicação dos questionários foi realizada pela pesquisadora, para colher os dados com maior precisão das informações. A aplicação dos questionários variou, em média de cinco a sessenta minutos cada, posto que os sujeitos entrevistados, usuários e não usuários, ora se intimidavam respondendo rapidamente as questões, ora se empolgavam, explanando suas opiniões.

A aplicação dos questionários aos usuários foi realizada no espaço do Lago Azul, em vários pontos, a fim de coletar dados diversificados de vários perfis de usuários, como no campo de bocha, no parque infantil, nas trilhas interna e externa.

A aplicação dos questionários aos não usuários foi realizada no espaço do Jardim Público¹⁴, no centro da cidade de Rio Claro, SP.

¹⁴ O Jardim Público é um lugar democrático, mas, não mais um lugar de todos; ao contrário, atualmente, tornou-se um espaço de medo, pois existem pontos de prostituição e o setor informal tomou conta de boa parte deste lugar, provocando, muitas vezes, repulsão à população.

5. Resultados e discussões

Usuários

As entrevistas com os usuários resultaram na coleta de dados que norteou a pesquisa sobre o quão significativo é este espaço, muitas vezes tornando-se um lugar, de acordo com as sensações perceptuais de cada indivíduo, agradável ou não. É ainda ponto de encontro para muitos; mantém as relações sociais, principalmente entre os aposentados, proporcionando recreação para estes. A população que usufrui do Parque Municipal Lago Azul identifica-o, por vários motivos, como espaço de lazer, recreação e atividades físicas (espaço construído), de águas superficiais e áreas verdes (espaço do não construído), além dos não visíveis, como a tranquilidade, o sossego e a paz.

Fisk e Hatry (1983, p. 474-475) afirmam a importância do questionário aplicado, o qual é “um meio eficaz de recolher dados diretamente relacionados com as experiências reais dos usuários”... percebendo ...“a efetividade de instalações ou programas específicos”..., onde... “os indivíduos falem de suas expectativas em relação ao lugar, por si mesmos”..., e de suas “capacidades de atuações nas instalações recreativas”. Essa idéia compartilha com relações topofílicas e topofóbicas, conforme já visto em Tuan, 1980 e 2005, respectivamente.

A tabela 15 - **Usuários, segundo idade, grau de instrução e área de residência**, revela que 15% dos usuários entrevistados possuem idade acima dos sessenta (60) anos, sendo que 10% destes têm apenas o ensino fundamental incompleto. Estes são moradores nos arredores do lago, somando 12,5% e a maioria freqüenta diariamente o lago, principalmente os do sexo masculino, por serem aposentados. Um percentual de 17,5% possui entre 51 e 60 anos, sendo que a maioria, 10%, possui ensino médio completo. Destes, 12,5% residem em outros bairros e freqüentam, ora diariamente e ora semanalmente, num percentual de 10%. Os usuários que moram próximos ao Lago o incorporam de maneira significativa, pois este mantém total domínio da área do bairro.

Mas o maior número de pessoas entrevistadas possui entre 31 e 40 anos, sendo um percentual de 32,5%. Destes, 12,5% têm o ensino médio completo e 7,5% com ensino superior completo, o que

demonstra a variabilidade do grau de instrução dos usuários. A área de residência destes é de 10% nos arredores e 22,5% em bairros distantes e centro e são variados os dias de frequência, sendo 12,5% diariamente e 17,5% semanalmente. Esta situação confirma mais uma vez que este espaço é democrático e público a toda população, com seu lugar identificado na paisagem urbana; ou seja, o espaço de ninguém e ao mesmo tempo de todos.

TABELA 15
Usuários, segundo Idade, Grau de Instrução e Área de Residência.

					N = 40
<i>Grupo: idade</i>	<i>Maior % de idade</i>	<i>Maior % de grau de instrução</i>	<i>Moradores dos arredores</i>	<i>Moradores dos outros bairros</i>	<i>Dia: frequência maior</i>
Acima de 60	15%	10% EFI	12,5%	2,5%	10% diária
51 a 60	17,5%	10% EMC	5%	12,5%	10% semanal
31 a 40	32,5%	12,5% EMC	10%	22,5%	17,5% diária semanal

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 16 - **Usuários, segundo grau de instrução, frequência e atividades**, verificou-se que durante a semana o espaço é utilizado pelos adultos para *caminhadas e atividades físicas*, ou levar as crianças ao parque, num percentual de 37,5%, sendo estes com grau de instrução variável, prevalecendo os que têm ensino médio completo, com 12,5%, e os que estão cursando ou já cursaram o ensino superior.

Para os que frequentam nos finais de semana, o grau de instrução também é variável. Geralmente, preferem levar as crianças ao parque infantil e exercer atividades diversas¹⁵. A maioria possui grau de instrução de ensino médio, sendo o percentual de 25%. Isso confirma a efetividade de toda uma população, de várias classes sociais e culturas diversas.

¹⁵ Atividades diversas se referem a futebol, bocha, caminhada, exercícios físicos.

TABELA 16
Usuários, segundo Grau de Instrução, Freqüência e Atividades

N = 40				
<i>Grau de Instrução</i>	<i>TERÇA</i>	<i>Atividades</i>	<i>Final de Semana</i>	<i>Atividades mais exercidas</i>
Analfabeto	-	-	2,5%	bocha
Fundamental incompleto	2,5%	Passeio	7,5%	parque, bocha, caminhada
Fundamental completo	10%	parque, caminhada	7,5%	parque, passeio
Médio incompleto	-	-	2,5%	futebol
Médio completo	12,5%	caminhada, parque	25%	parque, bocha
Superior incompleto	5%	Caminhada	5%	parque
Superior completo	7,5%	Caminhada	12,5%	parque, caminhada
Total	37,5%	-	62,5%	-

Fonte: MOITA, L. R., 2007

Na tabela 17 – **Usuários, segundo satisfação aos serviços recreativos**, os mesmos acabam por considerar o Lago Azul como um todo, ou seja, o espaço construído (parques, campos de futebol, bocha, etc), trilhas, viveiro, sorveteria e o espaço natural (águas e áreas verdes), bem como condições de equipamentos e serviços prestados, como limpeza e segurança.

Ambos os sexos afirmam suas satisfações como usuários, registrando-se como muito satisfeitos um percentual de 52,5%. Os pouco satisfeitos são 35% dos usuários e nada satisfeitos 12,5%. Esta tabela revela a porcentagem do índice direto de satisfação dos usuários, segundo sexo, qualificando o local pelas oportunidades de recreação oferecidas. Segundo Fisk e Hatry (1983), a tabela gera o índice de qualificação correspondente a uma amostra representativa do total da população. A efetividade se obtém quando o grau de satisfação é medido através das indicações fiéis da comunidade, dos cidadãos e dos serviços públicos de que dispõe o local.

TABELA 17
Usuários, segundo Satisfação aos Serviços Recreativos

<i>Satisfação</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Muito	11	27,5%	10	25%	52,5%
Pouco	07	17,5%	07	17,5%	35%
Nada	03	7,5%	02	5%	12,5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Como revelam alguns usuários:...(M - masculino e F – feminino e suas respectivas idades)

(F-63): “é o único lugar que tem para lazer...”

(F-28): “tá mais limpo...”

(F-47): “cartão postal da cidade...”¹⁶

(M-38): “é tranqüilo”...

(M-72): “é gostoso de caminhar”...

(F-63): “da parte recreativa tá bom, falta cuidar do meio ambiente, despoluir a água prá pesca”...

(F-47): “poderia ser melhor...”

(F-33): “poderia ser um ótimo espaço, mas falta segurança, iluminação”...

Na tabela 18 - **Usuários, segundo acessibilidade**, 30% costumam ir a pé, sendo 17,5% do sexo feminino e 12,5% do sexo masculino. Já para o acesso com bicicleta, a porcentagem é maior para os homens, sendo de 17,5% e apenas 5% para as mulheres. Isso ocorre para os usuários que moram próximos ou nos arredores do Lago. No entanto, a porcentagem maior para o acesso ao Lago é realizado de carro, sendo um total de 47,5%. Dos entrevistados, nenhum utiliza circular (ônibus) para chegar ao local, mesmo aqueles que moram distantes.

¹⁶ O Lago Azul é referência na cidade, mas, para ser realmente um cartão postal, é necessário maior valorização e conservação como um todo, devido grande parcela de entrevistados o considerarem repulsivo.

TABELA 18
Usuários, segundo Acessibilidade

N = 40

<i>Tipo de acesso</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Carro	09	22,5%	10	25%	47,5%
A pé	05	12,5%	07	17,5%	30%
Bicicleta	07	17,5%	02	5%	22,5%
Moto	02*	-	-	-	-
Ônibus	0	-	0	-	0%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R. , 2007.

*moto: segunda opção para dois usuários que variam seu acesso até o Lago Azul, a pé ou de bicicleta.

Como mostra a tabela 19 - **Usuários, segundo tempo de deslocamento em minutos**, o deslocamento entre 01 a 05 minutos a pé ou de bicicleta ocorre nos bairros mais próximos, como Jardim Primavera, Vila Operária, Santana e Chervezon (popular Cervezão). Entre as pessoas do sexo feminino, dos 17,5% que vão a pé, apenas 05% chegam entre 01 a 05 minutos e 05% demoram 11 a 15 minutos, enquanto que 05% dos que vão de bicicleta variam entre 01 a 05 minutos também. Essa variação ocorre pelas diferentes distâncias dos bairros, como Vila Alemã e Alto do Santana. Para as mulheres que se deslocam até o lago de carro, que perfaz 25%, o tempo é variável em minutos, também devido a essas diferentes localizações da área residencial e fluxo variável de trânsito, além das características pessoais no tempo de deslocamento: 12,5% chegam entre 01 e 05 minutos e 12,5% chegam entre 06 e 10 minutos. Em geral, a porcentagem fica em 42,5% para os deslocamentos entre 01 e 05 minutos, evidenciando fácil acessibilidade da população rio-clarense e visitantes como um todo até o Parque Municipal Lago Azul.

TABELA 19
Usuários, segundo Tempo de Deslocamento em minutos

N = 40

<i>Tempo</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
01 a 05	10	25%	07	17,5%	42,5%
06 a 10	06	15%	09	22,5%	37,5%
11 a 15	02	5%	02	5%	10%
16 a 20	01	2,5%	01	2,5%	5%
21 a 25	01	2,5%	-	-	2,5%
26 a 30	01	2,5%	-	-	2,5%
mais de 30	-	-	-	-	-
Total	21	52,55	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 20 - **Usuários, segundo variedade de atividades interessantes**, mostra um dos objetivos mais relevantes desta pesquisa, a questão das variedades de atrativos para as pessoas que vão até o local, ou seja, o que este oferece à população. Como já visto anteriormente nas tabelas 18 e 19, condições elementares como acessibilidade são fatores de deslocamento até o Lago Azul. É uma medida, segundo Fisk e Hatry (1983), que proporciona verificar a valorização efetiva da área para a recreação. Os principais atrativos do local ficam por conta do parque infantil, pelo espaço que ocupa e pela variabilidade de equipamentos. Além de algumas crianças dos arredores freqüentarem o parque infantil sozinhas, a maioria vem acompanhada de pais, avós, familiares e amigos. Um total de 45% dos entrevistados prefere o parque infantil pelo próprio espaço de recreação. No entanto, destes, muitos destacam que usufruem, quando podem, de outros espaços, como as trilhas, os campos, viveiro, shows e eventos. Destacam-se 20% o uso das trilhas¹⁷ para realização de caminhada e Cooper, e 12,5% as áreas verdes também como atrativas, pois muitas pessoas buscam paz e tranqüilidade para um passeio, caminhada e oxigenação do cérebro.

¹⁷ Os usuários que caminham na parte externa do Parque Municipal, alguns adentram a trilha interna; outros, em sua maioria, têm medo de praticar atividade física na parte interna: por falta de segurança e falta de iluminação no final da tarde. Incorporam o Lago Azul, mas o medo se revela maior.

TABELA 20
Usuários, segundo Variedade de Atividades Interessantes

N = 40

<i>Atividades</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Parque infantil	08	20%	10	25%	45%
Trilha	04	10%	04	10%	20%
Áreas verdes	03	7,5%	02	5%	12,5%
Bocha	03	7,5%	-	-	7,5%
Campos	01	2,5%	01	2,5%	5%
Lago	01	2,5%	01	2,5%	5%
Pedalinhos	-	-	01	2,5%	2,5%
Pesca	01	2,5%	-	-	2,5%
Viveiro	-	-	-	-	0%
Shows	-	-	-	-	0%
Eventos	-	-	-	-	0%
Outros	-	-	-	-	0%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007

(M-54):...“poderia ser mais atrativo, com atividades no parque para as crianças aos domingos, como gincanas, palhaços, contos de história...”

(M-58): “venho caminhar no lago por causa das áreas verdes, mas o Lago de Araras, SP, é que é um exemplo para o Brasil. Lá tudo funciona”.

(F-28): “o pedalinho ninguém usa por causa do lago estar poluído. O viveiro deveria ter mais aves, animais”.

(M-77): “a gente tinha mais atividade com a pesca”. Tá proibido usar o lago para a pesca, porque tá poluído”.

A tabela 21 - **Usuários, segundo frequência**, revela a capacidade de suporte física e psicológica deste espaço, tendo em vista a frequência de utilização ao local, sem congestionamento público. Conforme Fisk e Hatry (1983), todo cidadão, durante um período de tempo, faz uso, no recinto, de pelo menos um dos serviços recreativos. Segundo a pesquisadora, quase sempre para espairar a mente e o corpo. Do sexo masculino, 22,5% e do sexo feminino, 17,5%, somando um total de 40%, freqüentam o Lago semanalmente, principalmente nos finais de semana, no parque infantil, trilhas e campos (bocha, futebol, etc), bem como para passeios de recreação entre as áreas verdes. Os 30% de usuários que freqüentam o local diariamente, encontram-se na trilha para caminhada, interna e externa, no campo de bocha e parque infantil. Esta tabela mostra a frequência com que os usuários vivenciam o local, o que constitui um indicador fundamental do valor das atividades de recreação, ligado conseqüentemente às tabelas 16 e 20, respectivamente,

usuários, segundo sexo, grau de instrução, frequência e atividades e usuários, segundo sexo e variedade de atividades interessantes.

TABELA 21
Usuários, segundo Frequência

N = 40

<i>Frequência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Semanal	09	22,5%	07	17,5%	40%
Diária	05	12,5%	07	17,5%	30%
Mensal	04	10%	04	10	20%
Outros	02*	5%	01	2,5%	7,5%
Quinzenal	01	2,5%	-	-	2,5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

*outros: 3 a 4 vezes por semana.

A tabela 22 - **Usuários, segundo razão de frequência**, constitui-se um indicador fundamental do valor das atividades de recreação, ou seja, o grau de utilização, demonstrando inclusive a satisfação dos usuários. Há uma relevante ligação com os atrativos físicos, segundo Fisk e Hatry (1983), além do acesso, da sociabilidade, do tempo de utilização, da área de residência, entre outros.

Em grande parte, o espaço que o Lago Azul oferece, é a maior razão de frequência, sendo de 62,5% dos usuários esta preferência. Isso se dá pelo simples fato de que muitos não possuem outros lugares de recreação, como clubes privados. O lazer tem 17,5% como razão de frequência no que concerne à valoração e conservação do ambiente como um todo, lago e áreas verdes, bem como da limpeza e manutenção dos equipamentos oferecidos, além do horário de funcionamento.

Este lazer é o elo afetivo que as pessoas têm para com o lugar, ou seja, relações de topofilia (TUAN, 1980). Ao mesmo tempo em que a segurança é citada em média por 7,5% dos usuários que ainda se sentem protegidos quando da presença de policiamento e viaturas no interior, (isso, quando ocorre, o que não é frequente), muitos reclamam da falta de segurança, da incerteza e de pessoas que dentro do espaço não se respeitam, usando o lugar muitas vezes para uso de drogas, práticas de furtos, entre outros, fazendo com que, através desta desproteção aos usuários, se torne

muitas vezes um lugar de medo (TUAN, 2005). Os usuários ainda opinam que os funcionários deveriam não só cuidar da limpeza, mas também de outros aspectos, como proibir maiores de dez (10) anos de frequentar os equipamentos do parque, ou andar de bicicleta lá dentro, já que existem placas nas duas entradas do Parque Municipal proibindo as mesmas.

TABELA 22
Usuários, segundo Razão de Frequência

N = 40

<i>Razão de frequência</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Espaço	16	40%	09	22,5%	62,5%
Lazer*	01	2,5%	06	15%	17,5%
Acesso	03	7,5%	01	2,5%	10%
Segurança	-	-	03	7,5%	7,5%
Condições dos equipamentos	01	2,5%	-	-	2,5%
Limpeza	-	-	-	-	-
Amabilidade dos funcionários	-	-	-	-	-
Horário de funcionamento	-	-	-	-	-
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

* inclui passeio nas áreas verdes e saúde.

(F-75): “é um espaço maravilhoso!”

(F-56): “tem gente que não pode pagar um clube. De final de semana, os jovens vêm usar este espaço”.

(F-30): “é o único lugar que tem para lazer!”

(M-51): “não tenho outro lugar público para lazer. Só o Lago mesmo”.

(M-58): “sou sócio de clube privado, mas prefiro o parque do Lago que tem mais opções e espaço para as crianças”.

(F-63): “falta segurança, mais policiamento, mais funcionários para cuidar do Parque”.

A tabela 23 – **Usuários, segundo serviços prestados**, indica agrado e desfrute, bem como a repulsão dos usuários em relação a esses serviços, ou seja, conhecimento da conservação e das condições atuais, por exemplo, dos bebedouros, banheiros, manutenção dos equipamentos e ainda da situação em que se encontram as águas superficiais e as áreas verdes. Portanto, esta tabela serve para validar funções como de conservação do Parque Municipal como um todo. As áreas verdes são destaques em sua maioria. A população está satisfeita ou ainda acredita que deveria ter mais verde e lugar para lanchonete ou restaurante. Mas, as principais reclamações dos usuários ficam por conta da falta de segurança, em 12,5%, da falta de infra-estrutura física em 37,5% (desejo por melhores condições de iluminação, retirada ou consertos das cercas, limpeza e manutenção dos banheiros e bebedouros, equipamentos, entre outros), falta de administração em 10% e falta de tratamento e conservação das águas superficiais em 40%.

TABELA 23
Usuários, segundo Sexo e Serviços Prestados

<i>Serviços prestados</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Bom	11	27,5%	09	22,5%	50%
Regular	06	15%	04	10%	25%
Ótimo	03	7,5%	04	10%	17,5%
Péssimo	01	2,5%	02	5%	7,5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007

(F-38): “as sombras são importantes”...

(F-41): “falta segurança, iluminação. Poderia ser um ótimo espaço que é público, amplo. Pra muita gente simples, este espaço pode ser maravilhoso, mas não tá, a gente vê isso”.

(F-33): “fazer um restaurante, uma lanchonete”...

(F-33): “cobrar uma taxa simbólica de entrada, pelo menos pra conservar o parque, o que tem”...¹⁸

(F-32): “não tem outra opção de recreação na cidade. Ninguém brinca mais na rua. As crianças têm o lago como opção de recreação”.

(M-74): “falta iluminação, falta segurança. Os ‘véinho’ tão largando de vir aqui porque os ‘fumerinho’ invadem o campo de bocha. Isto aqui é tão bom pra nossa saúde¹⁹...”

(M-33): “falta higiene no viveiro, decência nos banheiros”...

¹⁸ Nota-se como é conflituosa a relação público/privado para um povo, que deveria insistir no direito de ter acesso a lugares públicos bem conservados, limpos, seguros, decentes, e, principalmente sem custo.

¹⁹ O usuário se refere ao campo de bocha, e designa aos senhores aposentados como “véinhos” e aos jovens que usam o local para se drogar como “fumerinhos”.

Na tabela 24 - **Usuários, segundo o papel das lâminas d'água**, foi avaliado se existe um elo afetivo (topofilia) ou repulsivo (topofobia) com as águas do lago. Entre os usuários que não valorizam a porção de lâminas d'água, possuem ensino médio completo ou superior, 5% dão pouca importância às águas e 10% nenhuma importância. Isso mostra o quanto a educação ambiental deve ser levada a sério nas escolas, principalmente sobre a importância da água, seu uso e suas múltiplas utilidades, valorizando-a como um recurso finito, e não mais como um recurso inesgotável, outrora aprendido na escola.

Os que dão muita importância às águas ficam em 7,5%, valorizando esta porção como “bonito”. Para o fator de **atração**, têm-se 30%, justificando o lugar como ímpar na cidade de Rio Claro e dando significado ao elemento natural *ÁGUA* na paisagem, visto inclusive como *lugar lindo*, *Cartão Postal e águas como símbolo de vida*, mostrando a afetividade do ser humano com as águas. Já para o fator de **repulsão**, tem-se um total de 47,5%, visto que os usuários reclamam da falta de tratamento, poluição, foco de dengue, do mau cheiro, dos maus tratos com a água, aves e animais que ali habitam, como lixos jogados nas águas, da “ilha” ser nojenta e exalar mau cheiro devido à enorme quantidade de aves, da falta de vontade de se recrear com o pedalinho na situação em que se encontra o lago, entre outros fatores de repulsão relevantes.

TABELA 24
Usuários, segundo O Papel das Lâminas D'água

<i>Papel das águas</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Repulsão	11	27,5%	08	20%	47,5%
Atração	05	12,5%	07	17,5%	30%
Nenhuma	02	5%	02	5%	10%
Muita	02	5%	01	2,5%	7,5%
Pouca	01	2,5%	01	2,5%	5%
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L., R., 2007.

(M-47): “é atrativo, pois a água é o símbolo da vida!”...

(M-16): “na cidade, é o único lugar com espaço de águas”.

(F-27): “é bonito, mas tem que ser mais cuidado por causa do mau cheiro”...

(M-49): “não serve prá nada pra mim”...

(F-27): “ele estando limpo é um espetáculo maravilhoso. Parentes de fora dizem que eu moro num lugar mais lindo da cidade, perto do Lago”... “isso aqui é o cartão postal”...

(F-28): “precisa de mais limpeza. Às vezes o cheiro é desagradável”...

(M-72): “deveriam fazer uma galeria por fora pra tirar a água poluída”...

Entre atração e repulsão, a questão é que os usuários acreditam e visualizam que o Parque Municipal poderia ser melhor, como mostra a tabela 25 - **Usuários, segundo atração ou repulsão das águas**. Enquanto 12,5% acreditam ser atrativo, 25% acreditam ser repulsivo. No entanto, 50% dos usuários pedem melhorias, como já vistas acima, nas tabelas 22 e 23. É nítida a preocupação da população com o elemento da paisagem – água. Os outros 12,5% não opinaram. Esta questão de atração ou repulsão pode ser conferida em Tuan, como já visto no capítulo II:

Um objeto ou lugar atinge a realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através de olhos de turistas e leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada. (TUAN, 1983, p. 20-21).

TABELA 25
Usuários, segundo Atração ou Repulsão das águas

N = 40

<i>Importância</i>	<i>Usuários</i>
Poderia ser melhor	50%
Repulsão	25%
Atração	12,5%
Outros	12,5%
Total	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

(M-47): “é atrativo, pois a água é o símbolo da vida”.

(F-28): “é bonito, mas precisa de mais cuidado”.

(F-47): “é um cartão postal”.

(F-34): “poderia ser melhor”...

(M-54) “era pra ser mais bonito. Falta tratamento das águas, limpeza. É bonito, mas não está atrativo”.

(F-28): “precisa de mais limpeza. Às vezes o cheiro é desagradável”...

A tabela 26 - **Usuários, segundo conservação do Parque Municipal Lago Azul**, refere-se à responsabilidade de conservação deste. Os 5% que atribuem a conservação aos funcionários, não

passam a responsabilidade para a prefeitura, referindo-se, por exemplo, à limpeza dos banheiros, ou falta de manutenção nos brinquedos do parque infantil. Já os 45% que acreditam ser da prefeitura a responsabilidade de conservação referem-se mais às questões de ordem técnica, como tratamento das águas, melhorias na infra-estrutura, como segurança e iluminação, conservação dos equipamentos, entre outros.

Portanto, referem-se ao que é direito dos cidadãos reivindicar ao poder público local, a realização regular de seus deveres como administrador. A maioria dos usuários acredita ser responsabilidade de todos, seja da prefeitura e funcionários, seja dos usuários, mantendo limpo e organizado o espaço de todos. Os que assim pensam somam 50% dos entrevistados, o que mostra a tomada de consciência que muitos têm em cuidar do meio em que vivem e convivem, cada um cumprindo seus deveres, como não jogar lixo no chão, e exigindo os direitos de cidadãos junto à administração municipal.

TABELA 26
Usuários, segundo Sexo e Conservação do Parque Municipal Lago Azul

N = 40

<i>Responsável</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Todos	12	30%	08	20%	50%
Prefeitura	08	20%	10	25%	45%
Funcionários	01	2,5%	01	2,5%	5%
Usuários	-	-	-	-	-
Total	21	52,5%	19	47,5%	100%

Fonte: MOITA, L., R., 2007.

(M-54): “falta vistoria da prefeitura”.

(M-16): “a prefeitura tem que fazer a parte dela”.

(M-54): “a segurança fica por conta da prefeitura; a manutenção aos funcionários, e educação e limpeza aos usuários”.

(M-33): “cada um faz um pouco, não jogar lixo no chão”...

(M-72): “com a colaboração de todos”...

(M-26): “quem utiliza deve cuidar”...

(F-56): “paga-se tanto imposto, a prefeitura tem que conservar”.

(F-47): “não é só por conta da prefeitura. Aqui, não é meu, não é seu. É nosso”.

(F-33): “falta policiamento, por causa do vandalismo”.

(F-32): “o povo deve colaborar como pode. O resto, a prefeitura”.

A tabela 27 - **Usuários, segundo percepção ambiental**, mostra o sentido de conservação do Parque Municipal Lago Azul, individual e coletivo, em relação ao meio natural e construído, ou seja, a percepção ambiental de cada um. Verificou-se que os 10% que não vivenciam ou não se interessam pela conservação do Lago Azul, se deve ao fato de não terem estímulo ou nem mesmo saberem da importância desta percepção, algo que não possuem ou que não conseguem ainda vivenciar, sendo uma situação extremamente individual e particular. Dos 10% que não vivenciam, 7,5% são do sexo masculino, sendo um analfabeto, um com ensino médio completo e o outro com superior completo, e 2,5% do sexo feminino, possuindo ensino superior incompleto. Desse modo, não se pode dizer que é por falta de estudo, mas sim por falta de uma tomada de consciência ambiental em relação à valorização da área natural e construída pública, bem como de sua importância.

Já em 90% dos usuários esta percepção ambiental é verificada justamente pela vivência no espaço, bem como pela valorização do uso da área, através das experiências de topofilia ou de topofobia. Mesmo quando há repulsa pelo lugar, este é valorizado por algum elemento natural, como as áreas verdes, o próprio lago ou construído, como o centro cultural, o parque infantil, o espaço, enfim, que se utiliza. Além disso, há a percepção dos recursos não visíveis, como o sossego e a paz.

Portanto, a percepção ambiental é vivenciada pelas sensações dos usuários diante do lugar, como afirma Lynch (1980), pois o ser humano dispõe destas sensações agradáveis ou desagradáveis através das relações que possui com o lugar e de acordo com a cultura individual, segundo Tuan (1980), dando-lhe identidade, como sugere Mendonça (2002).

TABELA 27
Usuários, segundo Percepção Ambiental

<i>Percepção</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Vivencia	18	45%	18	45%	90%
Não vivencia	03	7,5%	01	2,5%	10%
Total	21	52,55	19	47,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

- (M-47): “sinto o cheiro do verde”...
 (M-49): “área verde é tudo”...
 (M-58): “ajuda a parte mental”...
 (M-39): “gosto do verde”...
 (F-75): “gosto de lugar com água, sombra, frutas. As sombras são importantes”.
 (M-19): “é patrimônio da cidade”.

Não Usuários

Muitas questões implicam na **não freqüência** de um espaço público de lazer, segundo Fisk e Hatry (1983), como acessibilidade, falta de informações das atividades, falta de segurança e limpeza, entre outros²⁰. Pode-se considerar também a falta de interesse ou de oportunidades de muitos para não freqüentarem o local, ou mesmo outras oportunidades, incluindo as preferências e gosto.

Um melhor e mais capacitado planejamento administrativo pode em muito auxiliar novas ações para muitas outras pessoas passarem a freqüentar este espaço e suas variadas instalações.

No espaço do Lago Azul, vemos que ocorrem situações como as citadas acima. Nas entrevistas feitas com os não usuários, confirmou-se que todos possuem o pleno conhecimento da existência do Parque Municipal Lago Azul, e que, portanto, 100% dos entrevistados sabe onde ele está localizado no espaço urbano de Rio Claro, SP. Mesmo as pessoas que são de outra localidade, como Corumbataí, município vizinho, e pessoas que estão visitando a cidade ou que são moradores recentes, o reconhecem e sabem da sua localização. A tabela 28 - **Não usuários, segundo conhecimento**, mostra o resultado acerca do conhecimento do nosso objeto de estudo.

TABELA 28
Não Usuários, segundo Conhecimento

N = 40					
<i>Conhecimento</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Sim	19	47,5%	21	52,5%	100%
Não	-	-	-	-	-
Total	-	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

²⁰ A partir do momento que a área for melhorada, deverá receber ampla divulgação.

Já para a questão de utilização e conhecimento acerca das oportunidades existentes no interior do Parque Municipal, como mostra a tabela 29 - **Não usuários, segundo utilização do Parque Municipal Lago Azul**, a maioria já esteve no local, para lazer (um passeio, conhecimento), ou praticar alguma atividade, usando ou não algum equipamento. No total de 85% dos que não frequentam, somam-se 47,5% do sexo feminino e 37,5% do sexo masculino. Os que não conhecem o local em si, num total de 15%, responderam que não houve oportunidade, não houve interesse, ou que não conhecem os atrativos que o Parque Municipal possui.

TABELA 29
Não Usuários, segundo Utilização do Parque Municipal Lago Azul

N = 40

<i>Utilização</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Sim	15	37,5%	19	47,5%	85%
Não	04	10%	02	5%	15%
Total	19	47,5	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 30 - **Não usuários, segundo acesso e tipo de acesso**, revela que 97,5% têm, de alguma maneira, como chegar ao Parque Municipal Lago Azul, salvo apenas um entrevistado que possui deficiência física, que não teria possibilidade de ir ao Lago sozinho, mas sim acompanhado ou recebendo ajuda. Esta acessibilidade se faz de maneira fácil até mesmo para as pessoas que vão a pé, 32,5%. Mas há aqueles moradores de bairros mais distantes e aqueles que são acostumados a se deslocar pela cidade de carro (40%), ou também utilizando outras possibilidades de acesso ao Parque, como moto (5%), bicicleta (5%) ou ônibus (7,5%). Dos não usuários do sexo feminino, 10% moram no centro da cidade e 15% nos arredores do Lago, por isso a preferência em ir a pé ao Parque. Outros* não responderam. A questão foi perguntada de maneira a esclarecer ao entrevistado se ele, por ventura, pudesse frequentar o Lago Azul, se teria como ir ao Parque. Muito embora quase todos responderam o tipo de acesso, nem sempre a pessoa está disponível a frequentar, ou ainda, algumas que responderam que iriam a pé, mesmo morando em bairros distantes, é porque não possuem um outro meio eficaz de se deslocar, nem por incentivo dos

órgãos públicos locais, como um ônibus circular com uma linha especial até o Parque; por isso, estas pessoas provavelmente fogem a qualquer tipo de possibilidade de frequência.

TABELA 30
Não Usuários, segundo Acesso e Tipo de Acesso.

N = 40

<i>Acesso</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Sim	18	45%	21	52,5%	97,5%
Não	01	2,5%	-	-	2,5%
Carro	09	22,5%	07	17,5%	40%
A pé	02	5%	11	27,5%	32,5%
Ônibus	02	5%	01	2,5%	7,5%
Outros*	02	5%	01	2,5%	7,5%
Bicicleta	01	2,5%	01	2,5%	5%
Moto	02	5%	-	-	5%
Total	19	45%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

A tabela 31 - **Não usuários, segundo conhecimento das atividades existentes**, mostra o grau de conhecimento acerca das oportunidades existentes no Lago Azul. A população que conhece o lugar refere-se àqueles poucos que caminham nos arredores ou porque já frequentaram e, por algum motivo, não frequentam mais. Segundo Fisk e Hatry (1983), prováveis indicações como críticas, razões distintas relacionadas com o atrativo físico, acessibilidade, temores que os repelem, outros espaços que lhe são peculiares ou mais agradáveis, públicos ou privados, podem ser motivos da não frequência e do não conhecimento. No entanto, a grande maioria tem pouco ou nenhum conhecimento. Isso pode ser explicado pela falta de informação sobre o local, e mesmo das oportunidades existentes, que poderiam e deveriam ser mais divulgadas e incentivadas pelo poder público local, para que a população tivesse mais interesse em frequentar o Parque.

TABELA 31
Não Usuários, segundo Conhecimento das Atividades Existentes

N = 40

<i>Conhecimento</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Pouco	07	17,5%	14	35%	52,5%
Nenhum	07	17,5%	03	7,5%	25%
Conhece	05	12,5%	04	10%	22,5%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

(F-27): “é uma área de lazer para todos, mas precisa ser cuidada”.

(M-70): “conheço lá; caminhava, jogava bocha, mas parei de ir. Merece mais cuidado. O povão, coitadinho, é área de lazer deles”.

(M-54): “o Lago Azul deveria ter um restaurante, mais lazer, maior geração de empregos... acaba a seresta do Jardim Público de domingo, lá deveria ter algum restaurante, alguma lanchonete, um evento com música ao vivo, com almoço. Exemplo é o Lago de Araras.”

A tabela 32 - **Não usuários, segundo atividades interessantes**, revela os dados daqueles que conhecem e utilizam ou já utilizaram o espaço do Parque Municipal por algum motivo. Muitas vezes, a população não frequenta o local por vários motivos, podendo citar a falta de atrativo físico, falta de segurança, falta de iluminação (infra-estrutura), horário insatisfatório de funcionamento, falta de variedades ou escasso interesse pelos programas recreativos, deficiente atendimento dos funcionários. A tabela ainda verifica os tipos de atividades interessantes que alguns não usuários já usufruíram, de algum modo, no espaço do Parque, incluindo o Centro Cultural. A maioria fica com a preferência para recreação e atividades esportivas, como levar as crianças no parque infantil e praticar caminhada.

TABELA 32
Não Usuários, segundo Atividades Interessantes

N = 40

<i>Atividades</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Recreação	07	17,5%	12	30%	47,5%
Lazer	06	15%	04	10%	25%
Outros	04	10%	03	7,5%	17,5%
Atividade Cultural	02	5%	02	5%	10%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

Lazer: inclui descanso, passeio, conhecimento do local, pedalinho.

Recreação: inclui parque infantil, caminhada (trilha interna e externa), campos de bocha e futebol.

Atividade Cultural: inclui centro cultural, biblioteca, eventos, shows, projeto 4 ½.

Outros: inclui pessoas de fora, longe de casa, sem oportunidade de acesso e de conhecimento, atividades de escotismo, e os que não responderam.

A tabela 33 - **Não usuários, segundo atração ou repulsão pelas lâminas d'água**, diz respeito ao papel que as lâminas d'água desempenham sobre os não usuários, bem como sua importância. Apesar da maioria não ter conhecimento sobre o local, é pelas águas superficiais, o lago em si, que manifesta uma singela atração, recebendo valorização na paisagem urbana, sendo que 50% dos entrevistados consideram as águas atrativas e 12,5% de muita importância. Dubois (1981) revela o quão importante são as águas para os seres humanos, principalmente em sua conservação, para o próprio bem da vida. Para o fator repulsão tem-se 17,5%, e com pouca ou nenhuma importância, 7,5% e 12,5%, respectivamente. A maioria alega a falta de cuidado que o poder público local tem com este espaço, às vezes citado como um espaço de abandono, falta de cuidado e de tratamento com as águas, principalmente para se tornarem atrativas.

TABELA 33
Não Usuários, segundo Atração ou Repulsão pelas Lâminas D'água

N = 40

<i>Papel da Água</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Atração	09	22,5%	11	27,5%	50%
Repulsão	03	7,5%	04	10%	17,5%
Muita	03	7,5%	02	5%	12,5%
Nenhuma	02	5%	03	7,5%	12,5%
Pouca	02	5%	01	2,5%	7,5%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

(F-65): “O lago é maravilhoso! Mas tem que desviar o esgoto do lago para qualquer pessoa pescar: o pobre, as crianças... eles têm que limpar o lago... tem um foco de mina lá! Aquilo é cheio de mina!”

(M-49): “tem muito esgoto, muito barro. Precisa reestruturar o lago. Colocaram muito entulho no lugar da vegetação”.

(M-29): “a “ilha”²¹ é transmissora de doenças. Na avenida 40, quando chove, toda a água é depositada no lago. Havia uma peneira lá, mas tiraram. Deveriam colocá-la de novo para não descer mais entulho.”

(F-41): “o lago não deixa de ser atrativo, mas tem que despoluir. Poderia e deveria ser mais atrativo.”

A tabela 34 - **Não usuários, segundo outras recreações**, mostra que 67,5% dos não usuários possuem algum tipo de recreação, como clubes, pescaria, chácaras, entre outros. Estas pessoas, por terem alternativas de entretenimento, acabam, muitas vezes, não optando pelo Lago Azul. No entanto, 32,5% não possuem algum tipo de recreação, posto que o Lago Azul poderia ser um atrativo para estas pessoas, especialmente para aquelas que não têm oportunidades ou condições financeiras de frequentar um clube, ou mesmo de deslocar-se para outros lugares, como uma chácara, um rio, entre outros. A questão é acerca das oportunidades de recreação e atividades que o Parque oferece. Mesmo que 85% das pessoas já tenham utilizado o Parque Municipal por algum motivo, muitas destas não conhecem ou conhecem pouco sobre os equipamentos, atividades, entre outros. Talvez fosse o momento de uma maior e melhor divulgação sobre o que o Lago Azul oferece, como um todo, a toda população, através da mídia - telejornais, jornais, panfletos, anúncios.

²¹ A ilha se refere a uma pequena porção de terra, com arborização variada. Com o objetivo de abrigar aves, hoje em dia grande número de aves de outras áreas, inclusive garças brancas, migram até a ilha, na tentativa de encontrarem abrigo. Localiza-se na entrada da avenida quarenta (40), conforme figura 115 do capítulo III.

TABELA 34
Não Usuários, segundo Outras Recreações

N = 40

<i>Recreação</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Sim	13	32,5%	14	35%	67,5%
Não	06	15%	07	17,5%	32,5%
Outros*	05	12,5%	07	17,5%	30%
Clube	06	15%	05	12,5%	27,5%
Chácara	02	5%	01	2,5%	7,5%
2ª residência	-	-	01	2,5%	2,5%
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

*outros: seresta do jardim Público, grupos de terceira idade, passeios da Igreja, sítios, área de esportes da Unesp (piscina, por exemplo), pescaria, acampamento.

A respeito da conservação do Lago Azul, na tabela 35 - **Não usuários, segundo conservação do Lago Azul**, foi perguntado aos entrevistados de quem é a responsabilidade para a conservação permanente deste espaço, como um todo. Como resultado verificou-se que cabe a conservação do Parque Municipal, tanto à prefeitura, como a todos (prefeitura, funcionários, usuários, sociedade em geral), segundo 47,5% dos entrevistados. Porém, a prefeitura tem o peso maior de administração e providências de recursos.

TABELA 35
Não Usuários, segundo Conservação do Lago Azul

N = 40

<i>Conservação</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Política local	10	25%	09	22,5%	47,5%
Todos	08	20%	11	27,5%	47,5%
Funcionários	01	2,5%	01	2,5%	5%
Usuários	-	-	-	--	-
Ninguém	-	-	-	-	-
Total	19	47,5%	21	52,5%	100%

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

(M-56): “Acho que a conservação do Lago Azul deveria receber cooperação das indústrias”.

(M-57): “A prefeitura deve colocar pessoas que saibam cuidar do Lago Azul. Falta orientação aos funcionários para manterem as águas do lago limpas”.

(F-55): “A gente paga muito imposto. A prefeitura tem que cuidar da cidade, do espaço do povo”.

(M-47): “O Lago Azul é público, mas uma proposta de cobrança de entrada mínima para manutenção, iria melhorar, apareceriam melhores resultados”²².

(F-68): “Tem que ter união de todo mundo”.

(M-32): “O Lago Azul é um ponto turístico abandonado pelos responsáveis. A prefeitura deveria proporcionar melhorias”.

A tabela 36 - **Não usuários, segundo percepção ambiental**, mostra a percepção que a população tem do espaço do Lago Azul. Mais de 50% responderam que não vivenciam, não se interessam, sabem da importância mas não fazem nada pelo local. Dos que vivenciam, somam-se 47,5%, para quem a percepção ambiental é vista, percebida e sentida por ser uma área pública de lazer, importante pelas áreas verdes, águas superficiais e recreação no espaço intra-urbano. Sendo assim, a vivência e a percepção ambiental para com um determinado lugar só é revelada através dos sentimentos afetivos, quando o ser humano percebe e sente por meio de seus sentidos; é individual. A pessoa interpreta como uma leitura e esta se dá de acordo com as capacidades cognitivas do indivíduo para tal interpretação:

Estes processos (de percepção e cognição) são ainda complementados pelas relações de valoração das imagens que se atribui aos lugares, às paisagens naturais e construídas, aos objetos, à sociedade, enfim, onde permeiam situações econômicas, sociais e culturais, agradáveis ou não, vividas pelos indivíduos, que se manifestam a partir das relações de alteridade e reciprocidade. É o que se chama de tomada de consciência e esta, demonstra ao indivíduo, que ocupa um lugar no espaço através de seus deslocamentos, movimentos e ações, pelas quais refletem no meio em que vive reagindo de acordo com as imagens e idéias formadas sobre a realidade do local vivido. (MOITA; VIEIRA, 2005, p 736-737)

TABELA 36
Não Usuários, segundo Percepção Ambiental

<i>Percepção</i>	<i>Masculino</i>	<i>%</i>	<i>Feminino</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
Não	11	27,5%	10	25%	52,5%
Sim	08	20%	11	27,5%	47,5%
Total	19	47,55	21	52,5%	100%

N = 40

Fonte: MOITA, L. R., 2007.

²² Novamente, nota-se o conflito das relações público/privado, que, muitas vezes, o ser humano acaba acreditando que o privado pode ser melhor que o público, esquecendo-se que tem o direito de receber o melhor sem custo financeiro.

(F-56): “É uma área de lazer para todos, mas precisa de cuidados”.

(F-51): “O Jardim Público é o quintal da minha casa porque moro em apartamento no centro. Venho aqui para me distrair, passear, sair de casa. O Lago, está abandonado”.

(M-47): Quem passa pelo Lago Azul, pode visualizar melhor do que quem está lá dentro, para seus cuidados”.

(F-32): “Com as sombras se aproveita mais o tempo; o lago, estando limpo, melhor ainda”.

Verifica-se portanto, que, os usuários do espaço de recreação Parque Municipal Lago Azul de Rio Claro, SP, desejam vivenciar as melhorias já vistas anteriormente e, os não usuários, principalmente aqueles que não possuem sequer um espaço de recreação, somam-se num grande potencial de pessoas que podem passar a utilizar este lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, a questão da água nesta pesquisa teve enfoque para uso humano, principalmente no que concerne à recreação. Mas, há que ressaltar a importância da água para todo ser vivo, para o equilíbrio e continuidade da vida na terra.

Como cidadã rio-clarense e usuária do Lago Azul, senti necessidade de aprofundar um estudo em percepção ambiental deste local, que considero paisagem e lugar.

Quero e procuro ser otimista, que este lugar receba todas as melhorias possíveis, passando a ter mais significado e afeto por parte da população, que merece um espaço público e decente para recreação.

Os autores Fisk e Hatry (1983), conseguiram com a metodologia - que fora utilizada nesta pesquisa, como vista no capítulo IV, A Pesquisa, demonstrar e modificar ambientes urbanos destinados à recreação. Com isso, houve, de minha parte, entusiasmo para que em Rio Claro possa ocorrer o mesmo.

1. Lago Azul: um referencial da cidade de Rio Claro, SP

O Lago Azul de Rio Claro, SP, que ocupa um determinado espaço na organização da cidade, é tido também como paisagem única por suas lâminas d'água e áreas verdes, e ainda como lugar, através do elo afetivo – topofílico ou topofóbico, pois é reconhecido por todas as pessoas, sejam moradores ou visitantes:

PAISAGEM: porção de um espaço real, representativo, descritivo e perceptivo; é um espaço público de lazer instalado no meio intra-urbano para usufruto da população, composto de elementos naturais e construídos, evidenciando as relações dos elementos físicos, biológicos e antrópicos.

LUGAR: pertence ao contexto histórico-cultural do município, e os elementos de sua paisagem – construída e não construída – são identificados por sua população para lazer e recreação, dando-lhe singularidade como lugar, podendo variar como um lugar atrativo ou repulsivo.

Tem ainda outros significados, como:

- romântico: para uma paquera, um caminhar a dois, um namoro;
- determinista: para os que praticam alguma atividade física diária ou semanalmente;
- possibilista: para lazer, recreação, entre outros;
- experienciais: para os que fazem pesquisa, investigam o espaço.

Através das informações sobre o Parque Municipal Lago Azul, obtidas junto à população, detectou-se a percepção das águas, da vegetação, do espaço, dos movimentos de circulação interna e externa de pedestres, de ciclistas, dos ruídos, dos odores. Isso é um dado de:

natureza sensorial, responsável por mapear a delimitação de uma região que possa ser considerada como homogênea em termos ambientais, seguido do exercício de reflexão quanto às referências arquitetônicas e urbanísticas diretamente relacionadas à sensação percebida. (MENDONÇA, 2002, p. 83).

Foi possível ainda analisar que o espaço é um setor do bairro Vila Operária, reconhecido também por “indicações de marcos orientadas no sentido da identificação de elementos que possam ser vistos a certas distâncias, e que marquem a sua paisagem, podendo ser naturais, construídas ou mesmo móveis”. (MENDONÇA, 2002, p. 83). O símbolo do leão da bandeira rio-clarense, o parque infantil, o Centro Cultural, entre outros, podem ser considerados marcos referenciais para muitas pessoas, dependendo da percepção individual e grau de utilização.

Considerando que todas as pessoas reconhecem o Parque Municipal Lago Azul na paisagem urbana, e que esta percepção é feita, inicialmente, através do órgão do sentido “visão”, acrescido dos outros sentidos, pode-se dizer que cada pessoa o vê e o sente à sua maneira, conforme sua vivência. Entretanto, todas reclamam do modo como o Parque se encontra em seus estados físico,

social e ambiental, sendo nítida a preocupação da maioria da população quanto às melhorias do espaço e do lugar.

Englobamos aqui os aspectos físicos, sociais e ambientais que, em carácter emergencial, segundo os cidadãos, podem e devem ser melhorados, a curto, médio e longo prazo.

Carácter emergencial:

Aspectos físicos: iluminação, banheiros mais limpos e higienizados e conserto das cercas e alambrados, ou ainda, retirada das cercas de arame, deixando o espaço aberto, para a população incorporar com topofilia este lugar, principalmente por sua funcionalidade, que é de lazer e recreação.

Aspectos sociais: segurança (policimento), principalmente no parque infantil, no campo de bocha e na quadra de skate; receptores de lixo. Sugerimos, inclusive, recipiente com lixo seletivo.

Aspectos ambientais: despoluição e tratamento das águas superficiais.

Carácter a médio e longo prazo:

Aspectos físicos:

- iluminação em toda a área interna e externa;
- pedalinhos melhores;
- melhoria na trilha;
- aumento e melhoria no viveiro;
- restaurante ou lanchonete com música ao vivo;
- pesca democrática;
- iluminação e troca do telhado no campo de bocha;

- novo mirante;

Aspectos sociais:

- segurança vinte e quatro horas por dia, ou, pelo menos durante o horário de funcionamento;

- torneio de pesca e veleiro;

- atividades para os grupos de terceira idade, como torneios, jogos, gincanas, etc.

- brincadeiras, jogos, gincanas, palhaços, leituras e contos infantis, nos finais de semana, no parque infantil;

- shows e eventos com música ao vivo;

- um meio de transporte facilitando o acesso a toda população, como uma linha especial de ônibus para o Lago Azul, para as pessoas que, por algum motivo, não possuem acessibilidade ao local.

Aspectos ambientais:

- mais áreas verdes;

- limpeza da “ilha” e conservação das águas superficiais.

O Lago Azul, como lugar mediador entre o espaço produtivo e o não produtivo em áreas urbanas, desempenhando variadas funções, como já vistas, recreativas, esportivas, lúdicas, afetivas e repulsivas, tem representado, ao longo da história rio-clarense, um marco na memória social da cidade. A ele os cidadãos atribuem características, pela percepção individual, principalmente como único lugar de entretenimento.

Considerando toda a pesquisa, fizemos um levantamento por meio de nossa percepção ambiental, e sugerimos algumas propostas, que inclusive, muitas coincidem com as da população.

A população de Rio Claro, SP, tem o Lago Azul como referência. O espaço, que foi o item mais indicado nas entrevistas para a frequência, ocorreu principalmente por três motivos:

1º: a maioria das pessoas não tem outra opção de espaço público de lazer, como um clube, chácara, segunda residência;

2º: muitas vezes, por faltar recursos financeiros para deslocamentos, como praias, campos e montanhas;

3º: muitos não têm espaço no interior de suas casas para recreação;

Os cidadãos que se consideram muito satisfeitos com o local, em geral, são pelas oportunidades de equipamentos e atrativos físicos que os impelem a frequentar o local, como campos de bocha, futebol e parque infantil, além das atividades físicas, como caminhadas;

Isso também não quer dizer que sempre exista entre estes um elo afetivo com o lugar, posto que muitos frequentam o local por falta de opção.

Os usuários que não estão satisfeitos, ou que estão pouco satisfeitos, se deve, portanto, àqueles que anseiam e sentem necessidade de novas e melhores oportunidades de lazer.

Com que segurança as mães levam seus filhos ao parque infantil? Que crianças frequentam o parque infantil sozinhas? Existe uma grande insegurança das famílias em relação à escassa segurança, sabendo que a própria cerca não a garante, pois os portões da avenida quarenta ficam sempre abertos.

A cerca de arame em volta de todo o Parque Municipal não é indicativo de segurança, uma vez que a escuridão, a falta de segurança e a presença de usuários de drogas no interior do Parque Municipal tornam o espaço repulsivo, um espaço de medo. Muitos caminham somente no calçadão externo, com medo de adentrar o local, principalmente ao cair da tarde. Isso são indicadores da repulsa que a população tem com o lugar.

Ao espaço externo, para caminhada, a implantação de um calçadão maior e bem cuidado, levaria um maior número de pessoas a praticarem atividades físicas, com segurança.

A retirada da cerca de arame provocaria nas pessoas uma maior e melhor incorporação do Lago Azul no espaço urbano, tornando-o mais funcional.

O policiamento vinte e quatro horas por dia, no local, permitiria ao próprio espaço e às pessoas maior conservação e melhor uso da área; sem as cercas, facilitaria rápido desempenho policial na apreensão de infratores e usuários de drogas. E, aberto o espaço, provavelmente a presença de marginais reduziria ou ainda seria sanado.

A iluminação eficiente deixando o local claro em todo o seu entorno e em seu interior, somaria à afetividade das pessoas pelo lugar. Àqueles que possuem um tempo livre durante a noite, no tempo do não trabalho, teriam a oportunidade de lazer e de recreação, freqüentando o Lago Azul.

A criação de restaurantes, lanchonetes e barzinhos com música ao vivo, ao redor, iluminação interna e externa, segurança, e maior conservação do meio construído e não construído do Parque Municipal como um todo, levaria, com certeza, não só a população local mas também demais visitantes à maior freqüência, afetividade e satisfação com o lugar.

Um exemplo de espaço democrático aberto a toda a população é o Lago de Araras, onde é incorporado à paisagem e respeitado como um todo.

Outro exemplo de espaço democrático, é a Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, RJ. Seu entorno conta com pista de Cooper, ciclovia, quadras esportivas, parque infantil e um centro gastronômico espalhado pelos quiosques que a circundam. E, durante a noite, o atrativo é a música ao vivo, atrelado por mostras culturais ao ar livre. Além disso, para a festa de Natal, no final do ano, é confeccionada uma grandiosa árvore de Natal, que atrai cidadãos e turistas de muitos lugares.

Isso pode ser um exemplo a ser tomado como mais uma possibilidade de utilização afetiva e efetiva do espaço do Lago Azul, proporcionando festas no local, como no Natal, Páscoa, carnaval, dia dos pais, dia das mães, entre outras, com atrativos gastronômicos, culturais e artísticos, sociais, etc., podendo, inclusive, gerar arrecadações para o próprio Parque Municipal em sua manutenção.

O espaço do Lago Azul, pode ainda oferecer eventos e mostras culturais, como shows, teatros, apresentações de orquestras sinfônicas, chorinhos, entre outras, com acesso a todos. É também, uma oportunidade de divulgar às pessoas que o Centro Cultural está incorporado ao Lago Azul, pois a maioria das pessoas não conseguem identificá-lo como parte do Parque Municipal.

A integração da comunidade científica local, como a Universidade Estadual Paulista, Unesp, em parceria com a prefeitura, bem como de outras faculdades, podem propor eventos no espaço do Lago Azul, através de projetos, programas de extensão, etc, com trabalho voluntário, ou não, voltados para todas as faixas etárias, desde as crianças até os idosos.

As escolas públicas e particulares, juntamente com o poder público e administrativo local, poderiam proporcionar aulas de educação ambiental sobre a fauna e flora deste espaço, sobre a conservação das águas como recurso finito, entre outros temas, uma vez que esta educação se encontra nos parâmetros curriculares nacionais, como um dos temas transversais.²³

Os cidadãos passariam então, a sentir atração pelo lugar, surgindo um elo afetivo com o Parque Municipal. Não mais o frequentariam por falta de opção de lazer. Que os cidadãos recebam, por direito, o melhor, sem custo. Os deveres da população, como pagamento de impostos, somados com iniciativas e promoções de eventos no Lago Azul, podem render um benefício ao próprio lugar, para sua manutenção e conservação.

O Lago Azul é, sem dúvida, uma bela e atrativa paisagem na cidade, que, se não conservada, se torna repulsiva. O lugar é singular e, por ser aberto a toda população, deve proporcionar

²³ BRASIL, 1998.

afetividade às pessoas, através do respeito, educação e conseqüente tomada de consciência ambiental para tal conservação.

Que as vivências e experiências descritas nesta pesquisa, a partir de toda importância que foi dada às águas, à recreação e à própria trajetória da história do nosso objeto de estudo - o Lago Azul, atração ou repulsão, paisagem e lugar marcado dentro do espaço urbano de Rio Claro, SP, possam renovar os sentimentos e sensações dos leitores, principalmente sobre as águas e as relações homem/natureza, podendo, em qualquer lugar, resignificar e criar laços de autenticidade e reciprocidade que a mãe natureza nos oferece. Afinal, há que indicar à sociedade, através da pesquisa, melhores e inovadoras mudanças, na busca da integração homem/natureza, valorizando esta relação afetiva do homem com o lugar.

Assim sendo, a união do poder público, dos funcionários e usuários, enfim, de todos, é que deverá zelar pelo bem público, defendendo este patrimônio, manifestando sempre as melhores soluções e procedimentos para sua conservação e as melhores maneiras para a utilização deste espaço recreativo, buscando novos desafios, por meio da vivência e experiência de seus sujeitos, fazendo valer as necessidades reais de sua população para com este lugar.

2. Avaliação de Impacto Ambiental - AIA - Lago Azul

Havendo necessidade de implantação de novos projetos no espaço do Lago Azul, pode-se aprofundar num importante estudo da área, através de uma Avaliação de Impacto Ambiental, como medida preventiva, por exemplo, para reduzir ou minimizar enchentes, ou ainda, verificar se a área, como um todo sistêmico (meio físico, biológico e socioeconômico), tem potencial para aumentar sua demanda de recreação e entretenimento.

A Avaliação de Impacto Ambiental (AIA), é um instrumento de medida da política ambiental, que, por meio de um conjunto de procedimentos, verifica os impactos ambientais existentes numa determinada área, a partir de um exame sistemático, e propõe, então, uma ação, um projeto, programa, plano ou política, com alternativas adequadas nas tomadas de decisões, que devem ser apresentadas à sociedade. Esta, por sua vez, deverá considerar a proposta, tendo em vista que a mesma apresente medidas de proteção ao meio ambiente, no caso da implantação do projeto (AMBIENTE BRASIL, 2007).

Como instrumento desta avaliação, pode se realizar o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que se executa por meio de uma equipe multidisciplinar, com tarefas técnicas e científicas destinadas a analisar, sistematicamente, as conseqüências da implantação de um projeto no meio ambiente, por meio da Avaliação de Impacto Ambiental e técnicas de previsão dos impactos ambientais.

A primeira medida a ser tomada deve originar-se de um Diagnóstico Ambiental, descrevendo e analisando toda a área em questão, considerando três aspectos, segundo Ambiente Brasil (2007):

1. Meio físico: subsolo, ar, clima, corpos d'água, regime hidrológico, entre outros.
2. Meio biológico: fauna e flora local.
3. Meio sócio econômico: uso e ocupação do solo, uso das águas, relações de dependência entre a sociedade e os recursos ambientais apresentados, bem como seu potencial de utilização.

A posteriori, o diagnóstico apresenta um Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que deverá apresentar os diagnósticos dos resultados obtidos pela equipe multidisciplinar. Ainda, deverá propor medidas com objetivos, justificativas, descrevendo um projeto a ser implantado no local, caracterizando a qualidade ambiental do mesmo, propondo ações mitigadoras e preventivas para

a conservação deste meio ambiente, principalmente com monitoramento e acompanhamento dos impactos, efetivando-se, assim, o programa, projeto, ação ou plano, levando em consideração a parte técnica e principalmente os anseios de uma população que vive e convive em sociedade.

Neste trabalho, a “ÁGUA” foi abordada apenas como instrumento de recreação. Entretanto, vários são os seus usos e importâncias, como já explanados anteriormente, e que merecem a atenção de todo o Planeta Terra.

REFERÊNCIAS:

AB' SABER, A. N. Bases conceituais e papel do conhecimento na previsão de impactos. In: AB' SABER, A. N.; MULLER-PLANTENBERG, C. (Org.). **Previsão de Impactos**. São Paulo: Edusp, 2002.

ALMA CARIOCA. **Região dos Lagos**. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/reglagos.index.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2006.

ALMA DO RIO. **Expedição Amazonas**. Disponível em: <http://www.almadorio.org.br/amazonia/images/DSC01774.JPG>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

ALVES, E. R.; MACHADO, L. M. C. P. **Qualidade Ambiental em Rio Claro, SP**: Indicador Biogeográfico. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas / Universidade Estadual Paulista, 1993. Relatório Final.

AMBIENTE BRASIL. Diretrizes Ambientais. **Conceitos de avaliação, estudos e relatórios de impactos ambientais**. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=gestao/index.html&conteudo=gestao/diretrizes/html#topo#topo>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

ATLAS AMBIENTAL DA BACIA DO RIO CORUMBATAÍ. Hidrologia. **Vazão**. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/ceapla/atlas/atlas.swf>>. Acesso em: 14 jun. 2006.

BAILLY, A. S. **La Géographie du Bien-Être**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

BAIXAKI. Imagens. **Águas**. Disponível em: http://baixaki.ig.com.br/imagens/wpapers/BXK20378_aguas-douradas800.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

BARROCAS, R. A **(trans)formação do turismo no município de Brotas, SP**. 2005. 100 f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA. Agência Nacional de Águas - ANA. **Gestão de Recursos Hídricos**. Disponível em: <http://www.ana.gov.br/GestaoRecHidricos/ArticulacaoIntitucional/default.asp>>. Acesso em: 05 dez. 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA. **Resolução nº. 357**, 17 mar. 2005, cap. 1, art 2. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/conama/res/res05/res35705.pdf> >. Acesso em: 05 dez. 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA. **Resolução nº. 20**, 18 jun. 1986. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res2086.html>>. Acesso em: 05 dez. 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA. **Gestão dos Recursos Naturais: Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira.** Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura - MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.

BRUHNS, H.T. O Corpo Visitando A Natureza: Possibilidades De Um Diálogo Crítico. In: SERRANO, C. T.; BRUHNS, H. T. (Org). **Viagens à Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 2001. p. 125-140.

BURKART, A.J.; MEDLIK, S. **Tourism Past, Present and Future.** Londres: Heinemann, 1974.

CAMPINAS. Prefeitura Municipal. Parque Portugal – **Lagoa do Taquaral.** Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/campinas/galeria/parque_portugal>. Acesso em: 07 maio 2007.

CAPRA, F. **A teia da Vida.** Uma nova Compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARDOSO, A.C.; CERRI, M. S.; MACHADO, L. M. C. P. **O Lago Azul em Rio Claro, SP: Uma área pública de lazer na percepção do usuário.** 1995. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1995.

CHARQUEADA. Prefeitura Municipal. **Aspectos turísticos.** Disponível em: <http://www.charqueada.sp.gov.br/aspectos_tour.htm#>. Acesso em: 9 jun. 2006.

CRÓNICAS DE LOS TIEMPOS. Ria Slides. **Ano de 2070.** Disponível em: <riaellw@globocom.com>. Acesso em: 10 jul. 2007.

DARDEL, E. **L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DEL GROSSI, S. R. Paisagens Naturais e a Ação Antrópica nas Áreas de Cerrado. In: GOYA, C. R. (Org.). **Uma visão Interdisciplinar Sobre o Estudo da Paisagem.** Bauru: UNESP, 1996. (Cadernos paisagem, 1). p. 29-34.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Nobel: UFSCar, 1996.

DUBOIS, RENÉ. **Namorando a Terra.** Tradução de Maria Cristina Carnevale. São Paulo: Melhoramentos; USP, 1981.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio.** 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FISK, D. M.; HATRY, H. P. Serviços Recreativos - In: DOREN, C. S. van; PRIDDLE, G. B.; LEWIS, J; E. (Org.) **Solo e Ócio**: Conceitos e Métodos no Âmbito da Recreação ao Ar Livre. Tradução de Joaquim Hernandez Orozco. Instituto de Estudos de Administração Local. Madrid: 1983. p. 441- 484.

GIBSON, J. J. **La Percepción del Mundo Visual**. Buenos Aires: Infinito, 1974.

GUIA DA SEMANA. Rio de Janeiro. **Lagoa Rodrigo de Freitas**. Passeios – RJ. Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/detail.asp?Lagoa_Rodrigo_deFreitas/PASSEIOS/RIODEJA_NEIRO/&a=1&ID=48cd_place=6949&cd_city=36> . Acesso em: 10 jun. 2006a.

GUIA DA SEMANA. São Paulo. Teen. **Parque do Piqueri**. Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/detail.asp63/Parque_do_Piqueri/TEEN/SAO_PAULO/&a=1&ID=16&cd_place=14150&cd_city=1>. Acesso em: 10 jun. 2006b.

GUIA DA SEMANA. São Paulo. Passeios. **Parque da Aclimação**. Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/detail.asp?ID=48cd_place=1156>. Acesso em: 10 jun. 2006c.

GUIDUGLI, O.S.; MASSO, M.C.S.DEL. **O Brasil Está Envelhecendo**. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/rioclaroenvelhece.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. Methods of Analysing Urban Recreation. In: **The GEOGRAPHY of Tourism and Recreation**: Environment, place and space. London: Routledge, 1999. p. 149-151.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cartas topográficas**. Escala: 1: 500.000.

INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA – IPAM. **Águas Limpas**. Disponível em: <http://ipam.org.br/eventos/aguas_limpas.php>. Acesso em: 06 mar. 2006.

LANDIM, P. C. **Desenho de Paisagem Urbana**. As cidades do interior paulista. Bauru: Editora Unesp, 2003.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. **Geografia**: homem e espaço: A organização do espaço brasileiro. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. (Livro didático, 6. série).

MACHADO, L. M. C. P. **A Serra do Mar Paulista**: Um Estudo de Paisagem Valorizada. 1988. 312 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1988.

MENDONÇA, E. M. S. A Percepção Ambiental na Introdução ao Estudo Urbano: Registro, Análise e Projeto. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2002. p.79 - 87.

- MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Descubra Minas**. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/destinosturisticos/hpg_pagina.asp?id_pagina=1995>. Acesso em: 02 jun. 2006.
- MOITA, L. R.; VIEIRA, M. L. A percepção da paisagem através dos sentidos. In: SEMINÁRIO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 5., 2005, Rio Claro. **Pós Graduação em Geografia e Mercado de Trabalho**. Rio Claro: AGETEO, 2005. 1 CD ROM. p. 736-742.
- MOREIRA, I. **Construindo o Espaço Mundial**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Livro Didático, 4).
- OLIVEIRA, L. de et al. Representação de um lago na escala 1:1. Separata de: **Estudos Cognitivos**, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 37- 48, 1976.
- PIAUÍ. Governo do Estado. **Matéria Especial**. Disponível em: <http://www.pi.gov.br/materia_especial>. Acesso em: 02 dez. 2006.
- PONTOS BR. **Usina Hidrelétrica de Sobradinho**. Disponível em: <<http://www.pontosbr.com/detalhes.php?cod=77>>. Acesso em: 15 jul. 2007.
- RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.
- RIO CLARO. Departamento Autônomo de Água e Esgoto de Rio Claro - DAAE. Histórico do Saneamento Básico de Rio Claro. **Revista DAAE**, Rio Claro, n. 30, dez. 1999. p. 01-15.
- RIO CLARO. Prefeitura Municipal. Arquivo Público e Histórico. **Catálogo Seletivo 1**. Rio Claro: Câmara Municipal, 1994.
- RIO CLARO. Prefeitura Municipal. **Planta da área central**, sem escala, 1990.
- RIO CLARO. Prefeitura Municipal. **Mapa de localização dos bairros do município de Rio Claro, SP**. Mapa base da Prefeitura Municipal de Rio Claro. Rio Claro: 1989. Escala: 1 : 10.000.
- RIO CLARO SESQUICENTENÁRIA. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, 1978.
- ROTA BRASIL OESTE. **Galeria de imagens rio São Francisco**. Disponível em: <<http://www.brasiloste.com.br/galeria/rio-sao-francisco/16>>. Acesso em: 09 fev. 2006a.
- ROTA BRASIL OESTE. **Galeria de imagens rio São Francisco**. Disponível em: <<http://www.brasiloste.com.br/galeria/rio-sao-francisco/32>>. Acesso em: 09 fev. 2006b.
- SOUZA, A. M. G. F. et al. **Diagnóstico da Água no Município de Rio Claro, SP**. Campanha da Fraternidade (CF) 2004: Água, Fonte de Vida. Trabalho apresentado à paróquia de São João Batista de Rio Claro: Rio Claro, SP, abr. 2004.

- TROPPEMAIR, H. **Atlas da Qualidade Ambiental e de Vida de Rio Claro, SP**. Rio Claro: IGCE/Unesp, 1992.
- TROPPEMAIR, H. **Metodologias Simples Para Pesquisar O Meio Ambiente**. Rio Claro, SP, IGCE/Unesp, 1988.
- TUAN, YI FU. **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, Editora Unesp, 2005.
- TUAN, YI FU. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, YI FU. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.
- TUAN, YI FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- TUNDISI, J. G. **Limnologia e Manejo de Represas**. São Carlos: EESC; Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada. 1988. (Monografias em Limnologia, 1).
- UNIVERSIDADE DA ÁGUA - UNIÁGUA. **Dicionário ambiental**. Disponível em: <<http://www.uniagua.org.br/website/default.asp?tp=38pag=dicionario.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2006a.
- UNIVERSIDADE DA ÁGUA - UNIÁGUA. **Água no planeta**. Disponível em: <<http://www.uniagua.org.br/website/default.asp?tp=38pag=aguaplaneta.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2006b.
- VALE VERDE. Associação de Defesa do Meio Ambiente. **Litoral Norte**. Disponível em: <<http://www.valeverde.org.br/html/lito.php>>. Acesso em: 23 maio 2006.
- VAN-DOREN, S.C. **Concepts and Methods in Outdoor Recreation**. Chicago: Maaroufa Press, 1974.
- VIEIRA, M. L. **Imagem turística de Itanhaém, litoral sul paulista**. 1997. 135f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.
- VIEIRA, M. L.; FERREIRA, R. C. **Áreas recreacionais do espaço intra-urbano: o Lago Azul de Rio Claro, SP**. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. 1997. Relatório Final.
- YÁZIGI, E. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R. C. A. (Org.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1999. p.133-155.

ANEXO I

QUESTIONÁRIOS

USUÁRIOS

1. IDADE ()
2. SEXO () feminino () masculino
3. GRAU DE INSTRUÇÃO _____
4. ÁREA DE RESIDÊNCIA – BAIRRO - _____
5. Possui alguma deficiência física? () SIM () Não Qual? _____
6. **Em relação aos serviços recreativos do espaço do Lago Azul, como usuário, considera-se:**
Muito Satisfeito () Pouco Satisfeito () Nada Satisfeito ()
7. **Quanto à sua acessibilidade ela se faz de que maneira: (Como chegou ao lago?)**
A Pé () Bicicleta () Carro () Moto () Transporte Coletivo () Outros ()
8. **Qual é seu tempo de deslocamento?:**
01 a 05 minutos () 06 a 10 minutos () 11 a 15 minutos ()
16 a 20 minutos () 21 a 25 minutos () 26 a 30 minutos () Mais de 30 minutos ()
9. **Quanto ao acesso, tem algum problema físico que não lhe permite assim fazê-lo?:**
sim () não () **Se sim, que tipo de deficiência você tem?:**
cegueira () surdez () deficiência física () outros ()
10. **Quais destes quesitos você pode considerar como atrativos no espaço recreativo do Lago Azul (variedade de atividades interessantes)?:**
Parque Infantil () Pedalinhos () Campos Diversos () Campo De Malha () Sorveteria ()
Águas Superficiais () Pesca () Viveiro () Trilha () Áreas Verdes () Shows ()
Eventos () Outros () _____
11. **Quais dos itens são razões de sua frequência no espaço recreativo do Lago Azul:**
Espaço () Segurança () Acessibilidade () Limpeza () Amabilidade dos funcionários ()
Horário de funcionamento () Condições dos equipamentos () Outros () Quais? _____
12. **Com que frequência você vai ao espaço recreativo do Lago Azul:**
Diária () Semanal () Mensal () Anual ()
13. **Quanto aos serviços prestados, e os atrativos físicos, você considera:**
Ótimo () Bom () Regular () Péssimo ()
Banheiros () Bebedouros () Lanchonetes/Outros ()
Parque Infantil () Campos () Áreas Verdes () Águas Superficiais ()
14. **Qual importância você dá (retrata) às águas do Lago Azul (o papel das lâminas d'água):**
Nenhuma () pouca () muita () atração () repulsão ()
Por quê? _____

15. Como cidadão, qual sua opinião a respeito da conservação do espaço do Lago Azul?

É obrigação das políticas públicas locais ()

É obrigação dos funcionários ()

É obrigação dos usuários ()

É obrigação de todos ()

Nda ()

16. Qual é seu conhecimento (sua percepção) a respeito da conservação do Lago Azul? - águas superficiais, áreas verdes, espaços de recreação, etc. – (em relação ao meio natural e construído grau de valorização do uso da área)

vivencia () não vivencia () não é importante () sabe da importância mas não faz nada ()

QUESTIONÁRIOS

NÃO USUÁRIOS

1. IDADE: ()

2. SEXO () feminino () masculino

3. GRAU DE INSTRUÇÃO _____

4. ÁREA DE RESIDÊNCIA – Bairro: _____

5. Possui alguma deficiência física que afete a acessibilidade de frequentar o Lago Azul?:

Sim () Não ()

Se sim, que tipo de deficiência você tem?:

() cegueira surdez () deficiência física outros ()

6. **Conhece o Lago Azul?.**

Sim () Não ()

7. **Já utilizou?:**

Sim () não () Por quê? _____

8. **Tem acesso? Sim () Não (). Como? _____**

9. **Qual a falta de conhecimento acerca das oportunidades das recreações existentes?**

Nenhum conhecimento sobre o local () pouco conhecimento ()

10. **Qual importância você retrata às águas do Lago Azul (o papel das lâminas d'água)?:**

Nenhuma () pouca () muita () atração () repulsão ()

11. **Você possui algum outro tipo de recreação?**

Sim () Não () Se sim, qual?

Clube () chácara () segunda residência () outro espaço de recreação () outros ()

12. **Como cidadão, qual sua opinião a respeito da conservação do espaço do Lago Azul?:**

É obrigação das políticas públicas locais ()

É obrigação dos funcionários ()

É obrigação dos usuários ()

É obrigação de todos ()

Nda. ()

13. **Qual é sua percepção (conhecimento) a respeito da conservação em relação ao meio natural e construído (grau de valorização do uso da área)?:**

vivencia () não vivencia () não é importante () sabe da importância mas não faz nada ()

ANEXO II

Para refletir: ano 2070²⁴

Acabo de completar 50 anos, mas a minha aparência é de alguém de 85. Tenho sérios problemas renais porque bebo pouca água. Creio que me resta pouco tempo. Hoje sou uma das pessoas mais idosas nesta sociedade.



Recordo quando tinha 5 anos. Tudo era muito diferente. Havia muitas árvores nos parques. As casas tinham bonitos jardins e eu podia desfrutar de um banho de chuveiro por aproximadamente uma hora. Agora usamos toalhas em azeite mineral para limpar a pele.

²⁴ Texto publicado na revista “Crónicas de los Tiempos”, de Abril de 2002. Este texto com slide (aqui, são fotos) é exclusivo do site Ria Slides: endereço eletrônico: riaellw@globos.com



Antes, todas as mulheres mostravam as suas formosas cabeleiras. Agora, raspamos a cabeça para mantê-la limpa sem água.



Antes, meu pai lavava o carro com a água que saía de uma mangueira. Hoje, os meninos não acreditam que utilizávamos a água dessa forma.

Recordo que havia muitos anúncios que diziam para CUIDAR DA ÁGUA, só que ninguém lhes dava atenção. Pensávamos que a água jamais poderia terminar. Agora, todos os rios, barragens, lagoas e mantos aquíferos estão irreversivelmente contaminados ou esgotados.



Imensos desertos constituem a paisagem que nos rodeia por todos os lados. As infecções gastrointestinais, enfermidades da pele e das vias urinárias são as principais causas de morte.

A indústria está paralisada e o desemprego é dramático. As fábricas dessalinizadoras são a principal fonte de emprego e pagam os empregados com água potável em vez de salário.



Os assaltos por um litro de água são comuns nas ruas desertas. A comida é 80% sintética.

Antes, a quantidade de água indicada como ideal para se beber era oito copos por dia, por pessoa adulta. Hoje só posso beber meio copo.

A roupa é descartável, o que aumenta grandemente a quantidade de lixo. Tivemos que voltar a usar as fossas sépticas como no século passado porque a rede de esgoto não funciona mais por falta de água.

A aparência da população é horrorosa: corpos desfalecidos, enrugados pela desidratação, cheios de chagas na pele pelos raios ultravioletas que já não têm a capa de ozônio que os filtrava na atmosfera.

Com o ressecamento da pele, uma jovem de 20 anos parece ter 40.



Os cientistas investigam, mas não há solução possível. Não se pode fabricar água, o oxigênio também está degradado por falta de árvores, o que diminuiu o coeficiente intelectual das novas gerações.

Alterou-se a morfologia dos gametas de muitos indivíduos. Como consequência, há muitas crianças com insuficiências, mutações e deformações.

O governo até nos cobra pelo ar que respiramos: 137 m³ por dia por habitante adulto. Quem não pode pagar é retirado das "zonas ventiladas", que estão dotadas de gigantescos pulmões mecânicos que funcionam com energia solar. Não são de boa qualidade, mas se pode respirar. A idade média é de 35 anos.

Em alguns países restam manchas de vegetação com o seu respectivo rio que é fortemente vigiado pelo exército. A água tornou-se um tesouro muito cobiçado, mais do que o ouro ou os diamantes.

Aqui não há árvores porque quase nunca chove. E quando chega a ocorrer uma precipitação, é de chuva ácida.



As estações do ano foram severamente transformadas pelas provas atômicas e pela poluição das indústrias do século XX. Advertiam que era preciso cuidar do meio ambiente, mas ninguém fez caso.

Quando a minha filha me pede que lhe fale de quando era jovem, descrevo o quão bonitos eram os bosques. Falo da chuva e das flores, do agradável que era tomar banho e poder pescar nos rios e barragens, beber toda a água que quisesse. O quanto nós éramos saudáveis!

Ela pergunta-me:



Papai! Por que a água acabou?

Então, sinto um nó na garganta!

Não posso deixar de me sentir culpado porque pertenço à geração que acabou de destruir o meio ambiente, sem prestar atenção a tantos avisos. Agora, nossos filhos pagam um alto preço...

Sinceramente, creio que a vida na Terra já não será possível dentro de muito pouco tempo porque a destruição do meio ambiente chegou a um ponto irreversível.

Como gostaria de voltar atrás e fazer com que toda a humanidade compreendesse isto...

...enquanto ainda era possível fazer algo para salvar o nosso planeta Terra!